

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NEOLIBERALISMO, FUNDAMENTALISMO E
ANIQUILAMENTO DO SUJEITO: ANÁLISE A PARTIR DE
HINKELAMMERT

VANDERSON BATISTA DOS SANTOS

PIRACICABA - SP
2020

**NEOLIBERALISMO, FUNDAMENTALISMO E
ANIQUILAMENTO DO SUJEITO: ANÁLISE A PARTIR DE
HINKELAMMERT**

VANDERSON BATISTA DOS SANTOS

ORIENTADOR: PROF. DR. ALLAN DA SILVA COELHO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

**PIRACICABA - SP
2020**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecária: Joyce Rodrigues de Freitas - CRB-8/10115.

S237n	Santos, Vanderson Batista dos Neoliberalismo, Fundamentalismo e aniquilamento do sujeito: Análise a partir de Hinkelammert / Vanderson Batista dos Santos. – 2020. 154 f. : il. ; 30 cm Orientador: Prof. Dr. Allan da Silva Coelho. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, História e Filosofia da Educação, Piracicaba, 2020. 1. Neoliberalismo. 2. Fundamentalismo. 3. Educação. I. Santos, Vanderson Batista dos. II. Título. CDD – 370.19
-------	--

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daner Hornich – UNISAL

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa - UNIMEP

Prof. Dr. Allan da Silva Coelho - UNIMEP

À minha linda esposa Regiane, aos amados filhos Beatriz e Felipe, pelo apoio incondicional e constante incentivo.

Essa conquista pessoal tem valor e sentido por vocês existirem!

Ao meu amigo e orientador Dr. Allan, por essa ímpar oportunidade proporcionada e assertiva orientação realizada, além de minha imensa gratidão e carinho à sua família (meus amigos) que me acolheram em seu lar, Fernanda, Maria Clara e Pedro Caetano, para concretização dessa jornada. Estarão sempre em minhas orações!

AGRADECIMENTOS

Como homem de razão e fé, cujos os estudos só foram possíveis devido a formação humana e religiosa ofertada, inicialmente, pela Ordem Religiosa dos Padres Teatinos, em especial meus queridos reitores e amigos Pe. Osman e Pe. Lucas Miguel. Espero um dia poder retribuir o favor! Deus os abençoe!

Em princípio, manifesto minha gratidão aos diversos atores, família, amigos, colegas e professores, que acreditaram em minhas possibilidades no desenvolvimento de pesquisa para fins de mestrado.

Sou imensamente grato ao meu amigo e orientador, Professor Doutor Allan da Silva Coelho, pelo incentivo e empenho na condução das aulas e orientações neste trabalho e também, pelo acolhimento junto a sua estimada família (meus amigos), Fernanda, Maria Clara e Pedro Caetano, durante o desenvolver deste valoroso período de mestrado.

Demonstro minha admiração, respeito e gratidão à Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, aos meus colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, em especial Cornélio Mucache, Luiz Marcos, Rafael de Paula e suas famílias pelo apoio, carinho e acolhida. Que a caridade continue preenchendo seus corações!

Expresso meus agradecimentos ao Centro de Educação Técnica e Tecnológica Paula Souza (professora Laura Laganá e setores administrativos), pelo apoio e incentivo em minha formação profissional. Em especial a Cetec (professor Almerio e equipe) e Supervisão Educacional (professora Sônia Fernandes, professora Sabrina e equipe) e em evidência a equipe Geped (Amneris, Ana Paula, Patrícia, Priscila, Márcio, Renata e Tereza). Minha gratidão e respeito!

Exprimo meu penhor a Etec Adhemar Batista Hemeritas (ex-diretora Fúlvia, diretor Milton e equipe) e aos professores, em especial professora Doralice e Guilherme, e aos alunos pelo apoio nesse percurso formativo.

Profiro meus agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela confiança em meu projeto de pesquisa e contribuição para o desenvolvimento da pesquisa brasileira.

Por fim, agradeço à minha família, meu amigo e pai Vanderlei Batista dos Santos, que contribuiu imensamente com essa formação, minha amada e admirada mãe Claudeth Garcia Veiga, minha fonte de inspiração para os estudos, ao meu valoroso irmão Jeferson Batista dos Santos, pela parceria de sempre, a minha querida madrastra Geralda Cândido Ribeiro, pelo carinho e apoio incondicional, e, por fim, aos amigos pessoais, em especial Edgar Castro Ramos, pelo apoio emocional e acadêmico que me deram ao longo do desenvolvimento desse curso e da elaboração desta dissertação.

“La utopía del cielo de la competencia perfecta es transformada en una promesa vacía del futuro, en nombre de la cual cada paso destructivo del sistema neoliberal es celebrado como un paso inevitable a un futuro mejor. No hay inhumanidad que no se pueda cometer bajo la protección de este escudo utopista”.

Franz Hinkelammert

“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina”.

Paulo Freire

RESUMO

A presente dissertação foi construída com intuito de refletir, pesquisar, analisar e responder à pergunta norteadora de investigar que mudança o neoliberalismo promove no ser humano que o conduz a sua objetificação e sujeitização impedindo a formação do sujeito na atualidade? Para refletir a construção do caminho dessa dissertação foi adotado como tema: Neoliberalismo, Fundamentalismo e Aniquilamento do Sujeito: análise a partir de Hinkelammert. Dessa maneira, realiza-se a reflexão sobre neoliberalismo e suas implicações na construção do sujeito atual. A pesquisa se justifica frente a necessidade em estudar, analisar, refletir e investigar o sistema neoliberal e a crise de sentido emocional e social da qual se encontra o sujeito neste contexto, sendo educado para responder positivamente em cumprimento dos anseios de acumulação e expansão do lucro mercadológico e consumista. Ao analisar o sujeito racionalizado, útil, eficiente, proativo, flexível, empreendedor proposto pelo neoliberalismo como condição para realização do projeto de vida, nos deparamos com centenas de milhares de sujeitos sujeitizados, objetificados, excluídos, pauperizados e aniquilados vítimas da lógica do sistema capitalista neoliberal. Este trabalho também se destina a pesquisa para a relação existente entre neoliberalismo e fascismo que a princípio se fazem excludentes ideologicamente, entretanto, após um olhar mais apurado se apresentam muito próximos, principalmente em suas ações oligárquicas, ditatoriais, autoritárias, dogmáticas, contraditórias, higienistas, exterminadoras de oposições, aniquiladoras dos pauperizados e indesejáveis. A dissertação dialoga com autores referência no âmbito educacional visando compreender os impactos da formação neoliberal e a constituição do sujeito objetificado e sujeitizado, servil do neoliberalismo e defensor de sua doutrina baseada no individualismo, privatismo, meritocracia, competitividade, exclusão, aniquilamento dos pauperizados. Em contribuição com a reflexão afirma Paulo Freire (1987) que o projeto educacional neoliberal está alicerçado na lógica da “Educação Bancária”, a serviço do capital em detrimento do conhecimento e da “vida lograda” (inteira), vida possível de ser vivida com o outro e comunitariamente, em diálogo com Hinkelammert (2017). A pesquisa se aprofunda nos capítulos respondendo à pergunta norteadora com reflexões dialógicas promovidas pelos diversos autores e principalmente por Franz Hinkelammert, sobre o problema central desse trabalho evidenciando a exclusão, desigualdade e violência social, promovida intencionalmente pelo sistema neoliberal como meio para atingir aos fins de obtenção de lucro e exacerbar o consumismo impulsionador do “desencantamento da vida”, Sung (2012) em diálogo com Hinkelammert (2017), do sujeito objetificado e sujeitizado, negando a este sujeito a possibilidade de viver fora do fetiche escravista, de viver uma “vida lograda” (inteira), uma vida possível de ser vivida sem o medo da morte estrutural promovida pelo sistema capitalista neoliberal. A dissertação foi realizada por meio de análise e revisão bibliográfica na abordagem da Teoria Crítica, tensionando o modo de vida neoliberal atual em investigação sobre as influências do modelo fascista, voltado para aniquilamento do sujeito indesejável na perspectiva de Franz Hinkelammert.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Fundamentalismo, Educação, Sujeito, Aniquilamento.

ABSTRACT

The present dissertation was built with the intuition of reflecting, researching, analyzing and answering the guiding question of investigating what change does neoliberalism promotes in the human being that leads to its objectification and subjectification preventing the formation of the subject today? To reflect the construction of the path of this dissertation was adopted as the theme: Neoliberalism and Subject in the Critique of Franz Hinkelammert. Thus, the reflection on neoliberalism and its implications for the construction of the current subject is realized. The research is justified in view of the need to study, analyze, reflect and investigate the neoliberal system and the crisis of emotional and social meaning of the subject in this context, being educated to respond positively in fulfillment of the aspirations of accumulation and expansion of profit, market and consumerist. Analyzing the rationalized, useful, efficient, proactive, flexible, entrepreneurial subject proposed by neoliberalism as a condition for the realization of the life project, we are faced with hundreds of thousands of subjects subjected, objectified, excluded, pauperized and annihilated by the logic of the capitalist system neoliberal. This work is also intended for research on the relationship between neoliberalism and fascism that at first become ideologically excluding, however, after a closer look they are very close, especially in their oligarchic, dictatorial, authoritarian, dogmatic, contradictory actions hygienists, exterminating oppositions, annihilating the pauperized and undesirable. The dissertation dialogues with authors reference in the educational field aiming to understand the impacts of neoliberal formation and the constitution of the objectified and subjected subject, servant of neoliberalism and defender of its doctrine based on individualism, privatism, meritocracy, competitiveness, exclusion, annihilation of the pauperized. Contributing to the reflection, Paulo Freire (1987) states that the neoliberal educational project is based on the logic of “Banking Education”, at the service of capital to the detriment of knowledge and “successful life”, a life that can be lived with one another communally, in dialogue with Hinkelammert (2017). The research goes deeper in the chapters answering the guiding question with dialogical reflections promoted by the several authors and mainly by Franz Hinkelammert, about the central problem of this work evidencing the exclusion, inequality and social violence, intentionally promoted by the neoliberal system as a means to achieve profit-making ends and exacerbate consumerism driving the “disenchantment of life”, Sung (2012) in dialogue with Hinkelammert (2017), of the objectified and subjected subject, denying this subject the possibility of living outside the slave fetish, of living a “ a successful life ”, a life that can be lived without the fear of structural death promoted by the neoliberal capitalist system. The dissertation was carried out through analysis and bibliographical revision in the Critical Theory approach, tensioning the current neoliberal way of life in investigation about the influences of the fascist model, aimed at annihilation of the undesirable subject in the perspective of Franz Hinkelammert.

Keywords: Neoliberalism, Fundamentalism, Education, Subject, Annihilation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PRIMEIRO CAPÍTULO	15
NEOLIBERALISMO E SEU DESDOBRAMENTO NO SÉCULO XXI	15
1.1. HINKELAMMERT E A CRÍTICA AO NEOLIBERALISMO	31
1.2. NEOLIBERALISMO E A TRANSCENDÊNCIA IMPERIAL	37
1.3. FUNDAMENTALISMO NEOLIBERAL	48
CONSIDERAÇÕES DO PRIMEIRO CAPÍTULO	55
SEGUNDO CAPÍTULO	61
AS CONSEQUÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO E O SUJEITO EM FRANZ HINKELAMMERT	61
2.1. NEOLIBERALISMO E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO	66
2.2. ANIQUILAMENTO: NEOLIBERALISMO E FASCISMO	76
2.3. RACIONALIDADE FORMAL CAPITALISTA FRENTE A RACIONALIDADE MATERIAL EM HINKELAMMERT	87
CONSIDERAÇÕES DO SEGUNDO CAPÍTULO	95
TERCEIRO CAPÍTULO	100
SUJEITO PRECÁRIO DO MERCADO NEOLIBERAL DESEQUILIBRADO	100
3.1. O SUJEITO VIVO NO ESPAÇO NEOLIBERAL OBJETIFICADO	110
3.2. HINKELAMMERT: SUJEITO SUBJETIVO E A REPRODUÇÃO DA VIDA REAL	122
3.3. SUJEITO ALTERNATIVO ANTINEOLIBERAL	134
CONSIDERAÇÕES DO TERCEIRO CAPÍTULO	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado se propõe a refletir o conceito de “neoliberalismo” no século XXI, por meio de análise do capitalismo. O texto se ancora na perspectiva do materialismo histórico dialético, na ótica crítica de Franz Hinkelammert, economista alemão engajado na crítica ao capitalismo neoliberal e a sujeitização do povo latino-americano.

A ideologia neoliberal surge na década de 70, reflexo da crise econômica de 1929 (quebra da bolsa de valores) e Guerras Mundiais.

Tal sistema se apresenta como uma ideologia proposta por economistas, dentre eles, Ludwig Heinrich Edler von Mises na primeira metade do século XX em sua obra “Liberalismus” de 1927, que pode ser considerada a obra fundacional do pensamento neoliberal, uma vez que ela define uma forma de liberalismo radicalmente oposto ao social, em geral, a todas as concepções que são denominadas “socialistas” e Friedrich Von Hayek em sua obra “O caminho da servidão” lançado em 1944 que deu início ao movimento neoliberal. Em sequência é realizada por Hayek a organização internacional dos adeptos ao pensamento e práticas neoliberais, conhecida como “Sociedade Mont Pèlerin”, cuja fundação ocorre na Suíça em 1947.

Os princípios do neoliberalismo se expandiram para América, se instalando principalmente nos Estados Unidos da América - Universidade de Chicago, em evidência apresenta-se o economista Milton Friedman e no Chile foi implantado pelo governo de Augusto Pinochet.

Esta pesquisa se propõe a analisar os elementos do neoliberalismo alicerçado no fetichismo da mercadoria presente nas relações do sujeito na ótica crítica de Franz Hinkelammert em que a coisa ganha vida e valor superando a estima dos seres vivos em primeiro lugar.

A afirmação se justifica com o crescente reflexo do mercado na atualidade, de desemprego, violência, desmerecimento das lutas das minorias, aumento da desigualdade social, perseguição e ao apoio ao pensamento e ações ditatoriais de retirada de direitos sociais.

De acordo com Hinkelammert, a racionalidade neoliberal se torna nociva à vida, pois se perde o controle sobre os efeitos das ações. Assim, contribuindo para desencadeamento de problemas no equilíbrio da vida, como a exclusão de setores da população, devastação do meio ambiente, violência brutal e autoritarismo de morte.

Nessa perspectiva, esvai-se a ética da responsabilidade e se funda uma ética da satisfação da individualidade justificada apenas na eficiência.

Em acordo com o apontamento crítico de Hinkelammert, expõe o sociólogo Christian Laval:

O neoliberalismo não é apenas uma política econômica monetária, não é só austeridade... ele é muito mais do que isso. Trata-se de uma política, uma estratégia mesmo, que visa modificar a sociedade e transformar o “humano” enquanto tal. E transformar como? Procurando transformar justamente os seus valores, transformar as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ou seja, ele difunde um modo de relação capitalista do indivíduo consigo mesmo, fazendo com que cada indivíduo se considere um capital (LAVAL, 2019, p.01).

Por fim do primeiro capítulo, a dissertação se propõe a analisar reflexão sobre os tentáculos do neoliberalismo enquanto fundamentalismo neoliberal, o discurso religioso (campo da Ciência da Religião) e formação educacional como legitimadores das práticas, ou seja, antídoto da culpabilidade da miséria humana espalhada pelo mercado da desigualdade social neoliberal.

Nas páginas do segundo capítulo dessa escrita iniciamos utilizando como base literaturas críticas que discutam os princípios fascistas e sua relação com o neoliberalismo, ou seja, a filosofia de morte fascista na qual repousa a lógica oculta da aliança racionalista neoliberal.

Para esmerar a discussão, o pedagogo Henry Giroux expõe em sua obra “O neoliberalismo é a nova face do fascismo - A linguagem da educação neoliberal - 2008”, sua visão sobre o neoliberalismo afirmando os interesses do mercado neoliberal em privatizar, desregular, economicizar e submeter todas as instituições e relações que regem a vida diária, aos interesses da privatização, da eficiência, da desregulação e da conversão de tudo e todos ao estado de mercadoria.

Assim, em proposta de colaboração o pensamento de Giroux, a obra de Paulo Freire: “Pedagogia do Oprimido”, aponta as intenções de exclusão e manutenção do pensamento reprodutor de técnicas alienantes da proposta educacional neoliberal, refletindo como o educando e educador ocupam o mesmo espaço da partilha do conhecimento que liberta e produz autonomia contradizendo a lógica capitalista do sistema.

Argumenta Freire:

Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido” (FREIRE, 1987, p. 6).

A pedagogia do oprimido é educar para a liberdade, inadmissível para a educação das classes dominantes, dos incluídos e participantes do sistema capitalista neoliberal. O método de educação opressora é fundamental para propagação do fetiche consumista e obtenção do lucro.

Hinkelammert, apresenta nas páginas seguintes a crítica ao sistema capitalista neoliberal e sua negação em responsabilizar-se pelos aniquilados, assim, a desigualdade e exclusão são negadas e a ideologia de morte é apresentada como sendo parte da regra do jogo, onde os mortos são tratados apenas, como acidentes naturais.

Argumenta o economista Franz Hinkelammert:

[...] O reconhecimento “flexível” dos direitos humanos leva à imposição de regimes autoritários de repressão policial preferentemente nos países subdesenvolvidos. Os países trilaterais lhes impõem a extrema pobreza e que não se pode manter sem a repressão policial e o terror. [...] Impõe-se-lhes a necessidade de violar os direitos humanos, e se lhes critica esta mesma violação que além disso conta em boa parte com o assessoramento “técnico” dos próprios países centrais. O refinamento da tortura na última década na América Latina contava com assessores norte-americanos que transmitiram os conhecimentos adquiridos na guerra do Vietnam (HINKELAMMERT, 1983, p. 149).

De acordo com Hinkelammert, a flexibilidade dos direitos humanos faz parte das “armas ideológicas da morte”.

Na exposição do terceiro capítulo intenciona refletir sobre o a subjetividade do sujeito, sua precarização e sua relação com o mercado neoliberal, na qual propõe a materialização de um sujeito incompleto, objetificado mercadologicamente e coisificado, proposta que é refutada e criticada por Hinkelammert, tensionando a concepção do racionalismo neoliberal em contradição com a ética marxista volta a defesa dos direitos humanos, da vida do sujeito vivente.

Para Hinkelammert (1986), o sujeito está relacionado com o outro como sujeito na vivencia de dependência mútua que transcende a utilidade de produto estabelecendo vínculo de realização da vida em comunidade.

Em leitura e interpretação de Hinkelammert, Jung Mo Sung menciona:

Para ele o conceito “sujeito” não é um conceito que descreve ou se refere ao ser humano concreto que existe nas relações sociais e humanas – como parece ser nos pensamentos de Serrano, Tamez e outros/as –, mas sim um conjunto que sintetiza a potencialidade humana. Por isso, o sujeito não é uma substância – algo que existe e subsiste por si só ou em relações dentro de sistemas ou “redes” –, mas uma “ausência que grita”, uma potencialidade ou o conjunto de potencialidades que possibilita ao ser humano se opor e resistir à redução pretendida por sistema social dominante (SUNG, 2002, p. 80; 81).

Para Jung Mo Sung a afirmação do sujeito neoliberal objetifica o ser humano e o reduz a coisa, dessa maneira, somente envolvendo-se em coletividade, com o outro em luta social e política ele se transforma em um ator social dentro do sistema capitalista se afirmando como sujeito gritando, se opondo a lógica reducionista que torna sua vivência insignificante.

Dessa forma defende Hinkelammert, mencionado por Jung: “o sujeito [...] transcende a todas as suas objetificações, ainda que não possa existir sem elas” (1986, p. 254 apud 2002, p. 82).

Neste ímpeto, a pergunta que melhor exprime este trabalho é: Que mudança o neoliberalismo promove no ser humano que o conduz a sua objetificação e sujeitização impedindo a formação do sujeito na atualidade?

Destarte a presente pesquisa será realizada por meio de análise e revisão bibliográfica, analisando e criticando o modo de produção da vida material que condiciona o conjunto da vida econômica, política e social. Estrutura-se em um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Assim, será tensionado o modo de vida neoliberal atual impregnado de influências do modelo fascista, voltado para o aniquilamento do sujeito indesejável na perspectiva do economista Franz Hinkelammert.

Como base para escrita da dissertação serão utilizadas análises de algumas obras fundamentais para discutir esse trabalho, como: Adam Smith, Karl Marx, Ludwig Mises, Paulo Freire, Enrique Dussel, Friedrich Hayek, Cristian Laval, Pierre Dardot, Henry Giroux, Jung Mo Sung, Michael Löwy, Boaventura de Souza Santos, Olgária Matos, Glória Anzaldúa, Reginaldo Moraes, Allan Coelho, além de trabalhos auxiliares de pesquisa de mestrado e doutorado como os de Fernanda Malafatti da Silva Coelho, José Ailton Correia, Cornélio Raimundo Mucache.

A dissertação proposta dará um destaque específico para as obras de autores críticos ao sistema neoliberal, mas, principalmente as de Franz Hinkelammert, em suas

obras: *Armas Ideológicas da Morte*; *“El Grito Del Sujeto”*; *“El sujeto y la ley: El retorno del sujeto reprimido”*; *“Crítica a Razão Utópica”*, marcando a chave de leitura do autor Franz Hinkelammert, que apresenta a análise do “sujeito que irrompe nos cálculos de utilidade que subjazem a todas as forças compulsivas dos fatos: eu sou se você é; eu vivo se você vive” (2012, p. 320).

Essa apresentação trilhará uma via que é, ao mesmo tempo, crítica e transformadora do fetichismo contemporâneo, isto é, do automatismo do mercado que pesa sobre a vida, uma racionalidade econômica que produz injustiças e crimes como se fossem sacrifícios necessários ao progresso. Essa é a lei e a racionalidade de uma economia essencialmente voltada para o lucro, uma perspectiva que se alimenta da exploração e da exclusão do outro. “Eu sou se você não é.”

PRIMEIRO CAPÍTULO

NEOLIBERALISMO E SEU DESDOBRAMENTO NO SÉCULO XXI

No início do século XX, muitas forças ideológicas estavam borbulhando no âmbito político, econômico e social, culminando em diversos movimentos de enfrentamento, crise econômica e problemas sociais. Nesse contexto histórico de 1914 a 1989, foram deflagradas Grandes Guerras Mundiais.

Essas desastrosas empreitadas em busca da reafirmação do capital, em meio as crises geradas na subsistência mundial, estourou a ideologia de segregação e morte fascista na década de 20, com o discurso de enfrentamento e possível alternativa contra o liberalismo econômico, porém o que na prática se convergiu em manutenção e continuidade da política econômica da valorização do capital em detrimento da vida humana.

É nesse cenário de guerras, em especial na Guerra Fria, que se firmou como um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre as duas nações (Estados Unidos da América e União da República Socialista Soviética) e suas zonas de influência, um terreno fértil para a entrada da corrente de pensamento com proposta de solução imediata estruturada na culpabilização e exclusão do sujeito indesejável. Tal corrente ficou conhecida como: “neoliberalismo”.

O neoliberalismo ganha especial significado, uma vez que o seu surgimento representou uma forte e intensa reação ideológica contra os mecanismos estatais propondo a economia livre e aberta sem planejamento e voltada à promoção da ausência qualquer nacionalização e unicidade nas sociedades nacionais.

O chamado capitalismo avançado conhecido como neoliberalismo foi um renascimento do liberalismo econômico clássico principalmente na segunda metade do século XX. Foi a representação de um fenômeno verdadeiramente distinto do pensamento liberal inglês, pois contava com uma maior agressividade teórica, sobretudo, em um contexto histórico marcadamente diferenciado daquele em que os pensadores clássicos do liberalismo econômico expuseram suas ideias centrais, uma vez que o mundo estava, economicamente falido, politicamente dividido e socialmente abalado, o novo pensamento liberal ganha terreno para expor suas ideias.

Na visão de Hayek, o Estado representava uma grande ameaça à economia e a liberdade das pessoas. Suas ideias se tornam conhecidas e aceitas sob a justificativa que,

naquele momento da história, momento de realocação do papel dos governos e futuro, não somente de uma ou outra nação, mas do mundo, Hayek se apresenta como o caminho para o amparo social, estruturado na democracia que conduziria o velho continente, aos rumos do trabalho, crescimento econômico, desenvolvimento tecnológico e estabelecimento da liberdade e paz na somente na Inglaterra, mas em toda Europa, em todos os continentes.

A proposta ideológica do Império da Liberdade e das riquezas presente em todo o mundo, foi a de deixar para trás o pensamento desenvolvimentista econômico keynesiano, então em firme ascensão, pois é uma teoria econômica do começo do século XX, baseada nas ideias do economista inglês John Maynard Keynes, que defendia a ação do estado na economia com o objetivo atingir o pleno emprego.

Segundo Hayek, os movimentos políticos e teóricos estavam repletos de boas intenções iniciais, pois valorizavam o desenvolvimento econômico, a liberdade individual e de mercado, avanço tecnológico, competitividade comercial e individual, a meritocracia, e os investimentos no capital, menos os movimentos socialistas inspirados na experiência soviética, estes sim, legítimos signatários do totalitarismo, conduziram as sociedades ocidentais ao mesmo destino proporcionado pelo comunismo, fascismo e nazismo, ou seja, à mais completa servidão humana.

Desta maneira, o neoliberalismo ao desprezar todas as outras formas de pensar um mundo possível alegando que somente esse modelo de sistema econômico, que se traduziria em estrutura política, poderia conduzir a humanidade ao caminho da ordem e progresso econômico, com incentivo ao desenvolvimento tecnológico e ao sentido de vida sustentado pela liberdade de mercado, individualismo, privatização dos bens e serviços, competitividade e meritocracia, ou seja, aos olhos dos economistas Hayek, Friedman e outros adeptos do neoliberalismo, somente com a inexistência do Estado, o mundo poderia caminhar para o crescimento e desenvolvimento, sem qualquer preocupação com a desigualdade social.

Em contrariedade ao pensamento autoritário de Hayek, Friedman e outros neoliberais, alegando que somente o sistema neoliberal poderia conduzir o a humanidade ao sentido de vida, Paulo Freire acusa:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se

sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 1987, p. 20).

O pensamento neoliberal dominador arroga à ditadura dos discursos autoritários, salvacionista próprio das ideologias ultraconservadoras dos fascismo e nazismo, promovendo o desprezo e desumanização daqueles que pensam diferente, dos pobres e vítimas dessa lógica excludente, no entanto, o excluído combate a opressão, que só faz sentido com a libertação do fetiche consumista opressor por parte do oprimido, se tonando libertador.

Os neoliberais acreditavam ainda que, a desigual distribuição dos recursos naturais, bens e serviços, serviria de combustível para a humanidade, aprofundar a luta digladiadora de uns contra os outros, no entanto não explicaram que essa competição era uma extrema, de morte, pois somente os “vencedores” (merecedores), nas regras do neoliberalismo, teriam acesso a usufruir do sistema consumista e aos “perdedores” (indesejáveis), caberia à exclusão, ao trabalho escravo moderno, a perseguição e por fim, a aniquilamento.

Visando refletir sobre a legitimação científica da ideologia neoliberal, em seu artigo “Una crítica epistemológica al neoliberalismo ” (2019), o filósofo chileno Jorge Vergara Estévez, argumenta:

El neoliberalismo es un ‘sistema cerrado de enunciados’, que difieren completamente de los ‘sistemas abiertos de enunciados’ de la ciencia. Estos conceptos sobre sistemas provienen de la física, la biología y teoría general de sistemas. Hay sistemas físicos y conceptuales. “Sistemas cerrados: no presentan intercambio con el medio ambiente que los rodea, son herméticos a cualquier influencia ambiental (ESTÉVEZ, 2019, p.213).

A pesquisa de Jorge Estévez se debruça em examinar se o neoliberalismo é realmente científico, e chega à conclusão de que se trata de um sistema de afirmação fechada não aberta a dialética, portanto, ineficiente cientificamente.

Dessa maneira, Estévez reforça o argumento alegando que a “conclusión de este análisis es que el neoliberalismo como concepción del hombre y la sociedad no reúne las condiciones necesarias de la cientificidad de las ciencias sociales” (2019, p. 213).

Em contribuição com a reflexão sobre o neoliberalismo e sua relação com a ciência e educação social defende o pensador Paulo Freire:

Outro saber que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é de que, como experiência especialmente

humana, a educação é a forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser (FREIRE, 1996, p. 38).

Paulo Freire em contrariedade a afirmação neoliberal que se apresenta como uma ideologia que propõe olhar o mundo de um certo afastamento, certa maneira imparcial, de certo ponto de vista isento, defende não existir essa neutralidade, uma vez que quem observa parte de algum ponto histórico e com intensões políticas, ou econômicas, ou sociais, ou então, todos “juntos e misturados”. Dessa forma, se faz necessário diferenciar o que o neoliberalismo diz e o que ele realmente faz.

A proposta dos neoliberais é a redução do Estado para a condição de mínimo, entretanto se utiliza do Estado para sustentar seus investimentos privados, segregando e ampliando a desigualdade social, como afirmam Pierre Dardot e Christian Laval:

A luta generosa contra a pobreza fracassou porque dissuadiu os pobres de tentar progredir, ao contrário do que fizeram várias gerações de imigrantes. Manter os indivíduos em categorias desvalorizadas, fazê-los perder dignidade e autoestima, homogeneizar a classe pobre são alguns dos efeitos não desejados do auxílio social (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 206).

Para Dardot e Laval o neoliberalismo está carregado de várias contradições anticientíficas sustentado por interesses escusos e de morte (financiamento da indústria bélica, descaso com meio-ambiente, constantes guerras, aumento dos campos de refugiados no mundo, etc.).

Sustentando o discurso de Dardot e Laval, Estévez dialoga com a proposta de cientificidade de Hayek, explicando:

Por su parte, Hayek, otorga el carácter de “axiomas” a los enunciados universales que constituyen las premisas centrales de su argumentación. El filósofo chileno Jorge Millas ha denominado “pseudoaxioma” a la exclusión de la concepción de libertad-poder en la teoría de la libertad de Hayek. “Digo pseudoaxiomática porque un axioma es legítimo en cuanto permite la formalización rigurosa en un campo de conceptos y sistemas de proposiciones para el orden estrictamente formal del discurso (ESTÉVEZ, 2019, p.214).

De acordo com Estévez a reivindicação por axiomas universalização de premissas centrais do argumento é denominado como pseudoaxiomas por não realizar a

dialética, mas sim a alegação fundamentalista do pensar, reafirmando a ausência de cientificidade na proposta ideológica neoliberal de Hayek.

Essa ideologia socioeconômica neoliberal retoma aos antigos ideais do liberalismo clássico ao preconizar a mínima intervenção do Estado na economia, através de sua retirada do mercado, que de acordo com o filósofo Adam Smith em sua obra: “Riqueza das Nações” (1776), iria se regular automaticamente. A partir de 1970, teve início a implantação dessa doutrina econômica em diversos países.

O principal livro de combate usado pelo neoliberalismo é o “O caminho da servidão” que foi destinado aos socialistas de todo o mundo e todos aqueles que tenham uma pretensão em propor uma “terceira via”, ou seja, fundir o capitalismo e o socialismo. Hayek é marcado pela insistência na necessidade de guardar intactos os preceitos da sociedade aberta, criticando o Estado, que seria visto como destruidor da liberdade e da competição, princípios classificados como bases do desenvolvimento econômico e prosperidade humana.

Parafraseando Dardot e Laval (2016), a luta neoliberal está direcionada a política do Estado de Bem-Estar social, um dos preceitos básicos da social democracia e um dos instrumentos utilizados pelo keynesianismo para combater a crise econômica iniciada em 1929. Nessa política, apregoava-se a máxima intervenção do Estado na economia, fortalecendo as leis trabalhistas a fim de aumentar a potencialidade do mercado consumidor, o que contribuía para o escoamento das produções fabris.

A idealização da ideologia neoliberal ganha corpo com a junção de intelectuais e pensadores de várias áreas como a economia, cientistas, políticos e filósofos. Esse grupo lançou-se na contrariamente as orientações da primeira metade do século XX, atacando o Estado-providência ou Estado de bem-estar social (Estado como agente da promoção social, organizador da economia e das ações regulatórias do mercado).

Assim, argumenta Dardot e Laval: “Foi precisamente pela fixação e pela repetição dos mesmos argumentos que certa vulgata acabou impondo-se por toda a parte, em particular nas mídias, na universidade e no mundo político” (2016, p. 202).

Segundo os economistas Hayek, Milton Friedman os pensadores suíços do *Mont Pèlerin* o Estado impediria a liberdade individual e a competição das pessoas, primordiais para a prosperidade econômica e o desenvolvimento tecnológico de um país.

Ratificando a luta contra o Estado afirma Hayek:

Interrogo-me ainda, perplexo, sobre a razão pela qual os que de fato creem em liberdade neste país não só permitiram que a esquerda se

apropriasse desse termo quase insubstituível, mas chegaram a colaborar nessa manobra, passando a usá-lo em sentido pejorativo. Isso é lamentável sobretudo porque daí resultou a tendência de muitos verdadeiros liberais a se autodenominarem conservadores. É sem dúvida verdade que, na luta contra os adeptos do estado todo-poderoso, o verdadeiro liberal deve às vezes fazer causa comum com os conservadores. Em certas circunstâncias, como na Inglaterra de hoje, ser-lhe-ia difícil encontrar outro meio de trabalhar efetivamente pelos seus ideais (HAYEK, 2010, p. 17).

Os adeptos do Estado, na visão de Hayek, devem ser combatidos pelos verdadeiros liberais que rechaçam os conservadores, mas por conveniência, se unem a eles para alcançar seus objetivos.

Assim, em leitura a Dardot e Laval (2016) podemos assegurar que devido à crise econômica e aumento inflacionário em 1970, o grupo do Mont Pèlerin, ganhou força em suas ideias e propôs a solução ao afirmar que: os sindicatos e operários deveriam ser enfraquecidos, onde Estado controlaria os gastos públicos e cortariam os encargos sociais. Afirmou também que, a principal meta do Estado é manter a estabilidade monetária contendo os investimentos sociais e restaurando o desemprego por meio da criação de uma multidão industrial reserva para quebrar os sindicatos e sua luta por direitos ao operário.

O grupo neoliberal afirmou que o Estado deveria ainda, realizar uma mudança drástica fiscal e incentivar os investimentos privados, reduzindo os impostos sobre grandes fortunas e o capital, visando aumentar os impostos sobre o trabalho, consumo, comércio e renda individual.

Propõe, por fim, que o Estado não regulasse a economia, pois o próprio mercado assim o faria com sua razão, ou seja, o fim da participação do Estado na economia, imposição de uma rigorosa legislação anti-greve e incentivo ao programa privatização em todas as áreas,

Fomentando o entendimento e crítica ao neoliberalismo sustentam Dardot e Laval:

Não podemos esquecer, todavia, que não foi apenas a força das ideias neoliberais que garantiu sua hegemonia. Elas se impuseram a partir do enfraquecimento das doutrinas de esquerda e do desabamento de qualquer alternativa ao capitalismo. Elas se afirmaram sobretudo num contexto de crise dos antigos modos de regulação da economia capitalista, no momento em que a economia mundial era afetada pelas crises do petróleo. Isso explica por que, diferentemente dos anos 1930, a crise do capitalismo fordista resultou numa saída favorável não a menos capitalismo, mas, sim, a mais capitalismo. O principal tema dessa guerra ideológica foi a crítica do Estado como fonte de todos os

desperdícios e freio à prosperidade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 202; 203).

O neoliberalismo se aproveitou do momento histórico e desgaste econômico, político e social de um mundo em guerras para fazer valer sua ideologia com argumentos frágeis dotados de pouco cientificidade.

Segundo Hinkelammert, frequentemente os neoliberais fazem uso do princípio de autoridade para tentar validar suas afirmações da plausibilidade perfeita, argumenta:

Trata-se de conceito que se encontra em relação de negação com a função social de legitimação, para cuja explicação Berger o utiliza. A atividade de legitimação indica o seu contrário, a precariedade da realidade social, e, portanto, seu grau de ilegitimidade. Quanto maior é a ilegitimidade do nomos, maior é a sua atividade legitimadora. [...] Essa relação de negação entre a função social de legitimação e o conceito de legitimidade absoluta ou perfeita pode ser enfocada como contradição dialética da função social de legitimação. Essa função é contraditória, no sentido de que sua realização perfeita e cabal implica em seu próprio desaparecimento (HINKELAMMERT, 1986, p. 44).

A contradição neoliberal está em busca incessante na reafirmação. Procura legitimar-se, porém, de acordo com Hinkelammert, quanto mais essa tentativa é realizada de forma absoluta, em busca da perfeição legitimadora, mais precário e ilegítimo se torna a realidade social em que se está inserido, portanto, deixa de existir a função social.

Esse discurso neoliberal de acordo com Estévez, Dardot e Laval, Freire e Hinkelammert, se mostra pouco científico, ilegítimo academicamente, e absoluto e autoritário em suas afirmações não dialéticas. Nessa tentativa em impor-se a qualquer custo, o neoliberalismo continua apresentando sempre um paralelo ao liberalismo clássico e seu combate ao estado mercantilista visando apresentar justificativa legitimadora para suas ações como uma campanha antiabsolutista que teria somente mudados de roupagem, mas estariam munidos das mesmas intenções.

Esse discurso é um forte ataque ao keynesianismo (conjunto de instituições composta pelo Estado de bem-estar social, pela planificação e intervenção estatal na economia).

Para o geógrafo David Harvey (2005), um outro inimigo da doutrina neoliberal são as associações representadas pelos sindicatos e centrais sindicais. Tais associações coletivas dos trabalhadores são acusadas por esse sistema neoliberal de sabotar as bases das reivindicações salariais, além de serem os responsáveis em forçar o Estado a realizar

um crescimento político e econômico sem retorno aos trabalhadores, ou seja, pouco social.

Essa alegação neoliberal visa enfraquecer e a coletividade trabalhista e culpabilizá-los pelas contradições desse sistema capitalista autoritário e pouco científico.

Assim, aborda o geógrafo David Harvey:

Nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como as possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos. Se bem-sucedido, esse aparato conceitual se incorpora a tal ponto ao senso comum que passa a ser tido por certo e livre de questionamento (HARVEY, 2005, p.15).

De acordo com a crítica direcionada pelo neoliberalismo a esse sistema é a de que o “Estado forte” é oneroso e limita as ações comerciais, prejudicando aquilo que chamam de “liberdade econômica”. Além disso, a elevação dos salários e o consequente fortalecimento das organizações sindicais são vistos como ameaças à economia, pois podem aumentar os custos com mão de obra e elevar os índices de inflação. Dessa forma, os neoliberais defendem a máxima desregulamentação da força de trabalho com a diminuição da renda e a flexibilização do processo produtivo.

Outra premissa básica do neoliberalismo é o desaparecimento do Estado, ou seja, as privatizações. Nesse contexto defende-se que o Estado é um péssimo gestor e que somente atrapalha o bom andamento das leis do mercado que seria gerido pela “mão invisível”, conceito de Adam Smith em defesa do liberalismo clássico e que funcionaria pela lei da oferta e da procura, bem como pela livre concorrência.

Nesse sentido a função do Estado é apenas garantir a infraestrutura básica para o bom funcionamento e escoamento da produção de mercadorias e a intervenção na economia em tempos de eventuais crises.

Segundo Harvey, o Chile (América Latina) foi o primeiro país a implantar oficialmente no governo a experiência do neoliberalismo, defende:

Vale dizer que a primeira experiência de neoliberalização ocorreu no Chile depois do golpe de Pinochet no "pequeno 11 de setembro" (quase exatamente trinta anos antes do dia em que Bremer anunciou o regime a ser instalado no Iraque). O golpe contra o governo democraticamente eleito de Salvador Allende foi patrocinado por elites de negócios chilenas ameaçadas pela tendência de Allende para o socialismo. Foi apoiado por corporações dos Estados Unidos, pela CIA e pelo secretário de Estado Henry Kissinger. Reprimiu com violência todos os movimentos sociais e organizações de esquerda e desmontou todas as

formas de organização popular (como os centros comunitários dos bairros mais pobres) (HARVEY, 2005, p. 14).

O golpe no Chile rompeu com a democracia do governo de Salvador Allende e reprimiu violentamente qualquer movimento social, pensamento e organização de esquerda e popular, ou seja, a prática neoliberal Chilena trilhou os mesmos passos ditatoriais e violentos, historicamente falando, do fascismo italiano e nazismo alemão, guardadas a devida proporção cultural local, aniquilando qualquer adversário que estivesse voltado ao modelo de governo gerado pelas ideologias nacionalistas e desenvolvimentistas pelo populismo e comunismo.

É importante marcar que para Harvey, os Estados Unidos e a Inglaterra foram não somente as primeiras nações a gestarem a ideologia neoliberal implementarem, depois do Chile, como também se responsabilizaram em disseminá-la pelo mundo.

Refletindo sobre essa disseminação do discurso neoliberal, esclarece o filósofo Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes:

A argumentação neoliberal tem uma estratégia similar à do sermão. Primeiro desenha um diagnóstico apocalíptico e em seguida, apresenta uma receita salvacionista: forte ação governamental contra os sindicatos e prioridade para uma política anti-inflacionária monetarista (doa a quem doer) – reformas orientadas – para e pelo mercado, “libertando” o capital dos controles civilizadores que lhe foram impostos por duzentos anos de lutas populares (MORAES, 2001, p. 28).

A implantação do neoliberalismo no Chile foi imposta à força, por meio do fortalecimento de um regime ditatorial local liderado pelo general de ultradireita Augusto José Ramón Pinochet Ugarte em 1973-1990. Suas ações foram caracterizadas como ditatoriais e violentas, perpetuando o governo neoliberal autoritário de Pinochet por quase duas décadas no poder.

No entanto, o legado “pinochetiano” não se encerrou ali, pois o ditador neoliberal se manteve no poder posteriormente como senador vitalício, cargo que foi criado exclusivamente para ele, por ter sido um ex-governante, como explica o jornalista chileno Gilberto Villarroel (2006).

Na atualidade (2019), Villarroel afirma que o Chile enfrenta uma onda de protestos contra o governo neoliberal de Sebastián Piñera, que em resposta reagiu violentamente transformando as principais cidades do país em palco de guerra com dezenas de mortes e centenas de feridos. A principal causa das manifestações reside na

desigualdade socioeconômica, privatização e a baixa qualidade dos serviços públicos, principalmente do transporte e previdência.

Ratificando a situação atual do Chile esclarece o jornalista de periódico popular on-line de São Paulo, Ana Carolina Bermúdez: “O Chile é identificado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) como o país mais desigual entre seus membros e Piñera enfrenta acusações de corrupção, além de violação dos Direitos Humanos” (2019, s/p).

Em contribuição com a informação jornalística, argumenta Mariana - escritora da BBC News Brasil – online (2019, s/p), salientando essas consequências violentas, corruptas e autoritárias que estão espalhadas por toda América Latina em uma tentativa das nações, sem sucesso, em legitimar o modelo desigual do mercado capitalista neoliberal em aliança ao modelo militar aniquilador fascista de higienização dos pobres pauperizados e contrários politicamente.

Para auxiliar o entendimento do momento vivido pela América Latina, argumenta a jornalista da Mariana Sanches:

Em outros casos, o neoliberalismo foi colocado como alternativa a países extremamente dependentes e com economias em crise ou fragilizadas como o Brasil que nos anos 90 foram marcantes para a implementação do neoliberalismo através da privatização da maioria das estatais então existentes, com destaque para as empresas Vale do Rio Doce, a Telebrás e a Embratel. Assim, além de se comportar como uma corrente econômica, o neoliberalismo age também como um padrão social de comportamento (SANCHES, 2019, s/p).

A jornalista Mariana Sanches noticia as ações ditatoriais promovidas pelo neoliberalismo na América Latina visando legitimar seu modelo político-econômico aproveitando-se da fragilidade estrutural das nações para impor seu modelo privatista ditando o comportamento social das nações subjugadas.

Parafraseando Harvey (2005), até meados dos anos 70 a sociedade capitalista era orientada por dois grandes princípios: o primeiro é o princípio keynesiano de intervenção do Estado na economia por meio de investimentos e endividamento para distribuição da renda e promoção do bem-estar social, visando diminuir as desigualdades e o segundo é o princípio fordista de organização industrial que está baseado no planejamento, na funcionalidade do trabalho industrial, grandes linhas de montagem no mesmo espaço com formação de grandes estoques e orientados pela ideia de racionalidade e durabilidade dos

produtos e da política salarial e promocional visando aumentar a capacidade de consumo do povo.

Em diálogo com a filósofa Marilena Chauí (1997), o sistema econômico neoliberal é alvo de constantes críticas pelos pensadores da teoria crítica, sobretudo pelo processo de desregulamentação da força de trabalho e pelo enfraquecimento ou aparelhamento das forças sindicais, o que se traduziu em uma diminuição gradativa dos direitos trabalhistas e no padrão médio de vida da classe trabalhadora em todo o mundo, cujo exemplo mais evidente dessa lógica está nos Tigres Asiáticos (países extremamente industrializados da Ásia como: Hong Kong; Coreia do Sul; Singapura e Taiwan, mas com mão de obra extremamente barata fruto da ausência de leis trabalhistas).

A economia neoliberal nega os direitos aos trabalhadores que não usufruem ou tem as garantias limitadas de férias e demais prerrogativas de defesa da qualidade de vida do proletário, tudo isso para atrair empresas estrangeiras e assegurar os seus respectivos lucros.

Na atualidade, o neoliberalismo (ainda está em ação, por tanto mantém-se em constante estudo), nos apresenta um cenário perturbador, que nem mesmo seus idealizadores esperavam, uma vez que suas ideias só aumentaram a exploração, desigualdade e pobreza em todos os sentidos no mundo.

Parafraseando Marilena Chauí (1997), vejamos alguns exemplos político-econômicos de problemas do sistema neoliberal:

a) Desemprego Estrutural: o desemprego deixou de ser acaso, acidental, uma crise de conjuntura governamental e se tornou endêmico, pois o neoliberalismo não opera visando incluir toda sociedade no mercado de trabalho, logo, promove uma vasta exclusão no mercado de consumo.

Assim, afirma Chauí:

Essa exclusão se faz não só pela introdução da automação, mas também pela velocidade das mudanças tecnológicas. Como consequência, tem-se a perda de poder dos sindicatos e o aumento da pobreza absoluta (na América Latina há 196 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza; estudos da ONU preveem que haverá no ano de 2000, 312 milhões, se a renda per capita estagnar – serão 59,3% da população da América Latina) (CHAUI, 1997, p. 3).

Para Chauí, a característica fundamental do neoliberalismo é a exclusão, e isso ocorre por diversos mecanismo, motivos e justificativas para legitimar a miséria presente no mundo.

b) Capital Financeiro e Monetarismo: esse é o centro do sistema capitalista-neoliberal e contribuiu enormemente por valorizar o dinheiro, segundo Chauí é a mais “abstrata e fetichizada mercadoria” (1997, p. 3), ampliando a desvalorização do trabalho produtivo. Dessa forma, o poder do capital determina as relações, políticas, econômicas e sociais, cotidianamente, nas Nações mais pobres que dependem de empréstimos bancários para sobreviver nessa lógica de competição excludente.

c) Terceirização: o setor de serviços ampliou-se largamente passando a assumir o papel principal nas relações do mercado que deixou sua forma fordista centralizada em grandes indústrias produtivas e está operando por fragmentação das esferas com a compra de serviços. A referência deixa de ser material (concreta) e passa a ser imaterial (abstrata), assim desestabilizando a luta de classes que não consegue mais se perceber como uma unidade para travar suas lutas por direitos sociais, mas sim como muitas pequenas e frágeis unidades dispersas. Referência Marilena Chauí: “Como consequência, desaparecem todos os referenciais materiais que permitiam à classe operária perceber-se como classe e lutar como classe social, enfraquecendo-se ao se dispersar nas pequenas unidades terceirizadas espalhadas pelo planeta” (1997, p. 3; 4).

d) Ciência e Tecnologia: os cientistas e as máquinas vinculadas a inteligência artificial assumiram o papel fundamental na produção deixando de ser, somente, o sustentáculo do neoliberalismo convertendo-se em agentes de sua acumulação. De acordo com Chauí (1997), houve uma inversão do papel dos intelectuais, pesquisadores, técnicos na sociedade, deixando de desempenhar a função para a manutenção do planeta e relações da humanidade e passando a atuar como agente econômico diretamente subordinado ao sistema capitalista neoliberal.

Dialogando com Chauí, Hinkelammert (1986) em paráfrase entendendo que esse sistema vem aumentando a sua força e poder com o monopólio dos conhecimentos e da informação e legitimando, cada vez mais, sua prática aniquiladora do sujeito indesejável.

Para contradizer essa lógica instrumental científica e tecnológica, denuncia Hinkelammert:

Assim, encontra plano sentido o projeto de libertação que exige que as ciências empíricas se coloquem a serviço da realidade ao invés de estarem a serviço da ilusão transcendental. E não somente as ciências, mas também a política e toda a sociedade: elas devem servir ao homem e não a tais ilusões (HINKELAMMERT, 1986, p. 222).

O conhecimento para Franz Hinkelammert é vivo e está a serviço da edificação de um mundo real e possível do sujeito realizar seu projeto de vida.

e) Desestatização e Privatização: defesa do fim da relação do Estado em todas as áreas da sociedade (econômica, política e social) e incentivo da privatização das empresas particulares e dos serviços públicos, valorizando a individualidade e liberdade de mercado, que se regularia, porém isso nunca aconteceu, somente ampliou o desequilíbrio econômico, a corrupção política e a desigualdade social.

f) Transnacionalização: com a figura da ausência do Estado visto como rejeitado e dispensável as questões territoriais também se alteram, pois, o clássico imperialismo estruturado no colonialismo político-militar e geopolítica das áreas de influência, mas sim na lógica do Fundo Monetário Internacional – FMI e Banco Mundial, ditando as questões políticas, econômicas, jurídicas do mundo, operando com um único dogma proposto pelos neoliberais que é a estabilidade econômica e o corte do déficit público, porém, o que acontece é uma desestabilidade econômica com aumento da pobreza, desemprego, perda do poder de consumo pelas nações e ampliação do déficit, não somente público, mas individual com distância entre as realidades, o aumento dos bolsões de riqueza absoluta e pobreza extrema.

Chauí, defende:

A desintegração vertical da produção, tecnologias eletrônicas, diminuição dos estoques, velocidade na qualificação e desqualificação da mão-de-obra, aceleração do *turnover* da produção, do comércio e do consumo pelo desenvolvimento das técnicas de informação e distribuição, proliferação do setor de serviços, crescimento da economia informal e paralela, e novos meios para prover os serviços financeiros (desregulação econômica e formação de grandes conglomerados financeiros que formam um único mercado mundial com poder de coordenação financeira). A este conjunto de condições materiais precariamente esboçado aqui, corresponde um imaginário social que busca justificá-las (como racionais), legitimá-las (como corretas) e dissimulá-las enquanto formas contemporâneas da exploração e dominação (CHAUÍ, 1997, p. 5).

Essa lógica de dominação direciona as novas intenções do neoliberalismo, uma fragmentação socioeconômica estruturada e embasada pela ciência e tecnologia voltada ao capital financeiro e não a ética da vida humana e do planeta.

Nesse passo, tal ideologia é caracterizada como “pós-moderna” (um conceito ideológico definido pelo o filósofo Zygmunt Bauman (2006) como um estado de mudanças facilmente adaptáveis, moldáveis e capazes de manter suas propriedades

originais. As formas de vida moderna, segundo ele, se assemelham pela vulnerabilidade e fluidez, incapazes de manter a mesma identidade por muito tempo, o que reforça esse estado temporário das relações sociais).

A insegurança e a violência institucionalizada do mercado marcam a pós-modernidade. Essa insegurança leva a um crescimento das empresas de seguros de vida, entendidos não como seguro somente da vida humana, mas principalmente dos bens materiais fetichizados que nos cercam e ganham movimento e vida além da ética humana, atingindo até a relação com a morte, em que são comercializados os seguros funerários como uma grande necessidade de garantia de qualidade de vida.

A pós-modernidade é usada como camuflagem das intenções neoliberais político-econômicas de exploração da mão-de-obra humana para aquisição de capital e desenvolvimento tecnológico a serviço dos banqueiros e grandes corporações. Tem por intuito amenizar esta infausta ideologia capitalista sedimentada nos dogmas do fascismo aniquilador.

O neoliberalismo aliado às novas tecnologias impulsionou um novo tipo de divulgação em massa do “fetiche consumista”, chamado marketing, no qual não se vendem nem se compram produtos e mercadorias somente, mas sim, a ideia enfeitada do status quo, a imagem simbólica da satisfação, do prazer, da inclusão, do fantasioso “poder”, amparada pela sensação das relações efêmeras e frágeis devendo ser substituídas constantemente e rapidamente.

Clareando as ideias, reflete Hinkelammert:

Essa inversão crítica do fetichismo de Marx é uma confrontação com todo o racionalismo, que substitui por meras racionalizações de situações parciais. [...] Só tira as conclusões agressivas do pensamento que já em Max Weber estava expresso. A anti-utopia torna-se agressiva e declara fora da realidade científica toda a tradição da ciência. No plano da teoria econômica, essa posição foi levada a cabo primeiramente por F. A. Hayek; e posteriormente, com um cinismo inigualável, por Milton Friedman. Assim muda a análise da problemática do fetichismo. Em Marx era a análise de uma postura clássica racionalista, e a fetichização consistia na irracionalidade de fundo desse racionalismo ideologizado. Nesses pensadores atuais a postura racionalista desapareceu por completo, e o que aparece é um irracionalismo aberto e agressivo (HINKELAMMERT, 1983, p. 98; 99).

Argumenta Hinkelammert sobre a inversão neoliberal do conceito de fetiche em Marx, no qual o racionalismo é sobreposto por uma racionalização parcial e agressiva, ou seja, manipulado para legitimar os interesses do capitalismo neoliberal, ignorando a

realidade e tradição científica, ou seja, o neoliberalismo rompe com a racionalidade lógica para se afirmar como uma irracionalidade contraditória.

Em releitura ao ambientalista Philippe Pomier Layrargues (2005), podemos afirmar que a pós-modernidade manipulada pelo neoliberalismo esconde suas mazelas propositais naturalizando a desigualdade e culpabilizando o sujeito indesejável por sua pauperização, com a jogada de marketing chamada de: obsolescência perceptiva e planejada. A obsolescência perceptiva ocorre quando um produto ou serviço que funciona perfeitamente passa a ser considerado obsoleto devido ao surgimento de uma nova versão com estilo diferente ou com alguma alteração em sua linha de montagem.

Tal estrutura também é denominada de obsolescência psicológica ou de desejo, ela é um fenômeno de marketing e design usado para estimular o consumo, já à planejada ou programada consiste em criar um produto suficientemente resistente para que dure pelo período de garantia e ao mesmo tempo suficientemente frágil para que não dure demais.

Esse processo acontece na fabricação do material (literalmente planejado para estragar mais rápido) ou na elaboração do produto (que pode ser lançado agora propositalmente com menos funcionalidades somente para que daqui a um ano se lance nova versão com as funcionalidades completas, de forma que o consumidor troque um produto pelo outro).

Afirma Layrargues: “Isso quer dizer que hoje em dia, quando uma fábrica de eletrodomésticos, por exemplo, cria um novo produto, o faz de forma que a esse produto tenha uma durabilidade média 12 meses, mas não muito mais do que isso” (2005, p. 184).

Tal estratégia é usada pelas empresas para aumentar o consumo e fazer girar as engrenagens do mercado.

Layrargues (2005), ainda continua afirmando que a técnica do marketing cria uma necessidade de atualização de identidade do consumidor e a estratégia da obsolescência perceptiva atua mutuamente. Por um lado, a identidade do consumidor está em constante atualização graças às mudanças de tendências de estilo criadas pela obsolescência perceptiva; por outro lado, a obsolescência perceptiva encontra nessa demanda uma peça fundamental para o seu funcionamento.

A popularização desta ideia de obsolescência perceptiva foi atribuída a Brooks Stevens, um famoso designer de automóveis americano, a partir da década de 1960. De acordo com Layrargues (2005), a propaganda pensada por Brooks era de que os empresários deveriam induzir os consumidores através de estímulos a comprarem no

decorrer de um ano, e no ano seguinte os empresários iriam apresentar novos produtos que tornassem os produtos adquiridos anteriormente antiquados.

Alguns indivíduos se opusessem à estratégia de Brooks Stevens, preocupados com a ética, outros a reconheciam como forma legítima de garantir mercados e assim a redução do ciclo de vida dos produtos se tornou recorrente no universo empresarial até os dias de hoje.

De acordo com o Philippe Layrargues: “A obsolescência perceptiva acontece quando as pessoas são induzidas a consumir bens que se tornam obsoletos antes do tempo, tendo em vista que atualmente os produtos saem das fábricas com tempo de validade vencido” (2005, p. 184).

Argumenta o ambientalista:

A moda e a propaganda provocam um verdadeiro desvio da função primária dos produtos. Ocorre que a obsolescência perceptiva e a descartabilidade são hoje elementos vitais para o modo de produção capitalista, por isso encontram-se presentes no plano material como no plano simbólico (LAYRARGUES, 2005, p.184).

Segundo Layrargues, isso acontece porque os produtos fabricados atualmente duram muito menos tempo que os produtos de 10 anos atrás. Os produtos atuais são mais feitos para sofrerem corrosão em curto espaço de tempo e quando esses necessitam de consertos o produto na maioria das vezes é descartado ou armazenado dado que o seu conserto é dificultoso e custoso, pois faltam peças para reposição, uma vez que aquele modelo já está obsoleto e o valor não é compensatório em relação ao preço de um novo produto.

A ideologia de acumulação do capital sustentado pelo pós-modernismo ratifica o modo de ser do real fragmentado, no qual o centro está na individualidade, na diferença, superficialidade e velocidade como norteador das relações sociais. É o jogo da vida no mercado de ações, na qual as atitudes e emoções são egoístas, contraditórias, fragmentadas e destituídas de racionalidade e universalidade, estrutura da modernidade.

Destarte, podemos atestar que a pós-modernidade neoliberal age na volatilidade valorizando a velocidade em que a informação e produções circulam causando um impacto do “novo”, enaltecendo a comunicação e desfavorecendo a força de trabalho, uma vez que se acredita que o produto enfeitado (televisão, computador, celular) fará a função e não se investe em melhorias formativas e salariais aos profissionais trabalhadores.

1.1. HINKELAMMERT E A CRÍTICA AO NEOLIBERALISMO

Franz J. Hinkelammert caracteriza a crítica neoliberal em seu caráter emancipatório que aborda suas temáticas não apenas por sua importância dentro do debate científico-social, mas também porque estão diretamente ligadas as formas de dominação, opressão, controle social, exclusão e aniquilamento do sujeito indesejável, pauperizado.

Assmann e Hinkelammert reafirma que na economia política a reprodução material da vida humana é a última instância de toda vida humana e de sua liberdade. Para eles: “[...] o homem ameaçado de morte ou morto, perde sua essência, uma vez que ele deixa de ser livre” (1989, p. 92).

A liberdade do ser humano depende totalmente da existência do ser, pois só podemos ser se vivermos, afirma Hinkelammert:

[...] a teoria do fetichismo não se dedica à análise dessas instituições específicas. Julga toda a liberdade do homem a partir de suas possibilidades de vida ou morte: o exercício da liberdade só é possível no âmbito da vida humana necessárias para produzir um produto material que permita a sobrevivência de todos [...] (HINKELAMMERT, 1983, p. 26).

No neoliberalismo, mundo burguês atual, as falhas da reprodução dos fatores de produção se fazem notar de uma maneira nova e com muito mais força impulsiva nos países dependentes ameaçando a estabilidade do centro que mudaram seu enfoque a essa política imperial. Dessa forma, argumenta Hinkelammert:

Trata-se dos grandes problemas do sistema da divisão mundial do trabalho, que desemboca, na progressiva destruição do meio ambiente e no malbaratamento desenfreado das matérias-primas. Todos estes problemas são resultantes dos fracassos da reprodução dos fatores de produção, e o desastre que podem provocar não é menor que o de uma guerra atômica. A existência mesma do sistema mundial está em jogo e possivelmente a da própria vida humana (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 92; 93).

O neoliberalismo e sua instabilidade alteraram o enfoque da política imperial colocando em risco a burguesia capitalista com sua política de destruição ambiental e exclusão e exploração do sujeito acirrando a desigualdade social culminando na violência estrutural e endêmica conduzindo, não somente os pauperizados a morte, mas todos os seres humanos em uma luta hobessiana aniquiladora de todos contra todos.

Esse sistema capitalista é incapaz de dar respostas aos problemas da sociedade política e econômica atual, principalmente ao enfrentamento as constantes crises que ele mesmo vem causando. A frustração causada pelo neoliberalismo tem poder de em pouco tempo conduzir a sociedade humana a sua própria destruição, segundo Hinkelammert:

Ao homem que morre de fome pode ensinar como escolher com seus recursos limitados a sepultura que lhe propicia a maior utilidade marginal, mas não lhe oferece escapatória da sepultura. No entanto, a burguesia imperial precisa de outras soluções. [...] Reprodução da vida humana, emprego, meio-ambiente têm que ter uma solução. Do ponto de vista da burguesia imperial, devem ser solucionados pelo menos num grau tal que o próprio possa se estabilizar (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 93).

Parafraseando Assmann e Hinkelammert, a economia política do mundo atual entrou em um “rápido processo de mudança que é produto da necessidade de interpretação dos problemas da própria reprodução do sistema” e que obriga o pensamento burguês a uma resignificação do pensamento neoclássico que até agora manteve o monopólio nas universidades e no ensino da economia.

O pensamento neoliberal parte do mercado como realidade. O mercado consistiria num conceito empírico e partir daí o pensamento liberal elabora seu quadro de categorias de modo polarizado apresentando conceitos limites que remetem à noção de caos e mercado perfeito ou concorrência perfeita. Mas, tanto o caos como a concorrência perfeita são conceitos não empíricos que englobam a realidade empírica, limitando-a. Trata-se de conceitos transcendentais em relação ao qual a realidade é interpretada, mas não são factíveis, são arbitrários, ou seja, são conceitos inexecutáveis que limitam a vida.

De acordo com Hinkelammert, o pensamento neoliberal repousa sobre uma confusão, pois sustenta tal tendência empírica em um conceito limite e transcendental não factível. Dessa maneira, o sujeito só pode atuar sendo sujeito vivo.

A vida requer condições materiais para ser possível. A escolha dos fins necessariamente está subordinada à vida do sujeito.

Nesse sistema deixa-se de lado a preocupação com os efeitos das ações sobre a sociedade e a natureza; o ser humano é simples ferramenta para a obtenção do lucro, principal objetivo do neoliberalismo para sua realização.

Dessa forma, a racionalidade neoliberal se torna nociva à vida, uma vez que se perde o controle sobre os efeitos das ações. Assim, contribuindo para desencadeamento

de problemas no equilíbrio da vida como a exclusão de setores da população, devastação do meio ambiente, violência brutal, autoritarismo de morte, entre outros.

Nessa perspectiva esvai-se a ética da responsabilidade com o próximo, comunitária, e se funda uma ética da satisfação da individualidade, excludente, justificada apenas na eficiência do sistema neoliberal meritocrático em selecionar apenas algumas pessoas para se realizarem como incluídos no fetiche do mercado e legitimar a exclusão e aniquilamento de uma imensa parcela da população.

A atual inversão dos direitos humanos terminando por se praticar condutas que ferem os direitos humanos, ou seja, em nome da moral, da família, do cidadão de bem, da ordem eu persigo e aniquilo aqueles que serão apontados como os vilões (Ex.: homossexuais, mulheres, negros, índios, estrangeiros, comunistas, entre outros) é o irracional justificado e tomado como racional, uma vez que tal perseguição não se justifica no argumento científico ou causal/ necessário em proteger a vida ou meios que garantem a vida, mas está amparado pela ódio excludente da indicação seletiva de alguns ditadores apropriadores do poder de quem deve viver ou morrer, segundo suas regras e leis.

Afirma Hinkelammert que a produção da morte do outro, do sujeito, contraria totalmente a ética do cuidado com a vida, então a simples racionalidade instrumental não serve. O grande desafio é questionar o interesse calculado e desenvolver o critério da racionalidade reprodutiva. Há de se pensar em como produzir, reproduzir e desenvolver a vida humana.

A ética coletiva negligenciada enaltece o surgimento da ética individual que só reconhece os valores ditados pelo mercado financeiro da acumulação de bens, propriedade privada e realização dos acordos e contratos mercadológicos, em que tudo gira em torno da mercadoria, inclusive a vida, negociada como produto utilizável e descartável.

Nesse sentido, acentuam Assmann e Hinkelammert que “Até os próprios Direitos Humanos são transformados em direitos de propriedade privada sobre si mesmo [...]” (1989, p. 108). As relações são validadas por meio de documentos e contratos aos olhos das regras do neoliberalismo dominante, visando o acúmulo de capital, o individualismo, a exploração, o lucro e mais lucro, pois fora desse formato não existe responsabilidade.

A vida não acordada, documentada, legalizada, aprovada pelo sistema capitalista neoliberal, pode e deve ser repudiada, combatida e aniquilada.

Em proposta de diálogo com Assmann e Hinkelammert, defende Paulo Freire em sua obra:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida (FREIRE, 1987, p. 20).

O oprimido melhor que ninguém entende o sentido de ser excluído, a incerteza do amanhã e o medo da perseguição. A libertação é um caminho a ser construído com conhecimento e luta contra a violência da oligarquia opressora.

Para auxiliar o entendimento da afirmação sobre o neoliberalismo dominante e a exclusão aniquiladora, exemplifico, citando alguns casos como: os mendigos, usuários de craque, favelados, presidiários, por não participarem da festa do consumismo fetichizado, são tratados como insignificantes, indesejáveis e culpados pela ética individual consumista, na qual o ter está acima do ser (a coisa antes da vida).

Portanto, esses indesejáveis devem ser dizimados com o aval do Estado (ausência de educação, falta de oportunidade de emprego, carência de remédios e tratamento médico, inexistência de moradia digna, negação do alimento básico e legitimação para os aparatos de segurança executarem os pauperizados) ou ainda, retirar todos os recursos de uma vida possível dos pobres lhes forçando ao suicídio. Esse neoliberalismo fascista higienista têm como premissa deixar os incluídos do sistema, “pessoas de bem” mais felizes e seguras.

Esta ética proposta é isenta de humanidade, volatizando a vida, deixando-a abstrata, propondo a privatização das ações éticas, afastando a relação das pessoas e a importância com o bem-estar social, passando a valer somente as relações individualistas de interesses exploratórios para obtenção de lucro mercadológico. São relações frias, baseadas apenas no dinheiro. Para auxiliar a enxergarmos esse movimento o teólogo Jung Mo Sung, discorre:

A negação do ser humano, ou outro princípio proposto por modernidade como critério último e universal, não significa que o mundo globalizado não necessite de um princípio universal para o seu funcionamento como sistema global. Nesse sentido, para o Pe. Manfredo Oliveira (2010, p.

230), “mortas as metafísicas e as religiões, o valor de troca passa a ser a única categoria universal em nossa interpretação de mundo”. Os bens e as riquezas valem mais do que os seres humanos, que se tornam refém de um sistema que só sobrevive estimulando ao infinito seus desejos (SUNG, 2017, p. 244).

Segundo Sung, em um mundo sem esperança as relações se tornam coisas utilizáveis e descartáveis no mercado fetichizado no qual o único valor está no dinheiro.

Na ótica de Assmann e Hinkelammert, afirmam que a relação ética com o mercado neoliberal exige uma “dureza de coração nunca vista, que transforma qualquer relação humana numa relação abstrata entre objetos” (1989, p. 109). A regra dessa relação é de negação do acesso aos bens e aos serviços, onde poucos podem ter acesso, partindo da premissa da exaltação do indivíduo que intenciona a destruição do outro, do semelhante.

No entanto, defendem Assmann e Hinkelammert, “o sistema capitalista neoliberal não atua somente na relação com a economia, mas com a religião também, uma vez que exige sacrifícios como condição ilusória de acúmulo de riqueza material e reconhecimento social” (1989, p. 109). Para eles, o sistema neoliberal transcende somente a ideologia econômica e ramifica para o âmbito teológico transformando a religião em mercadoria.

Assim, na atualidade, o mundo encontra-se com milhões de pessoas em condição de desemprego, entretanto o sistema não reage exigindo e propondo uma solução para essa condição de morte da dignidade, mas propõe que o sacrifício seja realizado, suportando essa relação, esperando que algum dia o mercado o recompense.

A ideia enfeitada utilizada pelo detentor do capital é de que se você trabalhar excessiva e exaustiva soma de horas por dia e semanas, suportando as dores da carne e da alma a serviço do capital um dia você também conseguirá riquezas e será merecedor do acúmulo de bens materiais enquanto na realidade, sem o fetiche, o discurso proferido pelo capitalista quer dizer que se você trabalhar até a exaustão suportando as dores da carne e da alma a serviço do capital, um ele (capitalista) ampliará ainda mais as riquezas expressas diretamente pelos bens materiais que possui.

Para auxiliar o entendimento a filósofa Olgária Chain Feres Matos, argumenta:

Com efeito, o trabalho vivo é, para Marx uma noção metaeconômica, pois na condição fundante do valor, como criador, é qualidade e, como tal, não quantificável. Impassível diante da quantificação, não tem valor. Assim também, o próprio salário é uma soma arbitrária, uma falsa contraprestação à força de trabalho inserida no mercado como mercadoria, uma quantidade que quer atribuir preço ao que não tem preço (MATOS, 2010, p. 272).

Matos discorre em Marx, sobre o valor do sujeito enquanto quantificável como produto com código de barras e prazo de validade a ser consumido e descartado. É a ausência da empatia com outro, é a ausência da ética solidária. É a coisificação da vida.

A ética individualista e meritocrática proposta pelo neoliberalismo sedimenta os números de miseráveis sobrevivendo das esmolas concedidas por esse sistema e da não abertura para a possibilidade de solucionar tal situação. Nessa relação, a caridade é um eufemismo para maquiar a perversa situação de injustiça praticada pela “pseudo justiça” desse sistema que cobra pagamentos para todas as ações sem misericórdia, pois, se a esmola é dada sem contrapartida a moral presente nessa lógica significa claramente ou implicitamente a retirada de dignidade daquele que recebe que passa a ser visto socialmente como incapaz de prover seu próprio sustento, portanto, é um coitado ou um fardo.

Em relação a quem concede a esmola, a relação é de alívio da culpa por participar dessa cruel e imoral situação de miseráveis presentes no sistema neoliberal, assim ele continua sendo um merecedor do capital e ao mesmo tempo das graças do reino de Deus da prosperidade, esse é o desafio da ética individualista, conseguir fazer nada frente à desigualdade e extrema pobreza. Assim, manifestam os pensadores da Libertação:

Por isso, a ética individualista, e mais ainda sua privatização, fala constantemente da mudança dos corações. Têm que mudar para adquirir a dureza de coração necessária para conseguir um sujeito capaz de sentir a destruição do outro como seu dever ético máximo. Esta ética não é passiva, mas extremamente ativa. É a ética da ação fabril e impiedosa nos mercados e passiva diante dos resultados desastrosos a que dá origem em relação aos outros. É uma ética agressiva contra qualquer compaixão ou misericórdia (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989 p.110).

Para eles, a ética capitalista egocêntrica é ativa e se realiza no aniquilamento de sentimentos como: bondade, compaixão, misericórdia e amor ao próximo. É petrificação do coração a ponto de se enxergar refletido como a morte no espelho.

Nesse sistema, a solidão é a marca registrada desse modelo de vida neoliberal, em que o indivíduo enfeitiçado pelo capital luta contra Deus e contra todos para manutenção desse sistema destrutivo, dessa máquina de explorar, segregar e matar.

O neoliberalismo, sustentado por suas regras nefastas, fundamentadas no discurso dos incluídos, que sabem o que é o certo e bom para as minorias excluídas, que são tratadas como incompetentes, desmerecedoras, imorais, impuras, fracas e indesejáveis.

Para entendermos a resistência, cito alguns movimentos históricos de luta como: o movimento feminista pelos direitos das mulheres, a luta pela igualdade racial dos negros, direito de ser do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros), o direito ao respeito e tratamento humanizado aos estrangeiros, direitos dos deficientes e portadores de deficiência, respeito e garantias aos direitos dos idosos, reconhecimento aos direitos das crianças e adolescentes.

Para o neoliberalismo Tanto faz matar os fetos ou matar os pobres, mas o direito de nascer se torna bandeira de humanização desse discurso a serviço do sistema imperialista, visando mascarar a investida de aniquilamento contra os marginalizados-indesejáveis já nascidos, que são marcados com o estigma determinado pelo sistema fetichizado do capitalismo neoliberal.

O capitalismo neoliberal se apresenta de muitas formas e em muitas culturas e contextos, ou seja, tudo aquilo ou aquele comportamento que obsta a obtenção do lucro, dos juros, do “ouro”, impostos propositalmente para justificar a usurpação dos recursos do próximo, criando padrões de inclusão e exclusão, separando os que prestam ou não prestam, os utilizáveis ou descartáveis no sistema. O ser humano é tratado como coisa, objeto de uso, do contrário serão rejeitados e descartados ao lixo da história da humanidade, na qual nem o próprio nome e sobrenome deve ser lembrado, os chamados “Zé ninguém” ou “Maria tanto faz”, é a invisibilidade do sujeito.

Nesse sistema neoliberal está liberado para perseguir, combater e aniquilar quem pense e aja diferentemente dessa política sustentada pela ganância e sede de poder (poder de decidir quem vive e quem morre). Contrário a esse olhar excludente que mata, os pensadores da libertação Assmann e Hinkelammert defendem: “Os povos não procuram uma morte disfarçada, mas sua possibilidade concreta de viver” (1989, p. 113).

1.2. NEOLIBERALISMO E A TRANSCENDÊNCIA IMPERIAL

O neoliberalismo e sua Teologia do Império aprecem fortemente nos Estados Unidos da América na década 70 e com o avanço do imperialismo bélico americano, tomada de territórios e vitória sobre União Soviética na guerra fria, estendendo-se para os diversos lados do mundo rapidamente em um processo conhecido como globalização.

O Estado burguês volta a assumir uma posição religiosa defrontando os grupos religiosos com seus aparelhos militarizados, tratando-se de uma teologia política do poder imperial americano.

De acordo com o teólogo Hugo Assmann e economista Franz Hinkelammert, em oposição à Teologia do Império está a Teologia da Libertação (TL) que surgiu na América Latina na década de 70 em defesa aos Cristãos no Chile. Esta influência não ficou somente na América Latina, mas se alastrou para os Estados Unidos da América como afirmou o vice-presidente dos Estados Unidos Nelson Rockefeller em 1968.

A Unidade Popular da TL remexeu o terreno para se tornar uma reação popular de massa contra o puritanismo hipócrita adotado pela ética da Teologia do Império que visa separar a política das preocupações religiosas.

A Teologia da Libertação dialoga com as massas e está engajada nesse movimento de fé e política entendendo e se apropriando da esfera econômica, política, religiosa, social e educacional.

Em contrapartida a TL, o neoliberalismo mantém uma tensão pelo poder e o lucro. Dessa maneira, quanto mais o povo estiver longe dessas questões, povo sem escola, sem conhecimento, sem participação, alienado em todos os âmbitos, menos condições eles têm para criticar e se libertar dessa condição de sujeito coisificado.

A Teologia do Império se apropria com seus mandos e desmandos imbricado no mundo do mercado inserido na lógica de ganhar dinheiro para agradar a Deus desconsiderando o âmbito coletivo e preocupados, prioritariamente, com seus ganhos e acúmulo de riqueza (usura e lucro) justificada pela ética puritana excludente.

Na Teologia do Império o feitiço nos olhos dos fiéis canaliza a preocupação em se inserir no sistema e sustentar suas posições por meio de uma leitura arbitrária (chamada de leitura literal) das sagradas escrituras, visando sustentar suas posições de acúmulo de capital, individualismo, exploração do outro, hierarquia, divisão de classes, zelo pela moral, manutenção de poder.

Esse movimento neoliberal está galgado no conservadorismo e surge fortemente nos Estados Unidos da América com o presidente Reagan na década 80, visando desmoralizar, enfraquecer e aniquilar a Teologia da Libertação e sua ideologia de promoção de igualdade social, defesa dos direitos humanos e pensamento em comum na política e economia

Tal conservadorismo neoliberal é antipopular, se aproximando dos interesses das elites apresentando enorme semelhança com os movimentos fascistas das décadas de 20 e 30 vivenciados na Europa, pregando a salvação aos “puritanos” (quem vive a teologia do Deus dinheiro), explorando os pobres fetichizados e perseguindo os indignos (a resistência).

Segundo Assmann e Hinkelammert (1989), esse encontro da Teologia do Império com o conservadorismo político é possível, uma vez que o neoliberalismo se funde em princípios fundamentalistas próprios do fascismo (nacionalismo extremo, desprezo pela democracia eleitoral e pela liberdade política e econômica, crença numa hierarquia social natural e no domínio das elites, concentração do poder nas mãos de um único líder, o uso da violência e o imperialismo) exteriorizando essa fusão por meio dos setores da sociedade, na qual está incluído o setor religioso. Dizem os pensadores:

Embora o neoliberalismo o vincule com outro tipo de ética privada, ambos têm uma oposição comum em relação à percepção da política e do Estado, por um lado, e da importância da busca do lucro e dos mercados, por outro lado. Isso permitiu chegar a uma coincidência entre o interesse político liberal e estas correntes fundamentalistas, o que tornou possível a transformação do fundamentalismo em movimento político, uma tarefa executada especialmente pela igreja eletrônica (ASSMANN; HINKELAMMERT, 1989, p. 99).

O fundamentalismo foi transformado e legitimado pelo neoliberalismo como movimento político próprio de um conservadorismo de massa, que segundo Hugo Assmann e Franz Hinkelammert é um “movimento de massa antipopular sumamente parecido com o que foram os movimentos fascistas dos anos vinte e trinta. São movimentos fortemente influenciados pela Igreja Eletrônica recentemente surgida, que assume, de fato, sua direção espiritual” (1989, p. 99).

De acordo com Hugo Assmann, a Igreja Eletrônica é um conceito que diz respeito a grupos religiosos nos meios de comunicação social, em especial no contexto da ascensão dos televangelistas norte-americanos, aplicados nas análises do atual contexto histórico, cultural, econômico, político e social.

Assmann e Hinkelammert, o neoliberalismo se aproxima do fundamentalismo em qualquer setor, lugar, partido, estrutura social, transformando tudo que toca em objeto, em coisa a ser consumida. Dessa forma, todos são aliados desde que estejam em busca do lucro e domínio dos mercados, movimento em que nem a igreja é poupada da mercancia de Deus e de seu reino.

Assim, preconizava-se o surgimento de governos que assumissem explicitamente posições religiosas e teológicas para basear nelas sua política imperial. Essa é uma resposta a lutas da Teologia da Libertação que está intimamente vinculada aos movimentos sociais da América Latina.

Os Estados Unidos da América (EUA) criam departamentos teológicos secretos como o *American Enterprise Institute*, com a função de inserir em todos os órgãos especialistas em teologia, inserindo nos discursos um determinado tipo de religiosidade.

Na atualidade, os governos do mundo, por exemplo o continente americano em evidência Estados Unidos e Brasil, estão nessa relação da teologia do império e conservadorismo político fascista persecutório e aniquilador.

O poder público está tomado pela bancada evangélica, bélica, ruralista, empresarial, com interesses em expandir seus poderes políticos e econômicos, promovendo a perseguição e a dilaceração dos “pagãos” (pobres, negros, homossexuais, estrangeiros, feministas, comunistas). É o modelo de “Inquisição” do Século XXI.

A Teologia do Império legitima a exclusão social promovida pelo neoliberalismo e sua expansão “pós” queda do muro de Berlim (1989), reforçando o discurso de dominação e exploração imperialista.

Segundo os teólogos Néstor Míguez, Joerg Rieger e Jung Mo Sung (2012), o império capitalista (governado por força do poder e da autoridade hegemônica dominadora) formada por estruturas políticas e econômicas se utilizando de mecanismos de disfarce como o marketing e a publicidade apelativa de incentivo ao consumismo impulsionado pela mídia, além da formação cultural e do discurso religioso consumista velado legitimado pela teologia da prosperidade (promessa de acumular e multiplicar bens materiais) justificando a usura em nome de Deus, ou seja, todas as estruturas da sociedade respondendo ao mesmo propósito de explorar e retirar os direitos do povo, acirrar a desigualdade econômica e social e exterminar os indesejáveis (os que pensam e criticam esse modelo neoliberal).

Na América Latina, um dos lugares descritos como o “mundo pobre”, foi imposto pela força dominante do mercado as novas fronteiras de uma ordem econômica, as quais reforçam a exclusão social.

Os países que são capazes de participar no mundo do mercado, desse sistema “fetichizado”, caracterizado por conta das mercadorias, ocultarem as relações sociais de exploração do trabalho, no sistema capitalista. De acordo com Marx: “Aí, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. É o que ocorre com os produtos da mão humana, no mundo das mercadorias” (1994, p. 81). O ter é mais importante que o ser, a coisa tem mais valor que a vida, para se esbaldar e se fartar com o alimento, a terra e o direito de viver, que deveria ser de todos, são somente aqueles países que atendem as regras

competitivas, meritocráticas, excludentes, aqueles que são aptos a produzir e consumir, pois, do contrário, estão fora da dinâmica econômica que é representada por “grilhões invisíveis”.

Parafraseando Míguez; Rieger; Sung (2012), ainda mais sutis que os grilhões de ferro visíveis, estão os grilhões invisíveis, uma vez que não acorrentam somente o corpo (pés e mãos), mas acorrentam também o pensar, o sentir, o desejar, a alma, fazendo do consumismo um ritual religioso de compra e acúmulo de bens materiais para satisfação imediata massageando o ego e convertendo o sistema neoliberal na única maneira de viver, uma vida que é descartável, volátil, substituída, irrelevante, em um processo cada vez mais rápido. Esse movimento se mantém com a alienação do olhar do sujeito em troca da “pente e espelho” impulsionando o fetiche promovido pelo capital.

Nesse sentido, para auxiliar a reflexão sobre o ritual religioso neoliberal elucidada a Míguez; Rieger; Sung: “O que está em jogo nesse ritual não é apenas o que se costuma criticar como “materialismo” ou consumismo; o material e o espiritual não se separam tão facilmente. Está em jogo a maneira como a subjetividade se forma nesses processos” (2012, p. 48; 49).

Interpretando Míguez; Rieger; Sung (2012), podemos afirmar que o sistema capitalista neoliberal ditou regras para o consumismo que o Estado têm sido incapaz de alterar, pois essas mesmas leis influenciam o mercado mundialmente. A lógica da ideia neoliberal induz a crença que o consumo desenfreado é única maneira de alcançar a felicidade e poder proporcionar a solução da vida das pessoas em todos os lugares. Essa visão embaçada conduz as pessoas a não valorizarem a coletividade e os laços de solidariedade fazendo-as mais individualistas e mesquinhas acentuando a competição e os preconceitos de uns contra os outros, principalmente a exclusão contra os mais pobres.

Com a globalização, o neoliberalismo se expande para as diversas nações, baseada em monopólios sustentados pelas nações dominantes com o objetivo imperialista de suprimir a cultura, educação, economia e política local vigente, visando implantar suas crenças-ideológicas.

Ao analisarmos o Brasil percebemos que similar ação de globalização neoliberal se mantém, na qual as pessoas que são capazes de produzir e consumir estão dentro das regras do mercado e aqueles que não podem tornam-se obstáculos ao sistema tornando-se inúteis e são simplesmente (visto com naturalidade) excluídos, descartados e aniquilados.

Em proposta de diálogo com Míguez, Rieger e Sung (2012), em sua obra: “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire acusa e indica quem são os opressores e quais as suas ações:

Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo. Quem inaugura a tirania não são os tiranizados, mas os tiranos. Quem inaugura o ódio não são os odiados, mas os que primeiro odiaram. Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas as que a negaram, negando também a sua. Quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram. Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros” os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à, violência dos opressores. (FREIRE, 1987, p. 27).

Os opressores jamais vão reconhecer suas vítimas e seu abuso de poder sobre o outro. O sujeito empobrecido, marginalizado, excluído sempre será visto pelo sistema imperialista neoliberal como vilão e responsabilizado pela opressão sofrida. Exemplo da mulher que é golpeada pelo homem e é acusada de culpada da agressão sofrida.

Para Freire a hipocrisia dos opressores disfarçada de generosidade serve para humilhar e sujeitizar o oprimido com maior intensidade sem peso na consciência.

Dessa maneira, o neoliberalismo tem de ofuscar essa aniquilação não provendo os recursos financeiros e acesso ao conhecimento reflexivo, crítico e libertador aos pobres e indesejáveis, perpetuando por meio do discurso individualista, meritocrático, coisificado e excludente, a dominação e escravidão da alma do ser humano que está fetichizado.

Propõe Míguez, Rieger e Sung (2012), uma definição de império como uma mescla de soberania de ordem nacional e supranacional não estabelecendo um marco central de localidade como era feito no conceito imperialismo, acentuando a diferença entre esses conceitos. Dessa forma, o império não tem fronteiras, pois está voltado para a descentralização e ausência de território arrogando para si o mundo inteiro. Para os autores, explicam:

O fim ou declínio da soberania do Estado-nação moderno teria levado consigo também a própria noção de transcendência no campo das relações produtivas e sociais, e até mesmo a justificação do Império e de todos e quaisquer atos no seu interior seria dada de forma imanente. [...] O capital exige, portanto não um poder transcendente, mas um

mecanismo de controle que reside no plano de imanência (MÍGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 93).

O Império neoliberal entende a transcendência para além das relações sociais e de trabalho não se importando com as consequências da transição de pensamento de um tempo para o outro, mas define a transcendência com a soberania moderna do Estado-nação se tornando um sistema da Teologia do Império com tentáculos não mais local, especificamente em uma área ou território, mas transitando em todas as esferas da vida e se tornando globalizado.

Em diálogo com Míguez; Rieger; Sung (2012), os filósofos Michael Hardt e Antônio Negri (2004), sustentam que o controle de operação do Império adotou como forma uma gama de estruturas nacionais e internacionais com uma única regra. O conceito de Império diferencia-se do conceito de imperialismo, pois o império não fixa um centro de poder com barreiras e fronteiras, enquanto o imperialismo é a continuidade da soberania do Estado-nação europeu.

Para Míguez; Rieger; Sung em conversa com Hardt e Negri, defende que o Império “[...] opera por três meios globais e absolutos que são: “bomba, dinheiro e éter” (2012, p. 94). O primeiro, a bomba cria uma violência metafísica, o dinheiro que compra a vida e o éter que é o mercado, que exerce o controle e administração das relações do Império.

Os autores Míguez; Rieger; Sung, sustentam ainda que esses três meios globais e absolutos estão sempre apontados à violência contra o pobre, contra aqueles que discordam do sistema, ao mesmo tempo em que está legitimando a violência do controle e dominação produzida pelo Império neoliberal (violência natural, purificadora, protetora, ordinária).

Acrescentam que os três meios de controle neoliberal apresentados estão fundamentados em nome da transcendência religiosa e da transcendência da soberania do Estado-nação, em que o mais forte faz violência legítima e justa (herói e defensor) e o mais fraco faz violência ilegítima e injusta (bandido e criminoso), sustentando Míguez; Rieger; Sung: “[...] até a “violência absoluta” é justificada em nome da manutenção da ordem imperial, em nome do próprio Império, não há nada que o transcenda e não há necessidade de nenhuma referência a uma instância ou valores transcendentais” (2012, p. 95).

Analisando essa afirmação, apresenta-se a primeira como heroica usada pelos aparelhos do Império e não existe nada que esteja transcendentalmente acima desse, é o

poder absoluto, arbitrário, contraditório, que reivindica o status de poder divino (a ordem global do Império abençoada por Deus) e combatente do poder demoníaco (a desordem rebelde do povo amaldiçoado por Deus), que se camufla no discurso daquele, que aniquila a vida de seu povo subvertido para defender a vida do seu povo de bem.

O poder do Império não está sustentado somente pela realidade materializada do Estado-nação, mas sim, e principalmente, pelo poder transcendental da dominação por meio de um universo de significados como uma linguagem religiosa (não declarada) e secularizada que une a situação de vida deplorável do povo a uma linguagem superior, sagrada e imaculada.

Com o uso do discurso da imagem de Deus o Império ganha um semblante de legítimo de unicidade, longevidade, solidez, imortalidade. Esse discurso denota a imagem do Império forjado no aço da história, transmitindo a mensagem de que é assim que as Coisas Eram, São, e Serão por todo o sempre, ou seja, que estamos fadados a esse modelo desde primórdios e para a eternidade cabendo a todos somente aceitar sua “boa” ou “má” sorte.

É importante ressaltar também a lógica sacrificial da Teologia do Império, de acordo Hardt e Negri (2004), na visão de Míguez; Rieger; Sung, define-se como: “[...] missão civilizatória ou divina é realizada com o uso da força e, portanto, com sacrifícios e opressões. [...] sofrimento humano é eclipsado e eliminado da memória. Só resta a eficiência do progresso, a salvação trazida pela *civilização ocidental moderna*” (2012, p. 102).

Ao apagar da memória o sofrimento humano faz com que não se identifique a dor causada pelos abusos e as chagas imputadas pelos vícios do excesso, caracterizado pela exploração da carne e da mente ou pela ausência de direitos, igualdade social, portanto de dignidade.

A linearidade do pensamento sacrificial da Teologia do Império, muda o sentido do sacrifício, que não mais é enxergado como algo ruim, imposto, mal, de morte, mas é apresentada uma visão divinal, necessária de cumprimento da missão da vida humana, onde o sofrimento das vítimas é necessário para que estas possam alcançar a salvação, a vida eterna no reino de Deus.

Para Míguez; Rieger; Sung, explicitam: “Assim, os sofrimentos e as mortes das vítimas são apagados da memória como tais e lembrados como sacrifícios necessários” (2012, p. 103). Para reforçar essa prática do Império os teólogos críticos do neoliberalismo expõe:

Um dos segredos do sucesso do atual Império é que conseguiu impor ao mundo uma nova metanarrativa sobre a história. Ao contrário do que muitos pensadores Pós-Modernos pensam, o que entrou em crise não foi a metanarrativa como tal, mas sim a Moderna, que propunha a realização do “paraíso terrestre” através da razão e ação política consciente. [...] O mundo seria maravilhoso se a metanarrativa funcionasse sem problemas e contradições. A primeira contradição se encontra no interior da própria lógica do desejo mimético na economia. Em primeiro lugar, só os objetos que são considerados bens econômicos [...]. [...] Em segundo lugar, os objetos desejados são desejados por outras pessoas, especialmente os modelos de desejo, também os desejam. Sendo assim, as pessoas que desejam são sempre em maior número que os objetos desejados. [...] A terceira contradição tem a ver com a questão cultural. A homogeneização dos desejos e a imposição da cultura de consumo e o *American way of life* entram em conflito com a diversidade de contextos histórico-culturais (MÍGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 134; 135).

Frente essas três contradições da metanarrativa moderna embasada na lógica do desejo mimético da economia, em que se deseja a partir do desejo alheio; no qual os objetos desejados são desejados por outras pessoas, especialmente os modelos de desejo, também os desejam e da homogeneização dos desejos e a imposição da cultura de consumo, como promessa do capitalismo para a realização de um mundo maravilhoso, definido pelo filósofo René Girard como “[...] mecanismo da vítima unitária, o mecanismo do bode expiatório. Quando os indivíduos são contaminados pelo contágio do adversário, isto é, quando esquecem o seu próprio adversário para adoptar o adversário do seu vizinho” (2008, p. 7).

Os teólogos Míguez; Rieger; Sung (2012) apontam dois caminhos, no qual o primeiro é a luta por meio do reconhecimento e identificação das intenções, limitações e falhas do Império buscando novos caminhos para se construir um novo modelo de sistema social e o segundo é a manutenção do Império neoliberal, reafirmando a exclusão, a perseguição e aniquilamento dos indesejáveis, dos “culpados”, como diz Hinkelammert:

Aquí el reconocimiento se realiza en una lucha a muerte con el otro. Esta lucha es vista con “espiritualización”, es “amor” que triunfa sobre el cristianismo. Es entrada en un “divino y hermoso duelo”. Pero este reconocimiento como enemigo tiene un adversario por eliminar. Corresponde a “la venganza y el rencor” que son “flaqueza” y “debilidad”. Con este enemigo que es visto como enemigo del amor expresado como lucha a muerte, no hay ninguna enemistad divina. Le corresponde el aniquilamiento. Nietzsche habla hasta de “policía sanitaria”, que es la policía que se preocupa de parásitos como las pulgas para solucionar este problema. Para que la divina enemistad puede tener lugar, se necesita eliminar a aquellos que se oponen a este tipo de

reconocimiento, y que son los “malparados” junto con sus “sacerdotes” (HINKELAMMERT, 1998, p. 250; 251).

Para Hinkelammert o Império sempre vai assumir a segunda opção e vai continuar contradizendo-se e criando inimigos, os “culpados”, responsabilizados a serem exterminados.

Os inimigos do Império se transfiguram nos pobres, nos ambientalistas, nos intelectuais, nas feministas, nos índios, nos homossexuais, nos estrangeiros refugiados, nos negros, nos comunistas, nos religiosos que defendem os direitos humanos, nos asiáticos, nos árabes, em todos aqueles “consumidores falhos” ou que “rechaçam” o neoliberalismo, esses são denominados inimigos do Império, da ordem e do progresso são taxados de baderneiros, invasores, grevistas, vagabundos, bandidos.

Hinkelammert denuncia a exclusão e aniquilamento dos pobres:

Existem centenas de milhões no sistema capitalista em estado de pobreza extrema, sem poder trabalhar. Os que se levantam são reprimidos pelas torturas mais ferozes e maciças que se conhecem; há campos de concentração por todas as partes para aterrorizar as classes dominadas, os centros do mundo capitalista desenvolvem cientificamente as torturas em nível cada vez mais destruidor e exportam esses conhecimentos para as polícias do mundo capitalista subdesenvolvido. Pela tortura e fome nestes países, mantêm suas chamadas “liberdades políticas” nos poucos países que as têm, subvertendo e destruindo os direitos humanos mais elementares na maioria dos países do mundo capitalista subdesenvolvido (HINKELAMMERT, 1983, p. 234; 235).

Segundo Hinkelammert, em diálogo com a lógica do Império descrita por Míguez; Rieger; Sung (2012) em conversa com Hardt e Negri (2004), os indesejáveis devem ser marcados com uma identificação a exemplo dos prisioneiros do nazismo e em sequência odiados, excluídos, vigiados, perseguidos, presos e aniquilados, com legitimidade do “Estado absolutista neoliberal” e o apoio do povo autoproclamado como incluído (fetichizados), que se consideram “elite”, os “melhores entre os homens”, “os merecedores”, “os detentores dos bens e serviços”, “os criadores das leis e condutores dos julgamentos de quem deve morrer”.

Em análise aos centenas de milhões em pobreza extrema condenados e abandonados para morrer pelo sistema capitalista, de acordo com Hinkelammert (1983) e em diálogo com Míguez; Rieger; Sung (2012), é perfeitamente aceitável o olhar ao neoliberalismo como um Império do medo e da morte que ocorre de diversas maneiras possíveis, dentre elas destacarei duas observações, na qual uma segue uma trajetória:

lenta, em que o ser humano abandonado e/ou submetido a trabalho forçado (fábricas, fazendas, carvoarias, olarias, subempregos), pagamento de altos valores em impostos (privados e públicos) sem devolutiva em bens e serviços, ausência de bens e acesso aos serviços fundamentais como saúde, educação, moradia digna e segurança, falta de suprimentos das necessidades básicas alimentares (comida na mesa), ausência de acesso à cultura e ao lazer, devedores de bancos e agiotas para pagar as dívidas contraídas para sobrevivência.

Os indesejáveis do sistema têm uma morte dolorosa e vergonhosa, onde tudo lhes é tirado, até mesmo a honra do próprio sobrenome, adquirindo o rótulo de “caloteiro” (inclusão do nome nos serviços de crédito dos Bancos - SERASA e SPC), perseguidos pelos cobradores, e excluídos dos centros comerciais e sociais, locais onde a vida acontece.

O sistema neoliberal transformando os pobres indesejáveis em seres invisíveis, no sujeito ignorado, descartado, cuja morte nem sequer é lamentada, ou contabilizada como perda, mas sim como alívio para o sistema e participantes do Império, que recorre a sua Teologia Imperial para proferir a camuflagem hipócrita da ação aniquiladora promovida pela desigualdade e exclusão.

Já, para os rebeldes, revolucionários ativistas contra o fetiche neoliberal, as frases da Teologia do Império são de condenação. Nesse outro viés da morte, o neoliberalismo realiza um julgamento sumário, sem acusação do delito e direito a defesa, o sujeito é rotulado como bandido, um inimigo do Império e da humanidade, assim, deve ser abatido e sua cabeça deve ser mostrada em todos os cantos pelos telejornais sensacionalistas, para enaltecer a eficiência do aparelho Estatal neoliberal como “Império Benigno” designado pelo cientista político Joseph Nye Jr (2002), em seu livro: “Paradoxo Americano” deve garantir a segurança dos incluídos e sua bondade benevolente em tirar a vida (do excluído) para salvar a vida (do merecedor).

Para ratificar essa afirmação expõe Míguez; Rieger; Sung, parafraseando Joseph Nye Jr:

Para ele, o uso do poderio militar não é resultado de uma opção, na medida em que “não nos resta senão enfrenta-los”. O Império é coagido a usar o seu poder militar; a culpa da violência do Império é daqueles que não querem aceitar os valores do individualismo e do liberalismo ocidental. Não são só os membros da Al-Qaeda ou de outros grupos terroristas que são objeto dessa política antiterrorista, mas todos aqueles que não são capazes de entender e aceitar os valores ocidentais. Há aqui uma clara divisão no mundo: nós e outros, os Pré-Modernos

fundamentalistas, aqueles que não aceitam a nossa liberdade e o mercado livre (MÍGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 139).

O neoliberalismo inverte os valores morais em que um ato mau passa a ser visto como uma ação benevolente uma vez que é feita em nome de um poder extranatural, miraculoso, divino, típico da lógica do Império que vende a imagem de salutar, de justo, fundamentando esse designado ato como “Teologia Sacrificial”, parafraseando Míguez; Rieger; Sung, (2012), em que o uso da brutalidade é justificado e quando essa justificativa não é mais suficiente se faz necessário apagar o sofrimento, a dor, a exclusão, o aniquilamento da memória propagando a “cultura da invisibilidade”.

De acordo com o filósofo e economista político neoliberal Francis Fukuyama, exposto em seu livro: “O dilema americano”: “Até mesmo uma hegemonia benevolente precisa às vezes agir de forma inclemente. Isso faz parte dos deveres do Império para a manutenção da ordem global” (2006, p.113 apud MÍGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 141), ou seja, para que o neoliberalismo se sustente é necessário explorar, roubar ou matar, por exemplo, se necessário.

O discurso neoliberal busca legitimar a morte pelo fim (a coisa) nem que para isso seja necessário exterminar o meio (a vida), ou seja, na lógica do Império é justo o confinamento de milhões de pessoas em campos de concentração para que os recursos sejam destinados na fabricação de aparelho celular, por exemplo, e é necessário que as vidas dos pobres indesejáveis sejam aniquiladas em nome do progresso científico-tecnológico e da ordem capitalista de aquisição do lucro.

1.3. FUNDAMENTALISMO NEOLIBERAL

O conceito usual da palavra “Fundamentalismo” surge no século XIX, porém foi exposto pela primeira vez pelos protestantes norte-americanos na Universidade de Princeton, em conformidade com o teólogo Leonardo Boff em seu livro o “Fundamentalismo: A globalização e o futuro da humanidade, publicado em 2002”.

De acordo com Boff (2002), por volta de 1909 os cristãos publicaram doze livros radicais dogmáticos-ortodoxos contra a modernização aligeirada daquele momento, uma vez que tal progresso estava ocorrendo de maneira material-industrial-tecnológica e também de maneira intelectual, racional e científica.

Leonardo Boff argumenta: “Não só a modernização tecnológica, mas modernização dos espíritos, do liberalismo, da liberdade das opiniões, contrastando fundamentalmente com a seguridade que a fé cristã sempre oferecera” (2002, p. 12).

O termo “Fundamentalismo” foi associado a rigidez e inflexibilidade religiosa, política e econômica e ganhou uma conotação negativa sendo associada com outras expressões como: fanatismo, extremismo, sectarismo, ou seja, palavras que denotam severidade absoluta como defende a especialista britânica em religião judaica, cristã e islâmica Karen Armstrong: “O programa de modernização era progressista e acabaria por promover valores humanos, mas também era agressivo. No século XX algumas das pessoas que vivenciaram a modernidade basicamente como um ataque se tornariam fundamentalistas” (2009, p. 21).

Para Boff (2002), em diálogo com Armstrong (2009), reflete: “Para o fundamentalista, a criação se realizou mesmo em sete dias. O ser humano foi feito literalmente de barro. Eva é tirada da costela física de Adão” (2009, p. 14). A partir desse rigor que surge a intolerância como erro do outro continuamente, uma vez que o fundamentalista é inflexível moralmente aceitando somente posicionamentos conservadores que se alastram para a economia com o “monetarismo” alegando que a inflação só pode ser controlada pela oferta de moeda, crença profícua da Escola de Chicago de Economia representada por Milton Friedman e para também para a política que segundo Boff: “exalta a qualquer custo a ordem, a disciplina e a segurança” (2002, p. 15).

O “Fundamentalismo” ganhou força a partir da década de 50 com a Igreja Eletrônica (uso da rádio e televisão para difundir os preceitos do conservadorismo religioso). De acordo com Leonardo Boff (2002), o principal apoiador dessa prática para fins políticos foi o presidente conservador Ronald Reagan que combateu fortemente o ecumenismo denominando-o como “invenção do diabo”, a assistência aos pobres e a proteção aos imigrantes realizada pelo Conselho Mundial das Igrejas de Genebra.

Nesse cenário fundamentalista que o neoliberalismo inicia sua gestação ideológica com Mises, Hayek, Friedman, sedimentado sob o conservadorismo bíblico (análise anacrônica das escritas) refutando a interpretação de Lutero que afirmava, nas palavras de Boff: “a Bíblia toda tem a Deus como autor, mas suas sentenças devem ser julgadas a partir de Cristo. Ele é a palavra feita carne”, assim como rejeita a orientação do Concílio Vaticano II: “a Bíblia é inspirada e inerrante só com referência às verdades importantes para nossa salvação” (2002, p.16).

Os sociólogos franceses Pierre Dardot e Christian Laval (2016) defendem que o neoliberalismo se apropria do ambiente de insegurança gerado pelo pós-guerra mundial, fanatismo religioso, crise política, econômica e social para implementar sua ideologia e projeto de lucratividade empresarial, individualismo meritocrático, livre concorrência e Estado-mínimo, acusando-o de ser a causa dos problemas: “Tentar usar o governo para corrigir um “defeito de mercado” é, muitas vezes, trocar um “defeito de mercado” por um “defeito de governo. Ronald Reagan transformou isso em slogan: “O governo não é a solução, é o problema” (2016, p 205).

Na tentativa de validar suas afirmações excludentes e antipopulares os capitalistas neoliberais desmoralizam o Estado e o sujeito, argumentam Dardot e Laval:

Um grande número de teses, relatórios, ensaios e artigos tentará avaliar a balança de custos e benefícios do Estado para terminar com um veredito inapelável: o seguro-desemprego e a renda mínima são os responsáveis pelo desemprego; os gastos com saúde agravam o déficit e provocam a inflação dos custos; a gratuidade dos estudos incentiva a vadiagem e o nomadismo dos estudantes; as políticas de redistribuição de renda não reduzem as desigualdades, mas desestimulam o esforço; as políticas urbanas não eliminaram a segregação, mas tornaram mais pesada a taxa local. Em resumo, tratava-se de fazer a respeito de tudo a pergunta decisiva acerca da utilidade da interferência do Estado na ordem do mercado e mostrar que, na maior parte dos casos, as “soluções” dadas pelo Estado causavam mais problema do que resolviam (DARDOT; LAVAL. 2016, p. 205).

Esses relatórios encomendados apontando como responsáveis pelos problemas vividos até agora para a luta contra a miséria, tais dados se manipulados, veiculados e pronunciados pelos detentores do poder, se tornam verdades absolutas.

Dardot e Laval ainda completam a reflexão referente ao bombardeamento moral de notícias de desmoralização e descredenciando do Estado que o neoliberalismo conservador-fundamentalista provocou com a afirmação de falência da virtude social promovida pela incompetência Estado, negando a real culpa, afirmando: “Não é o mercado que destrói a sociedade civil com sua “sede de lucro”, porque ele não poderia funcionar sem essas virtudes da sociedade civil; é o Estado que corrói as molas da moralidade individual” (2016, p. 206).

Para defender a alegação de que aquele que não segue o “Fundamentalismo” proposto pelo neoliberalismo, como demonstra Boff (2016), não mostra devoção, não o adora, em uma dinâmica laico-religiosa, com relação ao mercado e o consumismo, como afirma Hinkelammert: “sua produção e acúmulo de capital, em um fetiche da dominação

da coisa sobre a vida humana, é descartado à marginalidade e a invisibilidade enquanto ser” (1983, p. 45). Ou seja, aquele quem pensar ou agir diferente da lógica ditatorial neoliberal será excluído, acusa Hinkelammert:

As mercadorias não só pensam pelo homem; também lhe ditam as leis de seu comportamento: as mercadorias pensam o dinheiro e o homem confirma tal pensamento criando o dinheiro; pensam o capital e o confirma isso criando relações de produção capitalistas. Mas sempre através da realização daquilo que a própria dinâmica do mundo insinua, o homem recebe o ditame sobre as leis do seu comportamento. Para que o mundo mercantil possa existir, o homem tem de aceitar uma norma básica: a propriedade privada e o respeito mútuo dos homens como proprietários. Mas a propriedade privada é somente base de outra forma fundamental: o contrato como meio do traspasse da propriedade das mercadorias. O traspasse dos produtos não se pode dirigir, pois, pela necessidade de sobrevivência dos produtores, mas pelo acordo de vontades dos proprietários das mercadorias. E sobre vigência de um contrato, não se deduz se os dois proprietários podem sobreviver ao cumprimento do contrato, mas exclusivamente a vigência jurídica dele. A própria vida humana se submete à vida das mercadorias. O texto citado é especialmente interessante porque contém uma formulação básica do materialismo histórico: prescinde do conceito de superestrutura. Inter-relaciona produção mercantil, sistema de propriedade, sistema jurídico e valores do comportamento humano a partir da necessidade da produção mercantil. Essa é a condição da própria divisão do trabalho, e assim sendo, converte-se num determinante dos outros elementos (HINKELAMMERT, 1983, p. 45).

Hinkelammert expõe o movimento descrito por Marx sobre o poder do capitalismo por meio do fetiche da mercadoria ganhando vida e controlando o ser humano em nome do mercado financeiro, do lucro. O ser humano é tomado como um produto, um objeto do mercado capitalista, perdendo sua subjetividade, sobrevivendo as leis de produção ditadas para a sua vida. A mercadoria ganha valor que transcende o trabalho e se solidifica no campo da ilusão hierarquizada do status suntuoso da acumulação e competição entre vizinhos por coisas inúteis e de valor questionável. O fetiche capitalista garante ao homem a condição de alienação, uma vez que ele não se pertence, mas se torna propriedade do sistema.

O capitalismo neoliberal proposto por Hayek realiza uma ação defensiva ocupada por ideologias radicais, pregando a supremacia intervencionista na tentativa de reconquistar a supremacia e lugar único do liberalismo, não só econômico, mas político e social no seio do capitalismo. Essa ideologia neoliberal radical, que repele não somente as outras ideologias econômicas e políticas, mas que desmerece com duras críticas os pensadores e estruturas das esferas clássicas do pensamento capitalista.

Tal postura neoliberal é própria da ação do fundamentalismo, como expõe Leonardo Boff, de acordo com o teólogo, “o fundamentalismo não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver intensificadamente sem atentar as mudanças histórias mantendo seu ponto de vista em absoluto, ignorando as diferentes relações e movimentos ecléticos que o rodeia” (2002, p.33).

Para Hayek, a proposta é de travar um combate sem tréguas ao intervencionismo estatal e as bases do capitalismo. Para o economista liberal Milton Friedman em sua obra “Capitalismo e Liberdade” (1962), afirmava que: “Os proponentes do governo limitado e da empresa livre ainda estão na defensiva” (2014, p. 177).

Anos mais tarde o intervencionismo estatal entrava em descrédito e colapsava até levar seu golpe mais duro com a desintegração da União da República Socialista Soviética-URSS e o esfacelamento dos países a ela atrelados. O caminho em todos os sentidos estava aberto para entrada das ideias neoliberais. A propagação vertiginosa das ideias fundamentalistas hayekiana de liberdade total e radical de mercado, acirramento da competitividade, política de privatização dos bens e serviços, filosofia da meritocracia, individualismo e culto ao capital.

Com isso, o economista Hayek e seus seguidores neoliberais, passaram a ser influências incontestáveis, tanto que a Inglaterra anuncia o enterro do kenesianismo, assumindo em seus governos as reformas neoliberais com um fanatismo messiânico.

Entretanto, o pensamento dos neoliberais também sofreu interpretações tendenciosas semelhantes às outras correntes de ideias e pensamentos passadas apresentando uma mutação do neoliberalismo para atender aos interesses do mercado e seus gestores do capitalismo dedicando-se não mais extinguir o Estado, mas reformar suas estruturas adequando-as as necessidades do capitalismo e de seus agentes (banqueiros), os negócios lucrativos por meio do incentivo, cada vez maior, ao consumismo exacerbado.

Dessa forma, o neoliberalismo embrenha-se no senso comum e se apresenta como uma necessidade fundamentalista, uma fonte de vida, uma liberdade e a única felicidade possível alcançada por meio do consumo.

O economista norte-americano Alvin Hansen, afirmou que o Hayek tinha boas intenções, mas que seu livro não se tratava de uma obra científica, pois insistia em enxergar todos como errados e inimigos e se autoproclamar como sistema salvador, única fonte de ideia a ser seguida e implantada em todas as culturas e realidades.

Diante da ausência de legitimidade racional-científica em sua ideologia o Fundamentalismo neoliberal de Hayek perdia sua legitimidade e suas verdades eram questionáveis. Porém, a aceitação do neoliberalismo ocorre por uma manobra do capitalismo que realiza uma nova mutação, partindo da desregulação (simplificação ou remoção das regras) do mercado financeiro e a financeirização (dinheiro como centro), ocorrido nos a partir de 1970 alterando o padrão acumulativo e os distintos movimentos do capital terminando por enterrar a teoria keynesiana, de caráter organizado do capitalismo e suas bases reformistas do Estado de Bem-estar Social, expressão máxima desse período histórico.

O Fundamentalismo neoliberal que se apresenta como única verdade absoluta para a salvação da humanidade, extirpa a ideia de crescimento econômico, distribuição de renda, sincronia entre os países e hegemonia dos valores de igualdade e solidariedade, difundidos pela Revolução Francesa.

Assim, argumenta Enrique Dussel:

A partir do “eu conquisto” ao mundo azteca e inca, a toda a América; a partir do “eu escravizo” aos negros da África vendidos pelo ouro e pela prata conseguida com a morte dos índios no fundo das minas; desde “eu venço” das guerras realizadas na Índia e na China até a vergonhosa “guerra do ópio”; a partir deste “eu” aparece o pensamento cartesiano do ego cogito. Esse ego será a única substância, divina em Spinoza. Com Hegel, o *ich denke* de Kant assumirá a divindade acabada no *absolute Wissen*. Saber absoluto que; e o próprio ato da totalização como tal: Deus na terra, Se a fé, o culto perfeito da religião absoluta na filosofia da religião, é a certeza de que a representação do entendimento é a ideia absoluta, tal certeza é aquela dos dominadores do mundo de serem a manifestação na terra da própria divindade. Os impérios do centro, a Inglaterra e a França como potências coloniais, a Alemanha nazista, e posteriormente os Estados Unidos com a sua CIA, possuem assim mais uma vez uma ontologia que os justifica; uma ideologia que lhes dá boa consciência. O que é Nietzsche senão uma apologia do homem conquistador e guerreiro? O que é a fenomenologia e o pensamento existencial senão a descrição de um eu um *Dasein* a partir do qual se abre um mundo, o próprio sempre? O que são todas as escolas críticas ou mesmo as que se lançam à utopia senão a afirmação do mesmo centro como mera possibilidade futura do “mesmo”? O que é o estruturalismo senão a afirmação da totalidade, sem solução política econômica de real libertação? (DUSSEL, 1977, p. 14; 15).

A discussão trazida por Dussel sobre a modernidade conquistadora, colonizadora, escravista, imperialista e aniquiladora dos povos e culturas é o questionamento sobre as ações legitimadas como racionais, mas que sempre se voltam para a barbárie dominadora, exploradora e assassina.

Partindo desse princípio é possível afirmar que o capitalismo e sua lógica fundamentalista neoliberal é a continuidade da conquista colonizadora, imperialista e aniquiladora expresso em um movimento cíclico e perpétuo.

Em proposta de diálogo com Dussel e Erich Fromm¹, afirma Paulo Freire:

Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. Daí a necessidade de seu constante controle. E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em “coisa”, em algo que é como se fosse inanimado. Esta tendência dos opressores de inanimar tudo e todos, que se encontra em sua ânsia de posse, se identifica, indiscutivelmente, com a tendência sadista. “El placer del dominio completo sobre otra persona (o sobre otra creatura animada), diz Fromm, es la esencia misma del impulso sádico. Otra manera de formular la misma idea es decir que el fin dei sadismo es convertir un hombre en cosa, algo animado en algo inanimado, ya que mediante el control completo y absoluto el vivir pierde una cualidad esencial de la vida: la libertad”² (FROMM, 1964, p. 17 apud FREIRE, 1987, p. 30).

Freire acusa o sistema dominante em vigiar e controlar os oprimidos objetificando-os e sujeitizando-os para a realização de seu prazer de causar a dor do outro, para Fromm é converter o homem em coisa, em objeto inanimado, uma vez que a liberdade de viver lhe é roubada.

Em releitura a Boff, é certo afirmar que o “Fundamentalismo” não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver intensamente sem atentar as mudanças histórias mantendo seu ponto de vista em absoluto ignorando as diferentes relações e movimentos ecléticos que o rodeia. Dessa visão, surge um problema gravíssimo, pois quem se sente portador da verdade absoluta não pode tolerar outra verdade e conviver com outro ponto de vista no mesmo espaço, destinando-se a intolerância, desprezo, agressividade, guerra contra o outro ser humano que deve ser combatido e exterminado.

O conceito de fundamentalismo está ancorado como uma concepção epistemológica de que todo conhecimento fatural está ancorado em uma base muito firme ou fundamento. De acordo com o conceito dado pelo Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: “O fundamentalismo pode ser seguido no passado até a confusão entre raiz ou fonte psicológica ou histórica e fundamento propriamente dito” (2009, s/p).

A globalização econômica e financeira sedimentado sob o neoliberalismo está repleta de fundamentalismo, passando pelo intenso processo ilusório das relações de

¹ Erich Fromm (1900 - 1980). Foi um psicanalista, filósofo e sociólogo alemão. A partir do final da década de 1920, representou um socialismo democrático e humanista.

² FROMM, Erich. El corazón del hombre. Su potencia para el bien y para el mal. México: Lectulandia, 1964, p. 17.

interdependência que na verdade são relações de total dependência do capital, escravizando a economia periférica sem qualquer desassossego com as vidas do povo vivente nesses lugares e com a vida do meio-ambiente criando uma multidão de miseráveis, excluídos e indesejáveis, prontos para serem aniquilados. Dessa forma, explica Boff:

A nova ordem surgida após implosão do mundo socialista não melhorou a situação do mundo. Ao contrário, radicalizou as contradições internas. O fosso entre riqueza e pobreza aumentou (BOFF, 2002, p. 33).

Para Boff, o sentimento do povo das nações excluídas é o de abandono e rejeição e descarte, roubando até mesmo a sensação de serem explorados pelo infelizmente sistema individualista, competitivo, meritocrático, excludente, desigual e aniquilador, chamado de novo liberalismo econômico (neoliberalismo), cuja principal função é ceifar milhões de vidas indesejáveis, de acordo com suas leis.

O diplomata André Costa, em seu livro: “O Fracasso da Globalização” descreve o neoliberalismo como núcleo da globalização excludente e promotor da desigualdade:

[...] na América latina, o discurso político majoritário emerge das diretrizes de uma modernização conservadora, amparado em parâmetros neoliberais, que em fins dos anos oitenta arvorou-se pretensamente como consenso sobre política econômica. Esta tem se traduzido na promoção da inserção internacional dos países sem que se altere, em âmbito doméstico, seu modelo de apartação social (COSTA, 2004, p. 34).

Na visão de Costa, é a imposição de um sistema excludente a serviço do lucro que engendrou-se não somente nas instituições, mas nos lares atingindo o âmago do indivíduo e alienando sua consciência de sujeito vivente em troca de bugigangas.

CONSIDERAÇÕES DO PRIMEIRO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo foi refletido sobre a conceituação de neoliberalismo como um movimento ideológico derivado do capitalismo-liberal que se propõe olhar o mundo preconizando a mínima intervenção do Estado na economia através de sua retirada do mercado que, de acordo com o filósofo do século XVI Adam Smith, iria se regular automaticamente.

Esse sistema proposto é um combate aos socialistas de todo o mundo e todos aqueles que indiquem uma pretensão em propor uma fusão do capitalismo com o socialismo.

O fundamentalismo neoliberal está centrado na insistência da necessidade de guardar intacta a sociedade aberta, criticando o Estado que é descrito como destruidor da liberdade e da competição individual (princípios bases do desenvolvimento econômico e da prosperidade humana).

O geógrafo David Harvey afirma que: “As figuras fundadoras do pensamento neoliberal consideram fundamentais os ideais políticos da dignidade humana e da liberdade individual, tomando-os como “os valores centrais da civilização” (2005, p. 15).

Esses ideais são sedutores e convincentes e tem como intuito extirpar os juízos coletivos e elevar os juízos individuais sustentando a livre escolha.

Segundo o neoliberalismo, se faz necessário se travar um combate contra a política do Estado de Bem-Estar social, preceitos básicos da social democracia e um dos instrumentos utilizados pelo Keynesianismo para enfrentar a crise econômica iniciada em 1929. Segundo o economista John Maynard Keynes e seus seguidores, que defendiam dentro dos parâmetros do mercado livre capitalista, a necessidade de uma forte intervenção econômica do Estado com o objetivo principal de garantir o pleno emprego e manter o controle da inflação.

Nessa política, apregoava-se a máxima intervenção do Estado na economia, fortalecendo as leis trabalhistas a fim de aumentar a potencialidade do mercado consumidor, o que contribuía para o comércio das produções.

Em releitura ao filósofo Reginaldo Moraes, a principal argumentação neoliberal tem uma estratégia similar à da linguagem religiosa, pois primeiro desenha um diagnóstico apocalíptico e em seguida, apresenta uma receita salvacionista, atacando as lutas populares e ditando reformas pelo mercado em atendimento ao capital.

As ideias do neoliberalismo ganham corpo nas nações como: Estados Unidos da América e a Inglaterra, que foram não tão somente as primeiras nações a implementarem essa doutrina, como também se responsabilizaram em disseminá-la pelo mundo. Assim, na América Latina, o neoliberalismo faz uma adaptação, em que o adversário estaria no modelo de governo gerado pelas ideologias nacionalistas e desenvolvimentistas pelo populismo e comunismo.

Na proposta neoliberal se faz necessária realizar uma mudança drástica fiscal e incentivar os investimentos privados, reduzindo os impostos sobre grandes fortunas e o capital visando aumentar os impostos sobre o trabalho, consumo, comércio e renda individual. Propõe, por fim, que o Estado não regulasse a economia, pois o próprio mercado assim o faria com sua razão, ou seja, o fim da participação do Estado na

economia, imposição de uma rigorosa legislação anti-greve e incentivo ao programa privatização em todas as áreas.

Harvey expõe as intenções do neoliberalismo adotado pelos Estados Unidos da América como líderes de missão:

O pressuposto de que as liberdades individuais são garantidas pela liberdade de mercado e de comércio é um elemento vital do pensamento neoliberal de mercado e comércio é um elemento vital do pensamento neoliberal e há muito determina a atitude norte-americana com o resto do mundo. [...] As liberdades que ele encarna refletem os interesses dos detentores de propriedade privada, dos negócios, das corporações multinacionais e do capital financeiro (HARVEY, 2005, p. 17).

Harvey acentua a centralidade do neoliberalismo em defender o capital em primeiro lugar.

O neoliberalismo ainda é o principal sistema econômico da atualidade, porém enfrenta uma grande crise que se iniciou em 2008 e afetou, sobretudo, a União Europeia se alastrando para os demais blocos econômicos mundiais.

Com tal faceta adotada, o neoliberalismo tem sido alvo de constantes críticas, sobretudo pelo processo de desregulamentação da força de trabalho e pelo enfraquecimento das forças sindicais, o que se traduziu em uma diminuição gradativa dos direitos trabalhistas e no padrão médio de vida da classe trabalhadora em todo o mundo, desenhando na atualidade, ainda em estudo, um cenário perturbador, que nem mesmo seus idealizadores esperavam, uma vez que suas ideias só aumentaram a exploração, a desigualdade e a pobreza em todos os sentidos.

Essa lógica violenta direciona as novas intenções do neoliberalismo, uma fragmentação socioeconômica estruturada e embasada pela ciência e tecnologia no qual o interesse primordial está no capital em detrimento da vida, dessa maneira, se configurando como um sistema marcado pela ausência da Ética.

Assim, para elucidar e ratificar essa percepção exposta pelos pensadores Hinkelammert, Assmann, Dussel, Chauí, Dardot e Laval, entre outros grandes pensadores mencionados nesse capítulo, dialogamos com Allan Coelho:

O capitalismo possui uma dinâmica que produz fascínio e adesão e, ao mesmo tempo, vítimas e exclusão social. O sistema capitalista funciona articulado nessas duas facetas que parecem opostas: ao mesmo tempo em que domina, explora, muitas vezes mata, continua mobilizando a adesão das pessoas e produzindo fascínio ante seu modelo de vida e de sucesso. Mata, mas mantém sua legitimidade. Mata, mas seduz a imensa maioria para o seu “espírito” (COELHO, 2014, p. 25; 26).

Para Coelho, a fascinação e adesão ao sistema capitalista neoliberal se embasa no fetiche e esse, tem por missão disseminar a desigualdade em que “toca” deixando vítimas por seu caminho. A morte está escondida atrás do “brilho do ouro” do capital que cega quem o vê.

Segundo Franz Hinkelammert (1989), o que está caracterizado em relação à crítica neoliberal é seu caráter emancipatório, já que aborda suas temáticas não apenas por sua importância dentro do debate científico-social, mas também porque estão diretamente ligadas as formas de dominação, opressão e controle social.

Para Hinkelammert (1989), a economia política e a teoria neoclássica estão em conflito uma vez que a economia política é a reprodução dos fatores de produção, sua necessidade e sua importância podem transparecer, entrando em crise, uma vez que o sistema econômico não mais pode garantir a reprodução dos fatores produtivos. A teoria neoclássica radicaliza sua insistência na destinação dos recursos, apesar de todas as conquistas alcançadas, transformando-se em ideologia.

Assim, o pensador da libertação afirma que esse sistema capitalista é incapaz de dar respostas aos problemas da sociedade política e econômica atual e enfrentamento as constantes crises que ele mesmo vem causando. Essa frustração tem poder de, em pouco tempo, conduzir a sociedade humana a sua própria destruição.

Dessa maneira, o sujeito só pode atuar sendo sujeito vivo. E a vida requer condições materiais para ser possível. A escolha dos fins, portanto, necessariamente está subordinada à vida do sujeito.

Nesse sistema, deixa-se de lado a preocupação com os efeitos das ações sobre a sociedade e a natureza; o ser humano deixa de ser sujeito e se torna objeto.

A racionalidade neoliberal se torna nociva à vida, pois se perde o controle sobre os efeitos das ações, contribuindo para o desencadeamento de problemas no equilíbrio da vida, como a exclusão de setores da população, devastação do meio-ambiente, violência brutais, autoritarismo de morte.

Essa racionalidade neoliberal se alicerça não somente no âmbito material da vida, mas na esfera transcendental chamada de Teologia do Império. Esta manifestação mística religiosa da prosperidade burguesa aparece fortemente nos Estados Unidos da América, na década 70 e se intensifica na década de 80 com o avanço do imperialismo bélico americano, tomada de territórios e vitória sobre União Soviética na Guerra Fria, se

estendeu para os diversos lados do mundo rapidamente em um processo conhecido como globalização.

O Estado burguês volta a assumir uma posição religiosa, defrontando os grupos religiosos com seus aparelhos militarizados tratando-se de uma teologia política do poder imperial americano.

Esta Teologia do Império se apropria com seus mandos e desmandos imbricado no mundo do mercado, inseridos na lógica de ganhar dinheiro para agradar a Deus, desconsiderando o âmbito coletivo, preocupados somente com seus ganhos e acúmulo de riqueza (usura e lucro) justificada pela ética puritana excludente.

Os fiéis da Teologia do Império estão preocupados em sustentar suas posições por meio de uma leitura arbitrária (chamada de leitura literal) das sagradas escrituras, visando sustentar suas posições de acúmulo de capital, individualismo, exploração do outro, hierarquia, divisão de classes, zelo pela moral, manutenção de poder.

Para auxiliar o entendimento dessa relação estabelecida na Teologia do Império entre o material e transcendental, Coelho explicita:

Nossa abordagem sobre o capitalismo, como vimos, não o reduz a seus aspectos de modo de produção econômico, mas o compreende enquanto sistema social que articula todas as dimensões da vida humana. A distinção de esferas que cria o sagrado e profano, identificando o religioso com o sagrado condiciona o pensamento ocidental. Perceber que há religião que reivindica uma ruptura com o binômio sagrado-profano é uma condição importante para identificar a lógica sacrificial e criticar estruturas não religiosas que assumem a condição de sagrado (COELHO, 2014, p. 174).

A noção de sacralidade e profanação no pensamento moderno ocidental dá sentido para a vida humana e acondiciona o olhar para essa dualidade. Para Coelho, se faz necessário enxergar além dessa religião acomodada e manipuladora para rechaçar o conceito sagrado e profano imposto, pois é essencial realizar a crítica as instituições não religiosas que se apropriam do sagrado para legitimar sua lógica sacrificial. De acordo com Coelho, o capitalismo transcende a economia e se apresenta como um dominador de vidas no âmbito material e imaterial usando do sagrado para exigir seus sacrifícios.

Dessa maneira, o sistema neoliberal cria devotos fetichizados dispostos a se sacrificar pelo Império sagrado, invertendo os valores morais, em que um ato mau passa a ser visto como uma ação benevolente, uma vez que feita em nome de um ente extranatural, miraculoso, divino, típico da lógica do Império, que vende a imagem de salutar, de justo, designado como “teologia sacrificial”.

O sistema neoliberal é fortemente caracterizado por sua unilateralidade e aquele que não segue o fundamentalismo proposto pelo neoliberalismo, não demonstra devoção, não o adora, em uma dinâmica laico-religiosa com relação ao mercado e o consumismo; sua produção e acúmulo de capital em um fetiche da dominação da coisa sobre a vida humana é descartado à marginalidade e a invisibilidade enquanto ser humano.

Dessa maneira, a globalização econômica e financeira sedimentado sob o neoliberalismo está repleta de fundamentalismo perpassando pelo intenso processo ilusório das relações de interdependência que na verdade são relações de total dependência do capital escravizando a economia periférica sem qualquer desassossego com as vidas do povo vivente nesses lugares e com a vida do meio-ambiente, criando uma multidão de miseráveis, excluídos e indesejáveis, prontos para serem aniquilados.

A partir da realidade humana, considera Hinkelammert: “o querer viver é uma tarefa e não o resultado de uma reação instintiva. Esta última é só o ponto de partida” (2013, p. 322).

SEGUNDO CAPÍTULO

AS CONSEQUÊNCIAS DO NEOLIBERALISMO E O SUJEITO EM FRANZ HINKELAMMERT

Neste capítulo será abordado o conceito de capitalismo enquanto ideologia fetichista que se apresenta como coisificação da relação humana com o mundo.

Além disso, será debatido a influência do neoliberalismo na educação e sua inferência formativa de indivíduos consumidores, competitivos e individualistas em atendimento às exigências do mercado.

Ainda, será tratado da relação existente entre neoliberalismo e fascismo na manutenção da ordem hierárquica e higienização social em nome da ciência e do progresso, apresentando em sequência a crítica do economista Franz Hinkelammert sobre o neoliberalismo e sua relação com o sujeito exposto às armas ideológicas de aniquilamento desse sistema.

Também realizaremos brevemente uma conversa com Hinkelammert sobre o fetiche da prosperidade religiosa expresso pelo mercado em legitimação ao capitalismo neoliberal.

E por fim desse capítulo, mas longe de esgotar o assunto, analisaremos o comportamento do neoliberalismo, sua racionalização diante da seleção das prioridades da sociedade atual e sua relação com o ser humano que grita pelo reconhecimento da “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida.

Começaremos refletido sobre o *fetiche, neoliberalismo e fascismo*, na qual o primeiro conceito é extraído de Marx, em: “*O Capital*” (1996), em que a mercadoria parecia perder sua relação com o trabalho e ganhava vida própria.

O segundo item que se refere ao *neoliberalismo* vem da crítica do filósofo Pierre Dardot e do sociólogo Christian Laval ao afirmar que é uma “*racionalidade*” criadora e manipuladora das relações humanas com o mercado: “A pura dimensão do empreendedorismo, a vigilância em busca da oportunidade comercial, é uma relação de si para si mesmo que se encontra na base da crítica à interferência. Somos todos empreendedores, ou melhor, todos aprendemos a ser empreendedores” (2016, p. 145).

O terceiro item traz implicações com o *fascismo*, iniciando o diálogo comentando o título: “O neoliberalismo é a nova face do fascismo - A linguagem da educação

neoliberal”, do pedagogo Henry Giroux (2008), entrevistado por cientista social Mitja Sardoč.

Giroux expõe sua visão sobre o neoliberalismo:

O neoliberalismo tornou-se a ideologia dominante dos nossos dias e auto estabeleceu-se como traço central da vida política. Não se auto define só como sistema político e econômico, cujo objetivo é consolidar o poder em mãos da elite empresarial e financeira; também disputa espaço na guerra de ideias. Nesse campo, o neoliberalismo auto definiu-se como uma modalidade de ‘senso comum’ e funciona como modalidade de pedagogia ‘pública’ que produz um modelo pelo qual os neoliberais tentam estruturar não só os mercados, mas toda a vida social. Nesse sentido, funcionou e continua a funcionar, não só pela educação pública e universitária, para produzir e distribuir valores ‘de mercado’, identidades ‘de mercado’ e modos de associação e agenciamento ‘de mercado’, mas, também em aparelhos e plataformas culturais mais amplas, para privatizar, desregular, economicizar e submeter todas as instituições e relações que regem a vida diária, aos interesses da privatização, da eficiência, da desregulação e da conversão de tudo e todos ao estado de mercadoria. (GIROUX, 2008, p. 01).

De acordo com o pedagogo, o neoliberalismo está disputando não só o mercado objetificado, mas consolidar-se ideologicamente os meios educacionais e impondo sua doutrinação de adoração fetichista do capital.

Para Giroux (2008) a ideologia dominante atual se solidificou como traço central da vida política, ou seja, o sistema capitalista neoliberal se expandiu para todas as partes do mundo com a globalização econômica, consolidou o poder nas mãos da elite em todas as instituições impondo seu *modus operandi*.

É no que Giroux (2008) chama de “guerra de ideias” que o neoliberalismo se apresenta como uma pedagogia pública popular e é vendido como modelo de vida a serviço dos neoliberais.

Por meio da educação pública e principalmente universitária são distribuídos seus valores individualistas e privatistas no qual desmerece a coletividade e organização popular do que é de todos para enaltecer a pertença de alguns; competitividade selvagem em que o vencedor esmaga o mais fraco e todas as pessoas são oponentes a serem abatidos; meritocráticos em que somente os mais fortes tem direito a realização do projeto de vida, porém é uma mentira, pois as condições são desiguais; lucro na qual é justo retirar o que pertence ao outro e acumular o excedente enquanto outros são miseráveis e por fim no consumismo exacerbado visando alcançar a felicidade plena na aquisição de bens materiais, critica Giroux (2008).

A identidade desse mercado neoliberal está nas aparências (ter para ser) é o fetiche capitalista do consumismo. Para Giroux (2008), é a ilusão da realização na coisa, na qual o ser humano sai do estado de sujeito e passa a condição de mercadoria.

Aprofundando a discussão sobre o estado de mercadoria no capitalismo se faz necessário falarmos do conceito de fetichismo considerando a divisão social do trabalho, pois essa transcende a ingênua, inofensiva e romântica camuflagem colocada pelo sistema neoliberal de uma simples escolha de gosto individual, na qual o que está em questão é o querer desempenhar uma atividade na sociedade, no entanto, o olhar deve ser mais profundo e crítico, uma vez que a divisão social do trabalho está diretamente ligada exclusão e desigualdade, a decisão de vida e morte.

O olhar do filósofo Karl Marx sobre o fetichismo, é interpretado pelo Franz Hinkelammert como a superação da superficialidade fetichizada e enxergar a visibilidade do invisível.

Em proposta de diálogo com Marx na crítica de Hinkelammert, Paulo Freire defende:

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como "coisas". É precisamente porque reduzidos a quase "coisas", na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de quase "coisas". Não podem comparecer à luta como quase "coisas", para depois ser homens. É radical esta exigência. A ultrapassagem deste estado, em que se destroem, para o de homens, em que se reconstroem, não é "a posteriori". A luta por esta reconstrução começa no auto reconhecimento de homens destruídos (FREIRE, 1987, p. 35).

De acordo com Paulo Freire o oprimido tem que se convencer que essa luta é intensa e exige integral compromisso. É a saída do sujeito da condição de escravo que se contenta com as migalhas do sistema neoliberal. É deixar de ser autômato e buscar sua autonomia. É rejeitar o fetiche que sustenta no amor à morte. Na luta pela liberdade do oprimido, está o caminho do amor à vida.

Para Hinkelammert (1983), a teoria do fetichismo não se aplica a especificidade das instituições, mas faz uma abordagem ampla sobre a liberdade do homem e suas possibilidades de viver ou morrer, ou seja, as condições reais, sem disfarce, sem romantismo, mas a sórdida imposição de aniquilamento do indesejável imposta pela sociedade capitalista e dos adoradores do dinheiro que se traduz em ações coordenadas na divisão social do trabalho em instituições que se organizam para decidir sobre quem

tem direito a liberdade e qual nível, direito a inclusão e participação no consumismo, direito de viver.

Sobre a suntuosidade do consumismo explana Olgária Matos:

A spécialité é a designação da mercadoria que surge na época da indústria do luxo, mercadoria que não se inscreve na lógica da compra e da venda. A prepotência de seu preço, desproporcionalmente grande em relação aos outros objetos, faz do consumo suntuário um campo de exclusão, esvaziando-o de qualquer utilidade. Por seu valor inacessível, cria-se, artificialmente, a raridade, com o que adquire estatuto semelhante ao da obra de arte, pertencendo, assim, mais ao campo da contemplação que ao da apropriação. [...] O objeto de luxo, ideal-tipo da mercadoria, instala-se em um cenário ultra fetichista, no sentido em que Marx dizia que, à força de estarem reduzidos à condição de coisa, os homens tomam as coisas por deuses. Trata-se do fenômeno da alienação que o processo “social-natural” de reprodução da vida é submetido pelo movimento “social-artificial” das mercadorias, indiferentes, estas, à lógica do valor de uso (MATOS, 2009, p. 269; 270).

Dessa maneira, aquele que for julgado não merecedor, estará confinado a vigilância e prisão social, a exclusão e perseguição e por fim, a morte.

Hinkelammert destaca em: *As Armas Ideológicas da Morte* (1983), o feitiço colocado sobre o produto é um perigo para a vida humana, pois inverte a lógica de valor e divide as classes em dominantes e dominados, legitimando a exploração, servidão, escravidão e execução da pena de morte, por outro lado, exalta os bens materiais e valoriza seus detentores como senhores decisórios, julgando e condenando quem “pode viver e quem deve morrer”. Essa lógica não é vista, pois o “feitiço do capitalismo” torna esse processo invisível mercadologicamente aos olhos nus dos “enfeitiçados”. Esclarece:

[...] Essas relações mercantis fazem aparecer relações entre homens independentes do resultado da divisão social do trabalho quanto à sobrevivência dos homens. Aparecem como regras de jogo sendo na realidade regras e uma luta desumana de vida ou morte, uma verdadeira luta livre, ou como a própria natureza que distribui vida ou morte segundo suas próprias leis, sem que o homem possa protestar. Na realidade são obra do homem, que deve se responsabilizar por seus resultados (HINKELAMMERT, 1983, p. 27).

Segundo Hinkelammert, as relações mercantis “mascaram a visibilidade dos resultados” apresentando somente uma visão periférica e transformando, por meio do “fetiche, em invisibilidade” parecendo ser uma coisa daquilo que realmente se apresenta. Portanto, a desigualdade e exclusão são negadas e a ideologia se apresenta como sendo parte da regra do jogo, na qual os mortos são contabilizados como acidentes naturais.

A partir dessa análise, o fetichismo é a forma de ver e viver as relações mercantis que efetuam a divisão social do trabalho, na qual Marx chama as mercadorias de objetos físicos-metafísicos, transformando em mercadorias sujeito, arrogando sobre os homens o direito sobre a vida e a morte deles. A vida nas mercadorias não é nada mais do que sua própria vida projetada nelas, conforme elucida Hinkelammert:

A teoria do fetichismo em Marx é, em certo sentido, uma transformação do mito da caverna de Platão. Uma vez desenvolvidas as relações mercantis as mercadorias se transformam em mercadorias-sujeitos, que agem entre si e sobre os homens, arrogando-se a decisão sobre a vida ou a morte destes (HINKELAMMERT, 1983, p. 28).

A mercadoria está impregnada de valor de uso e valor de troca. O valor de uso é o consumo necessário do produto para a sobrevivência humana. Já, no valor de troca, a mercadoria estabelece relações sociais, transformando o objeto em objetos sujeitos.

O valor do produto é denominado pelas relações sociais que estabelece entre si, criando uma dança das mercadorias, um mundo enfeitado e invertido, no qual o produto ganha vida. Desta forma, ratifica Hinkelammert: “O elo entre vida real e o mundo religioso é a própria mercadoria vista como sujeito” (1983, p.29). Por conta do caráter privado do trabalho as mercadorias nunca podem se encaixar adequadamente. O homem tem que se adaptar a produção mercantil.

De acordo com Hinkelammert, as mercadorias não só pensam pelo homem, mas também ditam seu comportamento. Para que o mundo mercantil possa existir, é necessário aceitar a propriedade privada e o respeito mútuo entre os homens. Nesse jogo o contrato também é algo fundamental para legitimar a propriedade das mercadorias, pois ele não está preocupado se alguma das partes não irá sobreviver, mas se ele será cumprido juridicamente.

A própria vida se submete à vida das mercadorias. Isso já era expresso na carta do navegador italiano Cristóvão Colombo que Karl Marx traz a luz, conforme afirma Hinkelammert: “Quem tem o ouro é dono e senhor de tudo o que apetece. Com ouro pode-se até fazer almas entrarem no paraíso” (1983, p. 40).

Nesse passo de análise, as relações de mercado não decidem somente no plano de proporção produtiva, mas em âmbito existencial. Se seu criador vive ou morre, o fetiche age como um “*Frankenstein*” do sistema capitalista, no qual a criatura ganha vida e, de alguma maneira, lenta ou rápida, mata seu criador. Dessa maneira, diz Hinkelammert:

“Por isso o produtor pertence ao capital já antes que este compre ou deixe de comprar sua força de trabalho. A vida ou morte estão em suas mãos [...]” (1983, p. 51).

Destaca Hinkelammert: “para que o capital possa viver é mister que viva o operário” (1983, p. 54), pois o capital depende do trabalhador para seus ideais, porém o capital só se preocupa com o trabalhador em nível necessário para perpetuar a expansão de seus meios de vida fetichizadas.

Não existe preocupação com a real situação de exploração e miséria do operário confinando-os em uma manipulação dos meios de vida. Dessa maneira, o tratamento é de explorar até a última gota de suor do produtor em uma tortura voluntária causada pela cegueira da “fantasia” até a exaustão completa tomando sua vida de maneira cruel.

Hinkelammert resume perfeitamente esse ato de morte com a seguinte frase: “O capital se esconde por trás das máquinas e as usa como armas de guerra [...]” (1983, p. 55).

Essa relação vista de outro ângulo mostra como o detentor dos meios de produção se torna a fonte da vida passando despercebido o fato de que a vida do lucro obtido é a própria vida humana.

O capital é quem determina o valor da vida de cada um, mas o capitalista, enfeitiçado pelo encanto do “brilho do ouro”, não o enxerga como preço de sangue e morte do trabalhador, mas como naturalidade da lógica da sociedade. O feitiço se alastra e então cria-se o “valor sujeito”, cujo único objetivo é a dominação das relações da mercadoria e o entesouramento, mas vale dizer que por trás desse tesouro fetichizado está uma “mansão de almas”, nada mais é necessário, pois o valor sujeito continua se valorizando, espalhando seu feitiço e acirrando sua missão de roubar os sonhos e as almas dos mortais viventes no sistema capitalista.

Defende o economista Hinkelammert, abaixo:

Quando se arrisca o capital para ganhar mais-valia, deve-se fazer um ato de fé nas condições que asseguram a circulação, da qual o capital tende a voltar aumentado. Já não se pode crer na coisa palpável - um pedaço de ouro - visto que a fé substitui a segurança imediata (HINKELAMMERT, 1983, p. 66).

Nesse ponto, Hinkelammert critica a racionalidade neoliberal de exploração, não somente física, mas imaterial, condenando o sujeito a uma lógica aniquiladora.

2.1. NEOLIBERALISMO E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

Para o sistema neoliberal o mundo social é visto como um processo competitivo de descoberta, em que os indivíduos se movem segundo seus próprios interesses em combinação de atividades entre produtores e consumidores. A ordem do mercado é produto dos indivíduos e nelas todas as instituições são resultado de evoluções espontâneas, em uma competição natural-seletiva por sua operosidade e eficiência, partindo dos preços para a tomada de decisões para ajustar a produção e o consumo.

O filósofo Reginaldo Moraes (2001), afirma que é uma ideologia, uma corrente de pensamento representada primeiramente pelos economistas Ludwig von Mises, mas que foi seu discípulo o economista Friedrich von Hayek, que será considerado o patrono desse movimento, cujo objetivo principal é o combate a todo tipo de pensamento e ações do socialismo e, dessa maneira, fundar uma terceira via entre o capitalismo e socialismo, propondo a sociedade aberta, acusando o Estado de destruidor da liberdade dos cidadãos e da competição criadora, bases da prosperidade humana.

O inimigo, na visão neoliberal desse momento histórico, é o Estado e sua política de bem-estar social, pela planificação e intervenção na economia, caracterizando a doutrina keynesiana e principalmente o comunismo e sua defesa por igualdade política, econômica e social.

De acordo com Moraes, “a argumentação neoliberal tem uma estratégia similar à do sermão, pois desenha um cenário destruído e aponta uma saída salvadora, combatendo e perseguindo os sindicatos, grupos socialistas, e prioritariamente, atacando a inflação a qualquer custo e a promovendo reformas para atender ao mercado” (2001, p. 28).

Em 1998, a revista Newsweek, em artigos reproduzidos em setembro de 1998, pelo jornal O Estado de São Paulo, mostrou que o Fundo Monetário Internacional – FMI, não estava tão otimista com os programas impostos aos países endividados, conforme relata Moraes:

Reconhecia a proliferação da pobreza e das tensões sociais onde aparentemente se esperava encontrar o paraíso do mercado. São cada vez mais visíveis os efeitos destrutivos da desregulamentação dos mercados financeiros, com a liberdade para trocas e movimentos de capitais e para a criação dos chamados derivados. Ela estimulou uma avalanche de investimentos especulativos, muito mais rentáveis do que os investimentos na chamada economia real. São também evidentes os impactos desastrosos dessa tendência sobre o emprego e a renda e, mais ainda, sobre a estabilidade política, social e econômica desses países. E como o mundo econômico e financeiro se tornou ainda mais “globalizado”, também a estabilidade internacional é afetada (MORAES, 2001, p. 131).

Moraes avalia-se que o fascismo renasce em situações especiais de indefinição política, crise econômica, insegurança nacional, desmoralização do Estado, visando sempre derrotar a classe trabalhadora condenando-os, perseguindo-os e impondo uma obediência bruta apoiada pela massa da pequena burguesia e proletariados atingidos pela crise (inflação, falências, desemprego, degradação das profissões e das posições sociais).

Tal cenário supramencionado, aliado ao sensacionalismo midiático, conduz ao desespero das massas e favorece o surgimento da ideologia salvadora fundida no piche do rancor, do ódio, do desprezo e da culpabilização dos grupos minoritários, principalmente com o discurso xenofóbico e o racista.

De acordo com a magistrada belga Manuela Cadelli (2017), as ações do neoliberalismo estão carregadas de contradição e demagogia visando apoiar seus atos de individualismo, propriedade privada, “lucro sobre lucro”, antes fortemente criticado e o principal inimigo a ser combatido, defende:

O darwinismo social domina, atribuindo a cada um os mais estritos requisitos de performance: fraquejar é falhar. Nossos fundamentos culturais são destruídos: todo postulado humanista é desqualificado ou desmonetizado, porque o neoliberalismo tem o monopólio da racionalidade e do realismo. Margaret Thatcher disse, em 1985: "Não há alternativa". Todo o resto não passa utopia, irracionalidade e regressão. As virtudes do debate e do conflito são desmerecidas já que a história é governada por uma necessidade. Esta subcultura esconde uma ameaça existencial que lhe é própria: a ausência de performance condena ao desaparecimento e, ao mesmo tempo, cada um passa a ser acusado de ineficiência e forçado a se justificar sobre todas as suas escolhas. A confiança é quebrada. Só o que vale é a avaliação, e a decorrente burocracia que impõe a definição e a busca de uma A infinidade de metas e indicadores aos quais é preciso se adequar. A criatividade e o pensamento crítico são sufocados pela gestão. E todos devem ser penalizados pelos gastos desnecessários e pela inércia de que forem culpados (CADELLI, 2017, s/p).

A racionalidade neoliberal é ditatorial, dominadora e estrangula o sujeito com suas imposições performáticas de atender as metas a qualquer custo. A cultura das nações é desrespeitada e a única formação possível e aceita a ser vivenciada deve atender ao mercado capitalista consumista, classificado por ela como “monopólio racionalista e realista.

Cadelli expõe condena com veemência o discurso de Thatcher (1985) (Primeira-Ministra do Reino Unido de 1979 a 1990), ao tentar eternizar o neoliberalismo dizendo: “Não há alternativa. Todo o resto não passa utopia, irracionalidade e regressão”, uma vez que desmerece a dialética e elimina os contrários que nos auxiliam a enxergar os

equivocos cometidos com essa cobrança de excelência e perfeccionismo sobre o ser humano falho, diminuindo-o a condição de perdedor.

Diante da avaliação neoliberal, o sujeito é elevado a condição de descartável ao uso do sistema neoliberal, essa situação contribuí para agravar ainda mais a exclusão social e a miserabilidade, por esse e outras ações promovidas por esse sistema capitalista é que Cadelli (2017) associa o neoliberalismo com o as práticas do fascismo autoritário e aniquilador.

Em concordância com a visão de Cadelli (2017), em análise a argumentação de Hinkelammert a mestra Fernanda Coelho defende: “Hinkelammert (2002) fala sobre a irracionalidade do racionalizado, ou seja, —[...] o processo de racionalização crescente que acompanha o desenvolvimento moderno, está produzindo também uma crescente irracionalidade” (HINKELAMMERT, 2002, p. 12 apud COELHO, 2014, p. 110).

Coelho (2018), expõe a visão de Hinkelammert na acusação de que o capitalismo neoliberal é irracional ao defender uma racionalidade moderna que produz irracionalidade, uma vez que tal competitividade para ser o mais bem-sucedido e eficiente na obtenção do lucro, desvia o verdadeiro sentido da vida humana, que se realiza na “vida lograda” (inteira), alcançada, possível de ser vivida.

Ratificando a compreensão da irracionalidade neoliberal, Fernanda Coelho infere: “Este sistema fomenta a competição entre os indivíduos naturalizando a lógica de vencedores e perdedores, um logra suas metas vencendo o outro” (HINKELAMMERT, 2004 apud COELHO, 2018, p. 110).

Esse é o modelo neoliberal com traços marcantes de práticas fascistas, em que uma milícia de “oportunistas”, se aproveitam da fragilidade de uma nação, discursa com ódio de morte como salvador messiânico, é apoiado pelas massas entorpecidas e financiado pelo grande capital, senhor dos sonhos, dos pensamentos, das ações e das almas das vítimas enfeitiçadas.

O modelo da racionalidade-irracional da política e econômica do neoliberalismo ganha forças e se instala como absoluto no momento atual em que se encontra a política mundial, segundo Hinkelammert (2017).

Para o sociólogo Nildo Viana (2013), o neoliberalismo se embrenhou em todas as áreas como verdade absoluta, assim, a educação também sofre um assédio que ele propõe chamar de hipermercantilização.

Em conformidade com Viana (2013), a hipermercantilização significa um aprofundamento da mercantilização, a partir do regime de acumulação conjugado, o

capitalismo entra em uma fase de burocratização e mercantilização, na qual a educação está subordinada ao capital.

No entanto, acrescenta Viana (2013), o regime de acumulação conjugado sofre uma mutação e passa ao regime de acumulação integral é uma variabilidade da acumulação subordinada, pois impõe uma subordinação substancial, ou seja, o sistema público estatal sofre agressões e transmutações constantemente, enquanto isso vai se alastrando e ampliando a educação privatizada.

Esclarecendo em releitura a visão de Viana (2013), essa “*hipermercantilização*” apresenta-se por meio de “dois fenômenos”, no qual o primeiro é a expansão da privatização e o segundo é a intensificação da dependência do capital imposta ao ensino público estatal, atrelando-o aos interesses educacionais com os interesses da comunicação adulterando a percepção do povo e conduzindo a educação em direção aos interesses do mercado neoliberal.

Uma exigência do neoliberalismo educacional é sempre visionar os cortes de gastos usando a lógica do cálculo racional, explica Nildo Viana:

Obviamente com os limites e obstáculos comuns, entre eles a corrupção que drena uma grande parte da renda estatal e ainda não obteve resolução, já que quem decidiria isso são os próprios responsáveis pela mesma (VIANA, 2013, p. 99).

Dessa maneira, a redução de gastos estatais com as políticas educacionais aparece na precarização do trabalho docente, no sucateamento das instalações prediais, falta de material educacional, decadência das execuções dos processos documentais burocráticos, entre outras maneiras de explorar e lucrar com o dinheiro destinado para educação e segregar socialmente os que não devem ter acesso ao trabalho, ao consumismo enfeitado, da lógica capitalista neoliberal e dessa forma a “*mercadoria*” (nossas crianças) educacional é desvalorizada nesse mercado e expurgada para o subemprego, marginalidade, exploração, escravidão e aniquilamento (pelos aparatos higienistas) ou autoextermínio (suicídio).

Segundo Paulo Freire: “Educar é ter consciência do exato contexto e local, onde estamos fixados: “A educação é uma forma de intervenção no mundo” (1996, p. 20). É a reprodução de uma ideologia dominante, que impõe seu modelo visando alcançar suas metas e objetivos definidos, porém, implícitos aos olhos nus das massas enfeitadas pelo neoliberalismo.

A política educacional capitalista, proposta pela economia neoliberal se apresenta como “neutra” e nega suas ações de domínio, controle ideológico, impulsionador de pensamentos e atos próprios dos interesses do mercado da lucratividade. Essa educação fetichizada, tem como missão perpetuar essa lógica competitiva de morte às escondidas, uma que a verdade por trás desses interesses é excludente e aniquiladora.

A educação enfeitada pelo neoliberalismo se esconde nos avanços técnicos e tecnológicos para justificar seus atos de segregação social, exclusão material e morte, primeiramente, mental, em que os enfeitado é convencido de sua inferioridade e inutilidade, acreditando que haja respeito e reconhecimento na exploração que sofre e que sua presença nesse mundo é indiferente, portanto, ele se entrega para, secundamente, a morte física, na qual é “justíssimo” que aniquilem sua vida ou que ele tenha “honra” de se auto exterminar. Nesse contexto, o pensador brasileiro Paulo Freire, se coloca quanto a ética:

Continuo bem aberto à advertência de Marx, a da necessária radicalidade que me faz sempre desperto a tudo o que diz respeito à defesa dos interesses humanos. Interesses superiores aos de puros grupos ou de classes de gente. Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito mas como uma possibilidade. Possibilidade contra que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços (FREIRE, 1996, p. 39).

A educação proposta na atualidade, visa assimilar e difundir a continuidade das práticas antiéticas, pautadas no individualismo egocêntrico, competição desigual, aquisição de riqueza exploratória, do que as rechaçar e lutar contra esse modelo injusto, por meio da resistência, da quebra do fetiche, do olhar profundo para se enxergar, parafraseando Freire, “como traídos, enganados, vítimas negligenciadas”.

Se faz justa a postura de revolta contra a opressão. Destarte, argumentam Assmann e Hinkelammert quanto ao valor do ser: “No interior dos processos de intercâmbio valorativo entre os homens, a troca simbólica de objetos e representações de cunho sagrado costuma preservar uma determinada “utilidade”, isto é, um aspecto útil ou valor de uso” (1989, p. 3). Consonante com as visões dos pensadores supracitados, Allan Coelho, argumenta que se faz necessário uma atitude no âmbito educacional às avessas, contrário ao modelo de instrução competitivo, destrutivo, de servidão ao capital.

“Revolucionar é romper com ordem de aniquilação das mentes críticas, com a cumplicidade da desumanização” (2012, p. 5). Destarte, reflete Coelho:

O ser humano subalternizado deve modificar sua mentalidade (metanóia), sua forma de compreender a realidade, sua visão social de mundo. É necessário um processo educativo que altere internamente, que modifique as lógicas que geram o sentido na vida. É preciso, portanto, um processo educativo divergente (COELHO, 2012, p. 5).

Para Allan Coelho, é necessária uma mudança de mentalidade para ver a realidade do sistema neoliberal e gerar um sentido na vida, diferente da proposta de vida coisificada, irreal, ilusória e realizada na mercadoria do modelo neoliberal, mas uma vida autônoma, alcançável, em concordância com Hinkelammert (2017), uma “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida sem medo de ser descartado e/ou aniquilado a qualquer momento e por qualquer justificativa a serviço do lucro. Para Coelho, essa vida vivida coletivamente só pode acontecer por meio de uma nova educação.

De acordo com Hinkelammert (1983), dominador fetichizado não tem condições de concordar com a luta contra o sistema neoliberal de opressão do dominado, o contrário também se faz presente, o patrão não enxerga o direito do operário e o operário, também fetichizado, legitima a opressão sofrida.

Dessa forma, os incluídos gerentes do sistema capitalista estimulam e patrocinam a formação técnica e tecnicista ao pobre justificando essa doutrinação como igualdade de condições educacionais entre todos, assim, não permitindo que os pobres e excluídos tenham acesso ao conhecimento cultural, crítico, reflexivo e questionador, pois entende que um pobre questionador se torna rebelde a ordem exploratória, pode incorrer em um revolucionário, desenfeitado, acordado, um ser humano perigosíssimo, capaz de promover uma derrocada do projeto de manipulação capitalista neoliberal.

Em conformidade com Freire, a educação é ocupar um espaço, uma posição, uma luta contra a exclusão e a opressão, elucida:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa (FREIRE, 1996, p. 39).

Deve-se promover uma ruptura contra indecência, despudor, ausência de liberdade, o autoritarismo, a licenciosidade da ditadura assegura Freire, é necessário romper com o individualismo e sujeitização do ser humano proposto pelo sistema atual. Igualmente, a educação tem de assumir a luta contra a discriminação, a dominação econômica e acirramento da legitimação das classes sociais. “Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”. Desse jeito, explicita o pensador:

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não poderia se evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder (FREIRE, 1996, p. 47).

O discurso ideológico do neoliberalismo maquia a constante riqueza de poucos e crescente situação de pobreza de milhões de pessoas pelo mundo afora. A globalização capitalista usa sua ideologia para incutir sua manipulação nos jovens, novos produtos a ser consumidos no mercado enfeitado, e logo, garantir sua reposição de peças humanas úteis a serem escravizadas e descartar os inúteis para serem aniquilados, como reflete Hinkelammert:

Aparece un horizonte de aniquilamiento que es un producto de la propia racionalidad y una fuerza compulsiva de los hechos. La ley valor como ley ciega se ha totalizado, y crea la necesidad del aniquilamiento como producto de su propia racionalidad: fiat iustitia, pereat mundus. Creo que es difícil dudar de que estamos en un momento de definición histórica. Es la definición referente al nihilismo (HINKELAMMERT, 1998, p. 255).

A possível superação do fetichismo a ser destacada, descrito por Karl Marx em “O Capital” (2013), é apontada por Hinkelammert em *Armas Ideológicas da Morte* de 1983, em que defende que os homens só podem ser livres superando o fetichismo da mercadoria. É a superação do misticismo e do domínio da natureza sobre o homem. É a superação e reivindicação da liberdade perdida para as prerrogativas do mundo mercantil.

Defende Hinkelammert: “Essa associação de homens livres – e somente em associação os homens podem ser livres – é a superação do fetichismo da mercadoria. É ao mesmo tempo, a superação do misticismo da natureza e do domínio da natureza sobre

o homem” (1983, p. 38). É na coletividade que o homem pode se libertar do individualismo escravista neoliberal e superar o fetiche lançado por esse sistema.

A crítica realizada ao sistema neoliberal, no âmbito educacional, segundo Paulo Freire, é pensar a educação em outro ponto de visão, discrepante à sociedade e seus valores éticos enlatados e rotulados em um modelo de viver sedimentado na distopia autoritária e opressora, mas sim, edificar novos valores em um ser autêntico, engajado no ambiente em que está inserido, pronto para a luta coletiva por dignidade, respeito e igualdade.

Dessa forma, a educação freiriana não intenciona trocar o modelo de opressão por outro, seguindo o modelo tradicional, ou tecnicista, ou construtivista, etc., de fora para dentro, modelos feitos por intelectuais em seus gabinetes para outros viverem, nesse caso, atendendo aos interesses políticos, econômicos e sociais de uma elite privilegiada, mas emergir uma nova ideia que parta de dentro para fora, do pensar novo, do sentir a luta contra qualquer tipo de imposição opressora, uma educação essencial para transformação da consciência do ponto e do exato momento histórico onde está, da miséria humana, identificando a condição de seus miseráveis e dominadores, não somente dos corpos, mas principalmente das mentes.

Freire (1996) propõe a libertação e a humanização do oprimido, do desvalido, do excluído, do pobre, do iletrado, por meio da “retirada a venda” de sua ignorância intelectual dos conhecimentos prontos e acabados a serviço dos ricos e poderosos, mas principalmente de suas capacidades, conhecimentos e saberes, de serem atores principais da transformação, autores de suas próprias histórias, propõe uma maiêutica socrática, para revolucionar a si e o mundo onde estão inseridos.

Aprender a ler e escrever é muito maior do que a formalidade de recitar o livro, mas é a capacidade de interpretar o mundo, escrever as linhas da própria vida, criticando a realidade imposta de aceitação do mundo pronto e acabado.

O educando e educador ocupam o mesmo espaço, segundo Freire (1987), conscientes do papel do conhecimento mútuo, da aprendizagem constante, da partilha e amadurecimento intelectual e de vivência. É a denúncia da “*Educação Bancária*”, em que o educador é quem deposita o conhecimento pré-concebido e o educando é apenas espectador, aquele que de nada sabe, iludido e obedientes as ordens.

Denuncia Freire: “Quanto mais se deixam docilmente encher, tanto melhores educandos serão. Dessa maneira a educação se torna um ato de depositar, em que educandos são os depositários e o educador o depositante” (1996, p. 59)

Essa educação fetichizada utilizada pela globalização neoliberal promotora de morte direta pelos aparelhos de perseguição e imposição das leis que beneficiam a elite, ao incluído, ao rico, ao detentor do poder, a qualquer custo. Frente a globalização neoliberal expõe Hinkelammert: “Si la humanidad queria seguir viviendo, tenía que asumir una responsabilidad que hasta ahora sólo se podría haber soñado” (2006, p. 372).

Esse sistema é promotor de morte direta pelos aparelhos de perseguição e imposição das leis que beneficiam a elite, ao incluído, ao rico, ao detentor do poder, a qualquer custo pela exclusão do acesso aos serviços de educação, saúde, segurança, emprego, moradia, terra e renda, além da massificação do desejo de obtenção aos bens sob a promessa de felicidade que também não pode alcançar lançando o indivíduo a própria sorte no discurso invertido, na qual a culpabilização e justificativa meritocrática de exploração conduzem os indesejáveis e desajustáveis a morte, figuradamente falando, porém realmente vivenciando.

É importante ressaltar as análises dos autores, uma vez que a educação deve estar profundamente relacionada aos fatos concretos da vida, evitando a alienação dos sujeitos diante das barbáries sociais, pois todos os pensamentos e atos tem causas políticas, econômicas, culturais e sociais. A educação não é apenas o compromisso com a formação intelectual, mas, com as condições relacionadas à vida e sociedade.

Compreender que a educação deve cumprir sua função adaptadora e socializante dos sujeitos sociais é fundamental, porém, não podemos nos cegar, uma vez que “educar é libertar o humano pela formação crítica”, como argumenta Freire (1996), pela emancipação, pelo despertar da consciência do sujeito frente a manipulação ideológica do autoritarismo.

Esse autoritarismo, de acordo com Paulo Freire (1996), pode estar escondido em todas as esferas sociais retirando a legitimidade da autonomia e da incumbência do sujeito com o outro e de sua importância, não só na participação, mas na edificação da história e da sociedade em que estão inseridos, sujeitos acordados e combatentes da alienação e controle da lógica neoliberal, aniquiladores de mente e corpo, de vida.

Nesse contexto de libertação e emancipação a educação deve promover no sujeito a Ética social (respeito à vida em primeiro lugar) reforçando a capacidade de criticar e atuar como protagonista de sua história construtor de sua vida e seu ambiente de vivência e, portanto, do mundo em que está inserido.

Dialogando com Freire, Hinkelammert argumenta sobre a responsabilidade da opção e respeito pela vida em mundo neoliberal promotor de morte: “Era la

responsabilidad por la vida sobre la Tierra. Esta responsabilidad apareció, entonces, como obligación ética, pero al mismo tiempo como condición de posibilidad de toda vida futura. (2006, p. 372).

2.2. ANIQUILAMENTO: NEOLIBERALISMO E FASCISMO

Deslindando Hinkelammert em “El Grito del Sujeto” (1998), acentua que o reconhecimento do outro como inimigo e a luta de morte, uma vez que o reconhecimento do outro como ser individualizado pode ser levado a um extremo muito superior, como as ideias que trouxeram o fascismo no início do século XX, pois segundo o pensador marxista, o reconhecimento do outro se faz presente, no entanto, não mais como humano, mas como inimigo que deve ser abatido em uma guerra de morte.

Sem rodeios, essa batalha de morte, essa ideologia neoliberal carregada de intenção fascista, se faz presente no seio da nossa sociedade, carregada do sentimento de aniquilamento, indiretamente ou diretamente, daqueles que não são úteis e necessários, os miseráveis, pobres, explorados e condenados a “lenta morte”.

No neoliberalismo os não participantes do consumismo estão enfeitiçados pelo capital e não enxergam os verdadeiros interesses do neoliberalismo, e também, daqueles que não somente enxergam além do fetiche, mas denunciam a barbárie de sua prática de entorpecimento da massa, a esses cabe a pena capital, por meio da difamação e ridicularização, desenrolando na perseguição e exclusão social, e por fim, a morte do pensamento, da cultura, e com eles, o roubo da possibilidade de edificação de uma vida em uma “lógica diferente”, mais humanizada. Esclarece o pensador comunista, nos auxiliando a enxergar esse movimento:

Es la mística de la lucha a muerte entre enemigos, que es a la vez expresión de un gran amor, que deja atrás cualquier flaqueza o debilidad que se imputa a todos los pensamientos de un reconocimiento entre sujetos vivientes (HINKELAMMERT, 1998, p. 251).

Em harmonia com Hinkelammert, o pensador francês, o filósofo René Noël Théophile Girard, em sua obra: “A Violência e o Sagrado” (2008), é quem analisa mais profundamente a violência da sociedade moderna.

Girard afirma que os textos de perseguição são diferentes dos textos de aniquilamento presentes no século XX. Nos primeiros, os perseguidos são acusados de serem inimigos do “Império” e da lei, são acusados de serem os crucificadores de Cristo,

e por fim, assassinos de Deus. Já, os textos de aniquilamento são diferentes, pois o sujeito é substituído e por fim desaparece.

De acordo com Girard, a primeira sociedade a ter postura de aniquilamento foi o nazismo do político alemão Adolf Hitler, na qual, por meio de uma carta endereçada ao militar alemão Adolf Gemlich, em 1919, expressa que o antissemitismo tem que levar a um combate legal e a eliminação dos privilégios dos judeus, em relação aos outros estrangeiros do país, aleijando-os.

Para contribuir com o entendimento do aniquilamento, Hinkelammert defende: “El antissemitismo es exactamente lo mismo que el despojamiento. Desembarazarse de un piojo no es cuestión de ideología. Es una cuestión de limpieza” (1998, p. 250). Continua ao afirmar que a ideia de aniquilamento é uma condição universal que nunca mais se foi, uma vez que na atualidade, ela está presente na ideologia da globalização e em sua guerra econômica como princípio de vida da humanidade, desse modo, eliminando os aparatos e promovendo a morte, carregada de características fascista, do ser humano inconveniente aos planos de lucro do neoliberalismo.

Para Hinkelammert (1998), o sistema neoliberal destruiu a ética do bem comum, defendendo um individualismo mortífero. Se faz urgente a edificação de uma ética que possamos experimentar cotidianamente sem ameaçar a vida. O ser tem necessidades que vão muito além do consumismo e a satisfação das necessidades são fundamentais, pois decidem que vive e quem morre.

La relación mercantil totalizadora, en cambio, no puede discernir entre la vida y la muerte, sino que resulta ser una gran máquina aplanadora que elimina toda vida que se ponga en el camino por el cual avanza. Pasa por encima de la vida humana y la naturaleza, in ningún criterio. Sólo se salva aquel que logra ponerse fuera de este camino de la aplanadora (HINKELAMMERT, 1998, p. 304).

Hinkelammert chama a ética desse mercado de “máquina aplanadora” que esmaga a natureza e a vida de quem não se faz necessário aos olhos do sistema neoliberal, prática utilizada nas ditaduras Fascistas e no principalmente no regime Nazista, que sem nenhum critério racional, indicou quem deveria ser esmagado pelo “rolo compressor” e aniquilou e continua matando milhões de pessoas pelo mundo com a legitimação ética do sistema capitalista vigente.

Qualquer um pode ser indicado como inimigo, perigo, obstáculo a sua lógica expansionista e morto sem qualquer justiça. Hinkelammert (1998) continua denunciando essa prática assassina cometida pelo neoliberalismo na atualidade:

Desde el punto de vista del mercado como sistema, las exigencias de la vida humana son percibidas exclusivamente como distorsiones. Sin embargo, desde el punto de vista de los afectados, esta máquina aplanadora aparece como distorsión de la vida humana y de la naturaleza (HINKELAMMERT, 1998, p. 304).

A prática aniquiladora só é sentida por quem sofre, pelas vítimas desse sistema desigual, pois o mercado neoliberal não enxerga as necessidades do ser humano, ignora seu sofrimento e lhe impõe constantes ameaças de morte.

Dialogando com as críticas de Hinkelammert ao sistema neoliberal promotor de muitos mortos em nome da vida de poucos eleitos considerados dignos, próprio da lógica autoritária vivenciada com o Fascismo, afirma a magistrada belga Manuela Cadelli³:

O neoliberalismo é o economicismo total, que atinge todas as esferas de nossas sociedades, a cada instante do nosso tempo. É um extremismo. O fascismo é definido como o assujeitamento de todos os componentes do estado a uma ideologia totalitária e nihilista. Afirmando que o neoliberalismo é um fascismo porque a economia subjugou os governos de países democráticos, bem como todos os espaços de reflexão. O estado está hoje a serviço da economia e das finanças, que o tratam como um subordinado, pondo em risco até o bem comum (CADELLI, 2017, s/p).

Cadelli afirma que a austeridade do neoliberalismo nos cortes do orçamento público impede que possa ser atendida as necessidades das nações e tal política orçamentária avança sem responsabilidade social sendo inserida na lei ridicularizando o sistema público e aniquilando milhões de pessoas descartadas por esse sistema. “O niilismo que então se instala permitiu descartar o universalismo e os valores humanistas mais evidentes: solidariedade, fraternidade, integração e respeito por todos e pelas diferenças” (2017, p. 01). Essa prática é denunciada por Cadelli como neoliberalismo fascista.

Em diálogo com a crítica realizada por Hinkelammert (1998) e a denúncia de Cadelli (2017), referente a prática aniquiladora do fundamentalismo neoliberal, próprio do movimento Fascista o filósofo Norberto Bobbio (1998) conceitua o termo “Fascismo” afirmando que a palavra está solidificada em três usos ou significados principais, na qual inicialmente, ou seja, a primeira referência se dirige ao núcleo histórico original constituído pelo Fascismo italiano em sua vertente vivenciada na história.

³ CADELLI, Manuela. O neoliberalismo é um fascismo. Carta Maior: Portal da Esquerda, maio de 2017 <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/O-neoliberalismo-e-um-fascismo/47/38061>> Acesso em: 02 out. 2019.

A segunda especificação está ligada ao aspecto amplo fora das fronteiras italianas, na qual o Fascismo se alastrou logo após a ideia de nacionalismo voltado ao povo e se consolidou na Alemanha com traços ideológicos e políticos, realizando um percurso construído entre o Fascismo italiano e denominado Fascismo alemão, conhecido como Partido Nazista.

A terceira conceituação de Fascismo alcança os movimentos ideológicos e políticos que compartilham com aquele que foi definido como um Fascismo embrenhado na história, cujos os critérios de organização justificam os seus meios e seus fins.

Na visão de Bobbio, o termo que designa “o Fascismo assumiu diretrizes diferentes e, às vezes confusas”, dificultando a análise, manuseio e identificação aos interesses da pesquisa. Assim, deixando em evidência com afinco a tendência de restringir seu uso apenas ao Fascismo histórico, localizado no tempo e espaço europeu tendo como marco inicial o fim da Primeira Guerra e a assinatura do Tratado de Versalhes e se estendendo até o fim da Segunda Guerra Mundial e rendição dos países do Eixo e que está essencial e especificamente representado no Fascismo presente na Itália e no Fascismo nazista da Alemanha.

De acordo com Bobbio, Matteucci e Pasquino, essa é a designação mais fidedigna da estrutura na qual está fundida o Fascismo, cita:

Em geral, se entende por Fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 466).

Os pensadores apresentam a estrutura do Fascismo como manipulador, autoritário e aniquilador.

De acordo com Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), embora os partidos e movimentos fascistas apresentem divergências significativas entre si, é possível apontar várias características em comum, entre as quais nacionalismo extremo, desprezo pela democracia eleitoral e pela liberdade política e econômica, crença numa hierarquia social natural, no domínio das elites e o no desejo de criar uma comunidade do povo em que os interesses individuais sejam subordinados aos interesses da nação.

Em contraposição ao Marxismo e ao Anarquismo, o Fascismo posiciona-se na extrema-direita do espectro político tradicional aproximando-se, na atualidade, da racionalidade neoliberal e assumindo suas bases estruturais ideológicas, desde sua idealização no modelo italiano de Mussolini, na contradição e oportunismo.

Dialogando com Hinkelammert (1983); (1998) e com Cadelli (2017) sobre a prática aniquiladora da vida promovida pelo sistema imperialista vigente, é possível enxergar uma simbiose na promoção de sujeitos marcados para morrer entre o radicalismo fundamentalista do mercado neoliberal (promotor de miseráveis, famigerados, excluídos), portanto, indicador de quem deve viver e morrer e as ações promovidas pela ditadura autoritária fascista com sua ideologia segregacionista, persecutória, racista, indicador de quem deve viver e morrer.

Para auxiliar na discussão a mestra Fernanda Malafatti Coelho, acusa: “Neste sentido, Hinkelammert vai construindo sua análise para afirmar que a — utopia do neoliberalismo é fatal e altamente destruidora” (2018, p. 133).

Isso acontece na história quando o papel do sistema neoliberal é o da conquista, da imposição de suas regras, desvalorização do sujeito, da competição de morte, da privatização da terra (moradia e alimento), da exclusão dos mais fracos, do escarnio dos pauperizados e assassinato consentido pelas regras do Estado capitalista que legitima esse modelo de violência aniquiladora.

Parafraseando os pensadores Pierre Dardot e Christian Laval (2016), viver o modelo neoliberal é estar sempre em batalha em todas as frentes da sociedade, desde a ausência de recursos até a fabricação do terror para impor a lógica de vida e sobrevivência. É por isso que, tratar o neoliberalismo somente como uma ação econômica é um erro, pois esse sistema pode tanto transitar entre a brutalidade de morte declarada com o militarismo quanto agir de forma maquiada infiltrando-se nos modelos educacionais de competição, merecimento, exclusão e aniquilamento sutil do outro, partindo do discurso da utilidade, aceitação e pertença do estudante ao mercado de trabalho e aos diversos grupos sociais.

Esse neoliberalismo apresenta-se como o resultado do modelo histórico em foi se compondo e fundindo-se de vários modelos, construindo um monstro sem “pé e nem cabeça”, afastando-se do modelo idealizado por seus pensadores inicialmente. Sua compreensão não se passa mais em ver as regras criadas originalmente, mas em criar um novo modelo com novas regras definindo o “regime de acumulação”, em uma nova sociedade que sobreviverá a crise do capitalismo, baseando-se na lógica da concorrência e na atração do capital pelo capital.

Ao estudar o neoliberalismo e sua proximidade as ações próprias do movimento fascista, já mencionadas, se faz de suma importância procurar compreender as contradições do movimento fascista italiano da década 20, sua expansão pela Europa na década de 30 e fusão com outras correntes ditatoriais e exterminadoras, quanto por conseguinte, seus métodos e estrutura incorporados pelo neoliberalismo, ultrapassando as questões econômicas e se alastrando para uma nova razão, uma *racionalidade*, como afirmam os pensadores Dardot e Laval (2016).

Se faz necessário também, ressaltar a explicação das bases contraditórias, oportunistas e aniquiladoras do Fascismo italiano como uma sociedade sob um estado totalitário de partido único, como afirma Bobbio; Matteucci; Pasquino (1998), intencionando preparar a nação para o conflito armado e responder de forma eficaz às dificuldades econômicas. Acreditam que tal estado deva ser comandado por um líder forte como um ditador ou governo militarista constituído por membros do partido fascista capaz de forjar a unidade nacional e manter a ordem e estabilidade sociais.

O Fascismo rejeita a afirmação de que a violência é automaticamente negativa por natureza e acredita que a violência, guerra ou imperialismo são meios pelos quais se pode chegar ao rejuvenescimento da nação. O filósofo italiano Umberto Eco, explica melhor essa descrição em seu livro: “O Fascismo Eterno” (2002). Segundo Eco, o Fascismo foi regime ditador, mas que não se caracteriza por uma ideologia totalitária.

Ao contrário do que pensam os estudiosos sobre esse tema, “o Fascismo italiano não tinha uma filosofia própria”, pois foi estruturado sob a escrita de um artigo de Mussolini, que se fundamentou em Giovanni Gentile (filósofo do fascismo e neoidealismo) e segundo Eco, o político fascista italiano Benito Amilcare Andrea Mussolini nunca realizou completamente seus escritos sobre o Fascismo, mantendo-se apenas em uma retórica, sendo considerado uma contradição em si, afirmando, negando e mudando de opinião constantemente transitando de militante do ateísmo, frequentemente desafiando “*Deus*”, para se tornar um seguidor das tradições da Igreja

Católica, visando apoio ao movimento Fascista, no qual citava “*Deus*” e suas passagens em seus discursos.

De acordo com o historiador Gilberto Cotrim (2005), o Fascismo italiano surgiu na década de 20 foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, se espalhou pela Europa e outros continentes, em movimentos similares, modelos espelhados no regime retórico de Benito Mussolini, que foi um político italiano, líder do Partido Nacional Fascista, ascendendo como primeiro-ministro da Itália em 1922 e II Duce em 1925.

Cotrim defende ainda que: “Mussolini organizou milícias (tropas) fascistas, que promoveram uma série de atentados terroristas contra políticos de oposição” (2005, p. 438). É o marco da lógica aniquiladora, matar o inimigo indicado e eliminar a oposição.

Em 1939 Mussolini inseriu a Itália na Segunda Guerra Mundial ao lado do Eixo, afirma Cotrim (2005), governando a Itália sob o regime fascista até 1943, sendo deposto pelo Grande Conselho do Fascismo motivado pela invasão dos Aliados, foi preso e resgatado da prisão no Gran Sasso por forças especiais alemãs, passando a chefiar a República Social Italiana até sua derrocada final, tentando fugir para a Suíça, quando fora capturado e executado pelos rebeldes italianos e exposto em Milão de cabeça pra baixo para que todos comprovassem sua morte.

Para Cotrim: “O governo fascista empenhou-se em fazer da educação pública um meio de impor sua doutrina à sociedade. O ideal básico da educação fascista era submeter o indivíduo à total obediência ao Estado: “Crer, obedecer e combater” (2005, p. 438).

O Fascismo se espalhou, se reconfigurou e se mantém vivo até os dias atuais, disfarçado (implícito) na ideologia de competitividade, liberdade e meritocracia do neoliberalismo ou (explícito) por meio da exclusão, perseguição, prisão e aniquilamento do sujeito indesejável e descartável que obsta, ou simplesmente não serve à logística de exploração e obtenção dos lucros advindo dos juros da elite dominadora.

De acordo com Eco:

O Fascismo italiano foi o primeiro a criar um regime militar folclórico e ditando não somente o modo de pensar e se portar, mas também, a moda (maneira de vestir). Somente 10 anos depois, na década de 30 que surgiram movimentos fascistas em outras nações europeias como: Inglaterra, Letônia, Estônia, Lituânia, Polônia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Espanha, Portugal, Noruega e principalmente na Alemanha. Em seguida atravessou o oceano Atlântico e se instalou na América do Sul (ECO, 2002, p. 4).

A ditadura fascista italiana era a única opção aos italianos e tudo que ela ditava era a lei.

Sobre a expansão do totalitarismo, Eco não acredita que a palavra “*Fascismo*” foi o marco de inspiração dos movimentos totalitários diversos, uma vez que ele não possuía uma estrutura documental, intelectual, acadêmica, científica, ou seja, não possuía nenhuma essência, mas se convergia em uma ideologia de diversas ideais políticas e filosóficas, um grande aglomerado de contradições.

Unindo em uma força totalitária a monarquia e a revolução, o exército e milícia, legitimado pelos privilégios concedidos para a Igreja Católica e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado proposto pelo liberalismo econômico o Fascismo proclama sua nova ordem, financiado por fazendeiros conservadores, que temiam o fantasma do comunismo.

Esse Fascismo foi se modificando e passou de republicano (1920 a 1940), a leal a realeza italiana, voltando ao apoio à república social com ajuda dos alemães, modificando sua velha estrutura revolucionária, parafraseando Umberto Eco, “muito parecida com as jacobinas”, se referindo a Revolução Francesa de 1789.

Para auxiliar na explanação sobre a maneira de pensar do fascista, recorreremos a outro olhar, na explicação sobre a mentalidade do fascista no viés do médico Wilhelm Reich:

A mentalidade fascista é a mentalidade do "Zé Ninguém", que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado. Não é por acaso que todos os ditadores fascistas são oriundos do ambiente reacionário do "Zé Ninguém". O magnata industrial e o militarista feudal não fazem mais do que aproveitar-se deste fato social para os seus próprios fins, depois de ele se ter desenvolvido no domínio da repressão generalizada dos impulsos vitais. Sob a forma de fascismo, a civilização autoritária e mecanicista colhe no "Zé Ninguém" reprimido nada mais do que aquilo que ele semeou nas massas de seres humanos subjugados, por meio do misticismo, militarismo e automatismo durante séculos. (REICH, 1972, p. 13).

A explicação do médico Reich é importante para olharmos uma possível designação do comportamento do sujeito fascista, porém é reduzido a uma pessoa e ignora o corpo de dominação, a lógica do poder, da doutrinação camuflada pelo projeto neoliberal, no qual o fascismo é apenas uma de suas armas para implantação e perpetuação de seu projeto imperialista, mas é somente um meio, em que o sujeito com intenções e ideias fascistas é usado e apresentado a multidão de pessoas como líder, separatista, higienista, devoto, hierarquizado e superior aos demais.

O sujeito mencionado é aquele que será responsável por “salvar as pessoas de suas mazelas” com sua política de ódio e morte. Porém, esse líder não nasce, ele é criado por uma estrutura que lança seus tentáculos em todas as áreas, usando a comunicação não somente como publicidade e propaganda, mas como doutrinação dominadora e legitimadora da legalização, por meio das estruturas do Estado, do poder de aniquilar o indesejável.

Para auxiliar a compreensão, diz Hinkelammert: “No resulta ninguna posibilidad de un reconocimiento del otro como sujeto viviente. La razón está em el hecho de que se lo reconoce como propietario, y sólo como propietario. La sociedade capitalista es la sociedade em la cual eso ocurre” (1998, p. 249).

Frente a essa onda fascista que paira sobre os horizontes do mundo no século XXI, Hinkelammert, expõe que: “O sujeito é o outro. Por isso não é um indivíduo. Nunca está sozinho” (1998, p. 247). Partindo dessa afirmação, podemos descrever que o sujeito é maior do que o individual, ele só pode existir em relação ao outro.

O reconhecimento do sujeito é o mesmo que olhar para o próximo e reconhecer seus anseios e desejo de viver. Esse reconhecimento é capaz de alterar qualquer julgamento, mudar a ordem, alterar a lei e a regra capitalista imposta que em nome dos bens materiais condena e mata o outro, o sujeito. Essa prática fere a “Ética da vida” em seu nível máximo.

No sistema neoliberal capitalista, justifica-se por meio da legitimação da lei e por força do Estado a exploração e a morte em defesa do capital estimulada pela competição desenfreada e injusta do individualismo nocivo, da exclusão do acesso aos próprios meios de produção e do produto, da desigualdade que sem demonstrar-se abertamente a luz do dia, mas dissimuladamente na penumbra, mata sem dó e nem piedade.

2.2. FETICHE E O MERCADO DA PROSPERIDADE

Na visão de Hinkelammert (2017)⁴, o capitalismo legitima-se em todas as frentes da sociedade e é adorado como uma religião salvadora e por isso deve ser duramente e continuamente criticado, principalmente essa transformação neoliberal do mercado em uma religião do mercado.

⁴ Entrevista. En el marco del 150 aniversario de la publicación de El Capital del Marx, 2017. (1:30:01). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Do3FZpaXCzc>> Acesso em: 02 jun. 2019.

Para ele, o fetichismo é a teoria de mercado da religião que está sustentada pelo capital e Teologia da Prosperidade.

A crítica a Teologia da Prosperidade está totalmente vinculada com ética materialista de vida e morte, onde o mercado capitalista propõe uma ética de morte que se apresenta, maquiado, como ética da vida, e isso é o fetichismo, ou seja, uma morte que se anuncia e se promove e se diz anunciadora e promotora da vida, por exemplo, quando se baixa os impostos e se aumenta os preços em nome de ajudar o pobre, porém essa é uma tática fetichista do mercado para manter em continuidade o ciclo do sistema capitalista que se põe, mentirosamente, ao lado dos pobres, como uma religião salvadora dos necessitados, quando na verdade está promovendo a ética da morte disfarçadamente.

Franz Hinkelammert (2017) anuncia uma máxima da ideologia tradicional burguesa que é: “Ajudar aos pobres a conquistar para que tenhamos o que deles tirar”. Essa máxima segue a mesma ironia da 1990, que se dizia: “Se quer optar pelo pobre, opte pelo Fundo Monetário Internacional - FMI. Aqui vem a crítica a religião capitalista, como crítica ao mercado, onde um objeto de pedra é transformado em insígnia sagrada de devoção, adoração e sacrifícios.

Segundo Hinkelammert (2017), o comunismo proposto por Marx foi mal interpretado e desvirtuado, uma vez que ele nunca queria acabar com a religião, mas com o Deus Dinheiro usado em nome da religião pelo sistema capitalista para legitimar sua exploração aos mais necessitados.

Na ótica de Hinkelammert (2017), existe uma confusão entre a crítica a religião do dinheiro proposta pelo capitalismo e o ateísmo, uma vez que para se fazer a crítica a religião, do mercado, do capital proposto pelo sistema racional formal capitalista, Deus tem de existir, enquanto no ateísmo nega-se a presença de Deus e se Deus não existe, não existe também a crítica do fetichismo, a mais sólida e importante de Marx, a interpretação do socialismo marxista foi equivocada, pois em nenhum momento Marx questiona se Deus existe ou não, questiona se a maneira que o sistema capitalista diz que Deus é, se realmente é assim e conclui que não.

A crítica ao fetichismo deve aparecer e desenvolver-se com a ideia de que uma sociedade pode ser verdadeira quando se faz política socialista e que também é o lugar da religião, uma religião crítica e que não é falsa, que segue dogmas de fé na proteção e desenvolvimento da vida.

Auxiliando na explicação sobre o capitalismo e a religião e suas implicações na atualidade, Allan Coelho faz referência:

Em um cenário no qual o capitalismo enfrenta crises de ordem social, ecológica e econômica, amplos setores sociais pensam as possibilidades de superação da crise. Empresários, governos, movimentos altermundistas, igrejas e universidades, cada qual a partir de seu local de vida, interesses e ponto de vista, analisa a possibilidade de um ajuste no sistema social vigente ou a necessidade de mudanças em sua estrutura de funcionamento. Esse é o contexto em que inserimos nossa proposta de estudo. Um mundo em crise, em busca de soluções que possibilitem a vida humana para todos. [...] (COELHO, 2014, p. 21; 22).

Na visão de Allan Coelho (2014), frente a crise enfrentada pelo capitalismo neoliberal se faz necessário a mudança de estrutura do funcionamento do mercado. Esse sistema em ordem mundial é fortemente criticado pela Escola do DEI⁵ (Departamento Ecuménico de Investigações).

Para Hinkelammert (2017), todas essas críticas anteriores vão converter na crítica do valor-trabalho e valor-utilidade, presente em “O Capital”, no qual se está estruturado o neoliberalismo e assim o pensamento econômico, político da sociedade burguesa, base da crítica marxista vai se perdendo e se transformando apenas em um assunto da filosófica e que realiza a crítica ao fetichismo, mas não utiliza a palavra, para não se indispor e muito menos entrar em enfrentamento no plano da economia burguesa, presente no livro “Hacia una economía para la vida” (2005), pois aqui pode-se voltar a discutir a teoria econômica materializada para a vida das pessoas.

De acordo com Hinkelammert (2017), é essencial que se recupere o sentido da racionalidade material que responda a irracionalidade formal capitalista.

Afirma ainda, que é necessário fazer ciência, e não se trata de fazer o que a academia, em atendimento as metas irracionais capitalistas, diz que deve ser feito, mas fazer e dizer o que é necessário para entender o nosso mundo. É nesse ponto em que se perde o marxismo, quando se põe a atender os pensamentos de burocratas.

⁵ O Departamento Ecuménico de Investigações surgiu após as perseguições e o processo de dispersão de intelectuais e teóricos devido o advento de governos militares, entre eles o chileno em 1973, como já indicado, em 1977 Pablo Richard, Hugo Assmann e Franz Hinkelammert fundam em San José, na Costa Rica, o DEI. Inicialmente apoiado e financiado pelo Conselho Mundial de Igrejas, especialmente devido ao apoio de Julio de Santa Ana, com o intuito de “em diálogo com movimentos sociais e eclesiais da região e intelectuais orgânicos [...] contribuir com estes atores com elementos de análise crítica da realidade que possibilitem uma ação transformadora, desde perspectiva do pensamento social crítico, das teologias de libertação e da educação popular”. LIMA, Bruno R. **Departamento Ecuménico de Investigações: lugar privilegiado para se compreender a realidade latino-americana e o pensamento de libertação**. Argentina: Analéctica. Disponível em: <https://ufabc.academia.edu/Departments/P%C3%B3s_gradua%C3%A7%C3%A3o_em_Economia_Pol%C3%A9tica_Mundial/Documents?page=2> Acesso em: jan. 2020.

Em consonância com Hinkelammert, Paulo Freire se posiciona contra a contradição da educação bancária, de depósito de conhecimento alienante condicionando a serviço do capital:

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição (FREIRE, 1987, p 38).

A educação deve ser um estimulante da autenticidade de pensamento se desvencilhando da repetição sem sentido, da domesticação opressora do sistema capitalista neoliberal.

Ele compreende que o marxismo tem voltar as raízes e terminar a crítica ao capitalismo, critica essa que está inacabada e para ser uma crítica científica tem que responder a esse modo de fazer filosofia e não a que justifica o cálculo “meio-fim”, da utilidade, da formalidade racional neoliberal, mas uma filosofia de transição do pensamento socialista no século XXI.

Entretanto, essa tarefa é extremamente difícil e árdua e ainda não existe nenhuma concepção pronta que norteie esse caminho, pois o que há é uma base para uma nova concepção em construção iniciando por uma negativa que diz que não se pode avançar a uma nova concepção de socialismo com o desaparecimento do mercado, do dinheiro e do Estado.

Segundo Hinkelammert (2017), podemos mudar o “modus operandi”, porém não podemos extingui-lo, ou seja, transformar esse mercado sistematicamente sob o ponto de vista da ética materialista, não podemos destruir a natureza e muito menos aniquilar o ser humano, esse deve ser o modelo de sociedade socialista a ser construída com mudanças e alterações e não com a extinção das instituições.

2.3. RACIONALIDADE FORMAL CAPITALISTA FRENTE A RACIONALIDADE MATERIAL EM HINKELAMMERT

Franz Hinkelammert em entrevista concedida ao filósofo boliviano Juan José Bautista Segales, em outubro de 2017⁶, trata sobre o conceito de racionalidade, na qual apresenta a visão marxista crítica e capitalista moderna formal.

⁶ Ibidem 1

A afirmação de que a racionalidade material proposta por Marx, pensa uma racionalidade da corporalidade vivente, considerando a matéria e o espírito, a vida, ao contrário da racionalidade formal ou idealista que pensa uma racionalidade como se não tivéssemos corpo, somente um conceito abstrato que não sente.

É uma racionalidade morta em que o ser racional é aceitar, acatar e obedecer cegamente a ordem, a lei e a regra propostas sem questionar suas intencionalidades, seus meios, suas consequências e ainda, sem valorizar a vida antes do produto, da matéria (corpo e alma), antes da coisa, pois é a vida que move o objeto e a ele dá sentido, assim, sem vida, o objeto perde a sua utilidade, seu propósito, por isso, a “coisa” sempre deve estar em segundo plano.

De acordo com Hinkelammert (2017), essa racionalidade capitalista moderna formal, racionalidade “meio-fim” é excludente e fria, pois não leva em consideração o outro, nem muito menos seus impactos na vida e suas consequências de danos e morte do sujeito.

Por exemplo diz Hinkelammert (2017), a produção da bomba atômica, na qual para produzi-la é necessário e substancial a utilização da razão, porém é uma razão morta, somente estruturada na ideia do fazer, como fazer e no sucesso em sua utilização. A racionalidade aqui é ter a bomba atômica e usá-la.

Nessa lógica de pensar a racionalidade “meio-fim”, o objetivo é lograr sucesso, economizando recursos, otimizando tempo e causando o maior alcance de impacto danoso possível.

Defende Hinkelammert: “Ambos, tanto el método científico como la acción medio-fin mercantil, no pueden realizarse sino haciendo abstracción de la globalización a nivel de la realidad” (1998, p. 295).

A questão dos mortos causados pela criação e utilização da bomba atômica não faz parte da racionalidade formal capitalista moderna, pois a justificativa é que viver ou morrer não faz parte da ciência moderna e suas leis e regras formais, mas devemos tirar essa preocupação filosófica e teológica, uma vez que ela se instala no campo da metafísica, portanto não tem legitimidade como racionalidade utilitária para a ordem e o progresso.

Assim, como a racionalidade formal não considera a vida em primeiro lugar e sim o objeto, Hinkelammert (2017) diz que ela é idealista, quando ela trata como abstrata a realidade material da vida, não enxergando os corpos deixados no chão, mas esvaziando o olhar sobre o sujeito vivo a ser aniquilado.

Em diálogo com Hinkelammert sobre a metáfora dos “corpos dos sujeitos deixados no chão” pelo sistema neoliberal, Paulo Freire em citação a Erich Fromm, evidencia:

Mientras la vida (diz Fromm) se caracteriza por el crecimiento de una manera estructurada, funcional, el individuo necrófilo ama todo lo que no crece, todo lo que es mecánico. La persona necrófila es movida por un deseo de convertir lo orgánico en inorgánico, de mirar la vida mecánicamente, como si todas las personas vivientes fueren cosas. Todos los procesos, sentimientos y pensamientos de vida se transforman en cosas. La memoria y no la experiencia; tener y no ser es lo que cuenta. El individuo necrófilo puede realizar-se con un objeto – una flor o una persona – únicamente si lo posee; en consecuencia una amenaza a su posesión es una amenaza a él mismo, si pierde la posesión, pierde el contacto con el mundo”. E, mais adiante: “Ama el control y en el acto de controlar, mata la vida”⁷ (FROMM, 1964, p. 23 apud FREIRE, 1987, p. 42).

Para Freire na citação de Fromm e diálogo com Hinkelammert, afirma que os homens reduzidos a função de “coisas” encontram-se no processo de necrofilia, negando a biofilia que é a condição de vida do sujeito emancipada, no entanto ao se realizar no consumismo, na posse do objeto inanimado, que mata a vida, perdendo o contato com o outro, vivo, no mundo real.

A materialidade da vida implica em ter um corpo que viva a vida, e não somente a ideia da fórmula e cálculos científicos, ideia numérica, estatísticas dos benefícios do objeto para a produção tecnológica e seus intentos para a morte. Esta racionalidade formal esconde em si mesma a irracionalidade, presa em uma forma, em métodos que obstam enxergar o que é mais importante, a vida.

Dessa maneira, é muito difícil falar de materialismo e realismo, uma vez que a nossa sociedade está edificada no idealismo. Assim, não se vê a matéria viva, o ser, o ente, a pessoa, o sujeito vivente em seu dia a dia, em seus anseios, em suas dificuldades, mas, se enxerga como racionalidade moderna o objeto e sua forma metódica abstrata, navegando no inconsciente idealizado da vida perfeita e padronizada ditada pelas normas do capitalismo neoliberal e higienização fascista, excluindo, separando, perseguindo e aniquilando aqueles que não se adequam, se enquadram nesse perfil traçado como modelo.

Essa racionalidade irracional é celebrada como uma vitória do bem contra o mal, de “Deus contra o diabo”. Dessa maneira, a criatura se torna mais importante que seu

⁷ Ibidem 2

criador, a coisa vale mais do que a vida, a forma idealizada vem antes da matéria realizada.

Para Hinkelammert (2017), nesse sentido da racionalidade formal não se opera a razão, mas sim as emoções com valores superficiais negando a dialética marxista, chamada de comunismo, que trata a realidade essencial materializada da vida e da morte do sujeito vivente.

O sentido comunista em que a vida é tratada como uma vida, uma “vida lograda” conceituada por Hinkelammert (2017) como uma “vida inteira”, possível de ser vivida cujo é o valor principal e único, como é a realidade, sem abstrações idealistas do espírito absoluto, como uma vida é a honra, ou uma vida é o capital, ou ainda uma vida é minha imagem social (status).

As culturas se utilizam da explicação conceitual da “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida e não do “espírito absoluto” e a racionalidade é justamente de acordo com Hinkelammert (2017), fazer frente ante o irracional idealista em que está amalgamado a racionalidade formal moderna, proferindo a seguinte frase no dito popular: “Non debes cortar la rama del árbol sobre la cual está sentado”, pois se assim fizer, será o primeiro a cair. “Corta la rama sobre la cual está sentado y se enorgullece de la velocidad con la cual consigue su fin” (1998, p. 310).

Essa afirmação acima, é contra essa irracionalidade que a “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida, se coloca, em que cuida-se da vida, não por idealizações de formalidades subjetivas e abstratas, mas somente pela materialização ética, do cuidado com a preciosidade da vida em primeiro lugar. Ampliando a visão sobre contraposicionamento da cultura dominante acentuando a importância da escolha por um outro olhar, de uma nova perspectiva cultural, novo sentido, o da “vida lograda” (inteira):

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. O “contraposicionamento” refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador. Toda reação é limitada por, e subordinada à, aquilo contra o qual se está reagindo. Porque o “contraposicionamento” brota de um problema com autoridade – tanto externa como interna – representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma, a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo,

enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir. (ANZALDÚA, 2005, p. 705; 706).

Para Glória Anzaldúa, se faz necessário estar no lado oposto ao sistema que destrói e aniquila culturas e rumar para uma nova rota, um novo agir, um novo sistema.

De acordo com Hinkelammert, a racionalidade científica que o Karl Marx utilizou para realizar suas afirmações em sua obra “O Capital - 1867”, e seu método denominado marxismo, não está sedimentado nos questionamentos sobre a verdade ou não verdade, sobre a racionalismo ou empirismo, mas, sobretudo, da vida e da morte, pois aí está a essência da humanidade, o fim último do ser, a maior implicação racional, pois com o conhecimento sobre esses paradoxos posso me construir ou me destruir.

Dessa forma, acontece com o capitalismo neoliberal, ele desenvolve a economia, em favor de sua política de acúmulo de capital, de criação de tecnologias de dominação e exploração do trabalhador, por meio da mais-valia, porém todo seu método não existe sem destruir a natureza. Dessa maneira, argumenta em entrevista Hinkelammert: “El único enemigo del capitalismo, que puede destruirlo, es el capitalismo” (2017).

O único inimigo que pode destruir o capitalismo, é o próprio capitalismo, ao dizer isso Hinkelammert dos defensores do capitalismo que falam do mercado como um fator imprescindível para a sociedade, como se a vida fora do mercado não existisse, como se sem o mercado o faltaria o ar, a água secaria, o sol esfriaria e a terra morreria, mas é justamente o contrário, a busca desenfreada pelo mercado do neoliberalismo, de exploração da vida para obtenção de lucros sobre lucros é que está acabando com a natureza, com a vida.

Portanto, essa racionalidade está acabando com a vida desse planeta, sujando o ar com sua montanha de gases poluentes, os rios com seus lixos descartáveis de plástico e dejetos tóxicos, a terra com a devastação ambiental das florestas, queimadas e perfurações do solo em busca de petróleo e minérios, despejando uma enorme quantidade de agrotóxicos extremamente poluentes em benefício da agroindústria, o aumento do efeito estufa desencadeando o desequilíbrio ambiental em nível mundial e conseqüentemente as promovendo as catástrofes naturais de proporções inimagináveis.

Diante dessa situação alarmante, Michael Löwy, sociólogo marxista auxilia na reflexão sobre o meio ambiente e a responsabilidade com a vida, citando:

O ecossocialismo tem como objetivo fornecer uma alternativa de civilização radical àquilo que Marx chamava de “o progresso destrutivo” do capitalismo. É uma escolha que propõe uma política econômica visando às necessidades sociais e ao equilíbrio ecológico e, portanto, fundada em critérios não-monetários e extra-econômicos. Os argumentos essenciais que o sustentam têm suas origens no movimento ecológico, assim como na crítica marxista à economia política. [...] Os ecossocialistas deviam se inspirar nas observações feitas por Marx a respeito da Comuna de Paris: os trabalhadores não podem tomar posse do aparelho capitalista de Estado e colocá-lo a seu serviço. Eles devem demoli-lo e substituí-lo por uma forma de poder político radicalmente diferente, democrático e não estático. A mesma ideia se aplica, *mutatis mutandis*, ao aparelho produtivo que, longe de ser “neutro”, traz em sua estrutura a marca de um desenvolvimento que favorece a acumulação do capital e a expansão ilimitada do mercado, o que o coloca em contradição com a necessidade de proteger o meio ambiente e a saúde da população. É por isso que devemos levar a cabo uma “revolução” do aparelho produtivo no panorama de um processo de transformação radical. (LÖWY, 2009, p. 35; 36; 38).

De acordo com Löwy, o sistema neoliberal não respeita a vida em nenhum sentido e aspecto em sua essência natural, portanto deve ser demolido e edificado uma nova lógica revolucionária de mercado.

Dialogando com Löwy (2009), Hinkelammert (2017), argumenta que é importante dizer que sem o mercado não se poderia fazer os avanços e o desenvolvimento da vida moderna, porém é esse mesmo mercado neoliberal colocado à frente da vida que está destruindo tudo o que ele mesmo construiu, destruindo a paz, destruindo as relações, destruindo a vida em nome da racionalidade formal, subjetiva, abstrata, irracional.

A racionalidade formal é a realização da destruição neoliberal como ideologia absolutamente dominante, continua Hinkelammert (2017), guiada pela “mão invisível do mercado” conceito cunhado Adam Smith, porém essa mão não tem nada de invisível, ela é bem visível e atua movendo-se em nome daquilo que é subjetivo, abstrato, imaterial, denominado pelos dominadores capitalista como ação em nome Deus, um Deus que se encaixa em seus padrões, regras e legitima sua política de exclusão, perseguição e morte dos indesejáveis, do sujeito que não faz parte dos eleitos, dos incluídos, dos convidados a participar do banquete da festa do consumismo neoliberal.

De acordo com Hinkelammert (2017), a lógica de Marx é dialética materialista porque pensa a partir da matéria da vida humana, mas porque pensa a partir da contradição entre vida e morte da vida humana e tem convicção na “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida. Essa é a lógica da verdadeira racionalidade, a lógica da opção pela vida, presente nas obras de Marx.

Segundo Hinkelammert (2017), o fetichismo é o ápice do método de Marx, no qual se encontra o ponto mais importante e maduro da tomada de consciência do marxismo dialético, este conceito não foi bem compreendido, assim, quanto o filósofo marxista Walter Benjamin diz que “O capitalismo é uma religião”, como afirma Löwy: “Segundo Benjamin, as verdadeiras questões que se impõem para a sociedade não são “problemas técnicos limitados de caráter científico, mas questões metafísicas”[...]” (2005, p. 20).

Entre essas questões "metafísicas", a temporalidade histórica é essencial. As observações que abrem o ensaio contêm uma amostra extraordinária de sua filosofia messiânica da história.

Na perspectiva de Hinkelammert (2017), o fetichismo é olhar a economia como se não fosse uma economia para a vida das pessoas, mas se torna fetichizada quando se põe o ponto de vista de uma economia para ganhar dinheiro, para lucrar e o mercado com sua capacidade única de autorregular-se se adequa e segue aplicando sua máxima da “mão invisível” que na verdade é a mão visível do próprio mercado que organiza tudo que o cerca penetrando na economia, na política, na religião, nas instituições, como o “grande milagre”, salvador e sedutor, eliminando a opção de mudanças de rumos e se impondo como a única opção racional formal de funcionamento. Reforçando o entendimento de fetichismo Hinkelammert afirma: “O objeto da teoria do fetichismo é a visibilidade do invisível e se refere aos conceitos coletivos nas ciências sociais” (1983, p. 25).

Por esse motivo, acusa Hinkelammert (2017), o neoliberalismo não admite a crise vivenciada nesse sistema, em todos os âmbitos e sentidos, como por exemplo no meio-ambiente que está devastado pela exploração do mercado, contudo, jamais o sistema admitir-se à que é um problema do mercado neoliberal, uma vez que o neoliberalismo se vende como algo messiânico, divino, então se capitalismo neoliberal admitir a falha, terá que admitir que o Deus que lhe legitimou o poder também é falho.

Dessa maneira, negando, o neoliberalismo diz que os problemas vivenciados é culpa da própria ação humana, e como as pessoas não estudam o capitalismo neoliberal e as teorias econômicas e dinâmicas do mercado, seguem acreditando cegamente nessa falsa afirmação.

Contudo, se a culpa está nas ações humanas, quem dita o caminho e regula as relações não é o mercado? Dessa maneira quem move o mercado não é o neoliberalismo? Assim, a culpa é única e exclusivamente do mercado neoliberal.

Ampliando a compreensão sobre o fetichismo, diz Hinkelammert:

O fetiche, portanto, aparece enquanto os produtos são produzidos por trabalhos privados, independentes uns dos outros. Constitui-se a relação social entre os produtos e a relação material entre os produtores. Ao mesmo tempo o fetiche esconde o que efetivamente é a mercadoria e seu valor. Ambos são produtos do trabalho humano abstrato na forma de um trabalho concreto. (HINKELAMMERT, 1983, p. 33).

Conforme afirma Hinkelammert (1983), Marx buscava a extinção do mercado, pois o mercado coisificado é maior e melhor do que qualquer ser humano conseguirá ser, assim, imporá suas leis sem contestação, pois se houver crítica, o sistema reprimirá com veemência como um tirano aniquilador.

Dessa maneira, devemos seguir vivendo sob a égide do mercado, pensando todas as relações de acordo com mercado, pois tudo responde ao mercado, controlando inclusive as forças de repressão como a polícia, exército, justiça entre outros para servir ao mercado e não ao povo, a pessoa, ao ser humano, a vida, mas ao sistema capitalista neoliberal, tendo que estar pronto para reprimir todo aquele que não aceite ou siga suas injustas leis.

Por isso, a culpabilização do capitalismo neoliberal recai sempre sobre o que é público e nunca sobre o que é privado, pois todas as intenções do mercado é de privatizar a coisa pública e ampliar a lucratividade do mercado, paulatinamente ampliando a exclusão do povo daquilo que lhe pertence, que é seu por direito, garantido pelo Direito Natural, garantido pela Constituição Federal, garantido pela Declaração dos Direitos Humanos, e assim por diante.

Na ótica de Hinkelammert (2017), fica em evidência que frente a toda essa catástrofe causada pelo mercado neoliberal existe um sentido comum, pois Marx desenvolve em seu livro “O Capital” a crítica a “Teoria do Valor” dizendo que para que funcione a Teoria do Valor deve funcionar os valores que produzem o capitalismo, por esse motivo que no fundo a essa teoria seria a “Teoria dos Valores Perdidos” do capitalismo.

Destarte, podemos entender que o capitalismo além de produzir sentido para economia, produz também uma ética, no qual desde Georg Lukács, filósofo húngaro, em sua obra: “A Ontologia do ser social (1981)”, ingressou esse sentido no marxismo como um processo de organização do pensamento, lançando uma ética marxista para criticar e questionar esta ética de mercado distorcida com valores meramente aparentes e superficiais de respeito ao ser humano, proposta pelo capitalismo, pois sua ética é fazer cumprir a lei de retirada de propriedades, prisões, cobranças de dívidas, juros altos,

reintegração de posses aos milionários, é uma ética de ataque a pessoa e a vida do sujeito, que encobrem a proposta ética da materialidade da vida, da questão principal da ética marxista que é viver ou morrer, optando pela ética que produz vida.

Essa ética capitalista age de maneira intencional e racional a gerar lucro sobre lucro e não com bondade e humanidade, pois os empréstimos realizados, a liberação de fundos de investimento, de fundo de garantia do trabalhador, financiamentos a juros exorbitantes, relações com banco e crédito em mercado, está vinculado a manutenção desse giro de mercado capitalista neoliberal que tem de estar em funcionamento, operando, girando a economia.

Portanto, essas concessões são para que o trabalhador, o pobre, o endividado, o necessitado realize a farrá do consumo desmedido ou use seus recursos de garantia de futuro agora disponibilizados para sanar dívidas com o mercado de imediato, ou seja, o recurso sai do banco para voltar para o banqueiro e o trabalhador piora sua situação, pois agora deve o dobro em juros e não tem mais fundo de reserva para os remédios na velhice, fundo de garantia de futuro, pois a ética do mercado é a lógica do escravo, na qual se nasce serviçal do mercado capitalista e se morre operando as engrenagens da máquina do sistema capitalista.

Ao pobre-trabalhador não existe descanso, reconhecimento, possibilidade de viver, somente de sobreviver dedicando-se ao serviço, exploração e cansaço geradores de doenças e a morte, que passa a ser vista e sentida como um consolo, um alívio.

Esclarecendo o conceito de ética diz o filósofo Lukács:

O gênero humano é a síntese da individualidade e da generalidade da espécie humana. É o critério de referência do desenvolvimento humano, por isso a síntese do desenvolvimento da personalidade do indivíduo particular, situado historicamente, e do desenvolvimento da humanidade como um todo. (LUKÁCS, 1981, p. 44; 45).

Lukács, expõe a síntese do ser humano ético na individualidade e no todo em sociedade. O ser humano se faz na ética da vida, dialogando com Hinkelammert (2017), só pode haver ética na “vida lograda” (inteira), uma vida possível de ser vivida.

CONSIDERAÇÕES DO SEGUNDO CAPÍTULO

Nesse capítulo foi possível refletir sobre o as consequências do neoliberalismo e o aniquilamento do sujeito embasado pela análise crítica de Franz Hinkelammert em diálogo com autores que se posicionam em defesa da vida.

Dialogamos ainda sobre a ação neoliberal na educação, sua formação mercadológica de sujeitos reprodutores, sua lógica do cálculo racional e consequências para o mundo globalizado.

Refletimos também sobre o aniquilamento e a relação das mortes promovidas no sistema neoliberal, além de analisarmos se tais ações desse sistema estão atreladas aos preceitos do fascismo.

Realizamos brevemente uma conversa com Hinkelammert sobre o mercado e o fetiche religioso expresso pela Teologia da Prosperidade em atendimento e validação ao sistema neoliberal.

Por fim para o momento, mas ciente que existem muitos pontos a serem estudados e aprofundados sobre o neoliberalismo que ainda se sustenta, realizamos uma explanação sobre a racionalidade formal capitalista e a crítica sustentada pela racionalidade material construída por meio da ótica de Hinkelammert.

Para falarmos neoliberalismo se faz de suma importância refletirmos sobre o conceito de fetiche tirado de Marx no livro: “*O Capital -2013*”, na qual a mercadoria parecia perder sua relação com o trabalho e ganhava vida própria. Esse conceito foi o mais importante na ótica crítica do economista marxista do século XXI, Franz Hinkelammert, pois nele repousa a estrutura do pensamento crítico.

Em sequência ao diálogo reflexivo abordando o conceito de *neoliberalismo* e seus pensadores capitalistas, fora construído o caminho trilhado por essa corrente de pensamento no âmbito econômico, político e social e as críticas colocadas pelos pensadores marxistas sobre suas intenções, ações e consequências sociais, recorrendo, por exemplo, a afirmação do filósofo Pierre Dardot e do sociólogo Christian Laval em seu livro: “*A Nova Razão do Mundo (2016)*” ao afirmar que o neoliberalismo é uma “*racionalidade*” criadora e manipuladora das relações humanas com o mercado.

Essa versão neoliberal do capitalismo traz à tona sentimentos negativos sustentados pelo individualismo, frieza, meritocracia, exploração e desigualdade social, aflorando ideias separatistas, segregacionistas de sobrevivência na população, fundamentada na ideologia *fascista* intitulando-se como salvacionista incitando o ódio e a aniquilamento do sujeito indesejável.

Assim, iniciando essa explanação com o título: “O neoliberalismo é a nova face do fascismo - A linguagem da educação neoliberal”, Henry Giroux (2008).

Diante desses conceitos apresentados, Hinkelammert expõe sua crítica ao capitalismo neoliberal, sua ideologia aproximada da lógica fascista, racionalidade formal e consequências desastrosas para a vida.

Sobre o conceito de fetichismo se faz necessário considerar a divisão social do trabalho, pois tal conceito, transcende a ingênua e romântica camuflagem colocada pelo sistema neoliberal de uma simples escolha de gosto individual, em que o que está em questão é o querer desempenhar uma atividade na sociedade, no entanto, o olhar deve ser mais profundo e crítico, uma vez que a divisão social do trabalho está diretamente ligada exclusão e desigualdade, a decisão de vida e morte.

Segundo o economista Hinkelammert (1986), as relações mercantis “mascaram a visibilidade dos resultados”, apresentando somente uma visão periférica, transformando por meio do fetiche em invisibilidade, parecendo ser uma coisa daquilo que realmente se apresenta.

Explorou-se neste capítulo ainda, o conceito de neoliberalismo e explica-se sua origem e maneira de atuação, pois o mesmo nasce no início da década de 70 e é uma ideologia que propõe olhar o mundo de certa maneira, de certo ponto de vista. Ele é apresentado pelo economista Mises e toma corpo e notoriedade com o economista Hayek, discípulo de Mises. A obra “O caminho da servidão”, lançado em 1944 deu início ao movimento neoliberal.

Esse movimento ganhou força em suas ideias e propôs a solução ao afirmar que: os sindicatos e operários deveriam ser enfraquecidos, o Estado controlaria os gastos públicos e cortariam os encargos sociais. Afirmou também que a principal meta do Estado é manter a estabilidade monetária contendo os investimentos sociais e restaurando o desemprego por meio da criação de uma multidão industrial reserva para quebrar os sindicatos e sua luta por direitos ao operário.

Com o neoliberalismo e sua lógica de dominação sofre duras críticas, uma vez que as novas intenções do neoliberalismo estão fundamentadas em uma fragmentação socioeconômica, estruturado e embasado pela ciência e tecnologia agindo em prol do capital financeiro e não em nome da ética da vida humana e do planeta.

Na visão de Hinkelammert (1983), esse sistema capitalista neoliberal é incapaz de dar respostas aos problemas da sociedade política e econômica atual e enfrentamento as constantes crises que ele mesmo vem causando. Essa frustração tem poder de, em pouco tempo, conduzir a sociedade humana a sua própria destruição.

Já o fascismo, tratado nesse capítulo procurou trazer sua origem, expansão ideológica, ação de higienização social e aniquilamento do sujeito indesejável.

O conceito de fascismo desenvolvido nesse trabalho salientou a ótica de três autores principais que são: o pensador e escritor italiano Umberto Eco, que diz que o Fascismo foi regime ditador, mas que não se caracteriza por uma ideologia totalitária. Pelo filósofo Norberto Bobbio (1998), que expôs a trajetória histórica e expansionista trilhada pelo fascismo. Por fim, aborda também a visão de Wilhelm Reich, médico, ao se referir ao fascismo como um fenômeno internacional que permeia todos os corpos da sociedade humana de todas as nações.

Dessa maneira, buscando definir a teoria do fascismo, Reich afirma que é uma ideologia autoritária, caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia.

A crítica mais contundente desse capítulo fica por conta de Hinkelammert, que tece a abordagem base da construção que considera a onda fascista que paira sobre os horizontes do mundo no século XXI, dizendo que: “O sujeito é o outro. Por isso não é um indivíduo. Nunca está sozinho” (1998, p. 247). Partindo dessa afirmação, podemos descrever que o sujeito é maior do que o individual, ele só pode existir em relação ao outro. É a defesa de uma ética coletiva e de uma “vida lograda” (inteira), ou seja, possível de ser vivida.

Hinkelammert (2017), também discute brevemente nesse capítulo o nicho religioso impregnado e apropriado pelo mercado neoliberal, defendendo a ideia de que a Teologia da Prosperidade está totalmente vinculada com ética materialista e consumista de vida e morte, na qual o mercado capitalista propõe uma ética de morte que se apresenta, maquiado, como ética da vida, e isso é o fetichismo, ou seja, uma morte que se anuncia e se promove e se diz anunciadora e promotora da vida.

Para finalizar os argumentos desse capítulo foi apresentado a visão de Hinkelammert, em entrevista concedida ao filósofo boliviano Juan José Bautista Segales em outubro de 2017, na qual Ele trata sobre o conceito de racionalidade em dois pontos de vista.

A racionalidade formal ou idealista, pensa uma racionalidade como se não tivéssemos corpo, somente um conceito abstrato que não sente, é uma racionalidade morta, em que o ser racional se limita a aceitar cegamente a lei proposta sem questionar sua intencionalidade, meios, consequências e ainda, sem valorizar a vida antes do produto, da matéria (corpo e alma), antes da coisa, pois é a vida que move o objeto e a ele

dá sentido. Sem vida, o objeto perde a sua utilidade, seu propósito, por isso, sempre deve estar em segundo plano.

A visão marxista crítica e capitalista moderna formal, afirmando que a racionalidade material proposta por Marx pensa uma racionalidade da corporalidade vivente considerando a matéria e o espírito, em suma, considerando a vida.

TERCEIRO CAPÍTULO

SUJEITO PRECÁRIO DO MERCADO NEOLIBERAL DESEQUILIBRADO

Iniciamos o terceiro capítulo desta dissertação conceituando a noção de sujeito neoliberal, sua incompletude e objetificação mercadológica coisificada, tensionando a sua concepção aos olhos do racionalismo neoliberal em contradição com a ética marxista volta a defesa dos direitos humanos, da vida do sujeito exposta pelo Franz Hinkelammert.

De acordo com o dicionário digital de filosofia de Sérgio Biagi Gregório (2010), a palavra sujeito “deriva do latim *“subiectum”*, que está por debaixo. Etimologicamente, “o que foi posto debaixo”, “o que se encontra na base”. Ontologicamente, denota essencialmente uma relação à outra realidade que “descanse sobre ele”, que é “sustida” por ele”.

Essa definição trazida da ação de sujeitar, servir de estrutura para algo, relação de assentar sobre o outro objeto. Dessa maneira, ao pensarmos na palavra “sujeito”, nos remete alguém que praticou uma determinada ação ou sobre o qual falamos alguma coisa.

Essa definição de relações é própria da gramática, na qual o sujeito aparece como o responsável sobre a ação do verbo na sentença. Tal definição tem propriedade no sujeito lógico colocado pelo filósofo racionalista francês René Descartes nas obras: “Discurso sobre o Método”, publicado na Holanda no ano de 1637 e “As Paixões da Alma”, última obra do filósofo dedicada a Elisabete da Boémia, publicada em 1649.

Descartes distinguiu a noção entre sujeito e objeto entre o pensamento e a extensão. Ele acreditava que o pensamento (a subjetividade) era a essência da mente e que a extensão (a ocupação do espaço) era a essência da matéria.

Para ratificar o argumento sobre a definição de sujeito corpóreo, Descartes profere a seguinte afirmação:

[...] observo que não nos damos conta de que exista algum sujeito que atue mais estritamente ligado à nossa alma do que o corpo ao qual está unida, e que, portanto, devemos considerar que aquilo que nela é uma paixão em geral nele é uma ação; de forma que não existe melhor meio para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que analisar a diferença que há entre alma e o corpo, para saber a qual dos dois se deve imputar cada uma das funções existentes em nós (DESCARTES, 1999, 106).

Se faz fundamental realizar uma profunda análise de conhecimento e reconhecimento do nosso corpo para que possamos chegar as nossas aspirações intelectuais.

Hinkelammert (1986) se posiciona afirmando que o sujeito, antes de pensar ou analisar o conhecimento, o sujeito, primeiramente deve existir, de corpo presente, sujeito que vive e realiza seu projeto de vida e não somente como abstração no campo da ideia no âmbito da razão ou somente em possibilidades de vir a ser.

Na abrangência da filosofia, podemos mencionar algumas distinções entre os tipos de sujeito, dividindo o termo em sujeito ontológico, sujeito do conhecimento, sujeito social e sujeito moral, por exemplo.

Seguindo esse raciocínio podemos dizer que os sujeitos têm funções distintas de aplicabilidade, ou seja, definimos como sujeito ontológico quando afirmamos a existência, hipotética ou não, do Ser que pode suportar a carga das qualidades de estado ou de ação. O sujeito ontológico é encarado como uma realidade que permite a existência de uma outra realidade.

Dialogando com Paulo Langaro (2010), em “Desenvolvendo o Pensamento Crítico” com a abordagem “Sujeitos do Conhecimento”, podemos afirmar que o sujeito do conhecimento apresenta-se no Ser sobre o qual estão as capacidades cognitivas, como a percepção e a memória. O sujeito do conhecimento é uma generalização criada pela filosofia para designar a capacidade humana de conhecer de modo geral.

Entretanto, o sujeito social e o sujeito moral estão baseados em direitos e deveres.

A definição do sujeito social é, uma abstração, uma generalização, sobre a qual se pode pensar quando se quer propor uma mudança a manutenção nas regras do jogo social apontando os rumos, como as greves, as eleições, as guerras.

Já o sujeito moral encarna a habilidade geral de julgar qualidades do tipo Bem e Mal.

Essas concepções de sujeitos são fundamentais para reconhecer o ser humano como dialógico com o mundo que o rodeia, no entanto, se faz necessário transcender o campo racional da constatação da existência que afirma Descartes: “Se duvido, penso. Leva ao Cogito: Penso, logo existo - Cogito ergo sum” (1999, p.21).

É necessário enxergar o sujeito cognoscente, prático, mas é imprescindível reconhecer o sujeito vivente, afirma Hinkelammert (1986).

A lógica racionalista neoliberal enxerga o sujeito como pensante, algo longe, além da realidade, o sujeito invisível em sua necessidade de viver.

Definindo a realidade precária, Hinkelammert se embasa na obra de 1985: “O Dossel Sagrado: elementos de uma sociologia da religião” do sociólogo e teólogo Peter L. Berger, afirmando que “é a realidade empírica de “mundos construídos socialmente” que constituem uma ordem de instituições: “As instituições estruturam a atividade humana” (1986, p. 23).

Dessa forma, a ordem social objetificada já apresenta uma validação interna, organizando como uma lei, intencionando legitimar os mundos construídos socialmente, mas que são vendidos pelo sistema capitalista como um único mundo eterno e indestrutível em suas estruturas. Com tal concepção amalgamada, o homem é condenado a viver fetichizado no “infortúnio triunfal”.

A vida do homem nesse mundo neoliberal de futilidades, mentiras e enganações como se fossem verdades absolutas é passada pela, tradição oral e empírica, de geração para geração, construindo suas relações e mantendo-o não somente no discurso, mas na vivência social sem se dar conta da realidade ocultada de sua ordem precária.

Se a ordem social fosse de todos e para todos, não seria precária, pois não haveria a contradição, não haveria eleitos e condenados, donatários e serviçais, homem de bem e bandidos. Essas dualidades servem para enganar os participantes míopes enfeitados e legitimar ainda mais o sistema egoísta neoliberal.

Hinkelammert (1986) argumenta que as raízes da precariedade são o egoísmo e a estupidez, não validando a possibilidade de questionamento dessa ordem, autolegitimando-se como factível, como mundo existente antes, agora e depois, como único e eternizado, desmerecendo qualquer dúvida, restringindo-se ao ponto de vista de quem “dita” a ordem social vigente, ou seja o neoliberalismo propõe um mundo de futilidades, ilusório, de uma racionalidade irracional.

Na realidade precária o questionamento base do processo filosófico deve ser aniquilado no combate contra a legitimação. No entanto, o neoliberalismo legitimador nunca consegue aniquilar por completo, uma vez que a indagação é parte fundamental da mente humana. Assim, a legitimação neoliberal, busca realizar o movimento de questionar, mas para manter a legitimação de sua ordem social excludente.

De acordo com Hinkelammert, Berger vê ameaçada a ordem social, dada sua precariedade originada no egoísmo e estupidez, pois essas conduzirão a desordem, anomia e caos.

O caos é a antítese dessa ordem precária aniquiladora, portanto, o questionamento da ordem também é o caos ou a morte, que levará a mudança de lógica conduzida pela rebelião.

Afirma Hinkelammert: “Da mesma forma, ninguém duvida que a lógica do egoísmo e da estupidez é a morte. Por isso mesmo, os atos daí derivados são encarados como crime. E, portanto, o castigo do crime é a afirmação da vida diante da morte ou pode sê-lo” (1986, p. 26).

Como a ordem social neoliberal identifica a precariedade da ordem com o crime, ou seja, aquele que divergir da ordem excludente proposta pelo neoliberalismo será identificado como rebelde e será rotulado como contraventor, criminoso, será perseguido, preso e ou morto.

Aquele que não quer se encaixar nessa condição de rebelde criminoso restará somente a legitimação dessa ordem precária neoliberal.

Segundo Hinkelammert (1986), a rebelião é uma ordem social periférica enfrentando a ordem social imperialista, gerando conflitos de mundos constituídos. É a luta da realidade dos diversos mundos dos pobres e excluídos contra a ordem neoliberal da elite incluída.

Para clarear esse conflito entre mundos, Hinkelammert afirma:

Nesse caso, o conflito não é entre a ordem existente e o crime, mas sim entre a ordem existente e a ordem por construir. Desse modo, a lógica das desordens resultantes não é o caos e a morte, mas sim outro modo de vida. [...] Berger pode então afirmar o caos como a única antítese de uma ordem social específica. Assim, os diversos sistemas sociais têm por característica comum o fato de estarem expostos a cair no caos e terem que se defender dessa possibilidade (HINKELAMMERT, 1986, p. 27).

Segundo a afirmação de Hinkelammert, a antítese ao sistema vigente é o caos e a luta dos mundos, a luta das diversas realidades contra a queda ao caos é constante e inevitável, uma vez que essa ordem neoliberal é produtora de perdedores e derrotados. Assim, todos lutam contra a ruína aniquiladora, lutam pela própria existência.

A realidade precária carrega uma definição empírica de integrar o nomos (leis, estatutos e normas) com as instituições pertencentes a essa ordem.

Uma sociedade não podem chegar a anomia (ausência de lei ou de regra), pois seria sua ruína. Também não pode chegar ao caos, uma vez que ele representa a morte de uma sociedade.

A partir da precariedade da realidade uma sociedade tende para o caos, uma vez que, quanto mais excludente é uma sociedade, mais violenta ela se torna, banalizando a morte do sujeito que luta por continuar respirando.

A sociedade neoliberal individualista está propensa ao caos e a morte uma vez que, exposto por Hinkelammert (1986), a solidariedade é fundamental para a vida de uma sociedade, pois o ser humano unido enfrenta o caos e supera a morte social.

O ser humano ao escolher viver individualmente, escolhe a morte social (inconscientemente), por conta do fetiche no qual está inserido, próprio do sistema neoliberal, que vende uma imagem mentirosa da morte disfarçada na fantasia do dinheiro, da aquisição de objetos coisificados, distorcida da realidade, diferente daquilo que ela realmente é, aniquilamento da existência.

Para dialogar com Hinkelammert sobre a fetichização Enrique Dussel expõe:

Chamamos fetichização ao processo pelo qual uma totalidade se absolutiza, se fecha, se diviniza. A totalidade política se fetichiza quando adora a si mesma no império ou no totalitarismo nacionalista. A totalidade erótica se fetichiza quando é construída pela fascinação do falo perverso da ideologia machista. A totalidade cultural se fetichiza quando a ideologia imperial ou ilustrada elitista aliena a cultura popular ou castra o filho. O fetichismo é a morte da totalidade, do sistema, do discurso (DUSSEL, 1977, p. 102).

A morte da dialética, do contrário, se realiza na fetichização e em todas as áreas em que se faz presente se transforma em superficialidade, em produto mercadológico, seja na política, economia, cultura, é o fascínio perverso do machismo irracional da racionalização capitalista se faz presente afundando a possibilidade de ética coletiva e “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida, dialogando com Hinkelammert (2007). A fetichização é a imposição capitalista de uma vida ilusória.

A ética capitalista individualista não se importa com a morte dos vivos que não são úteis aos seus propósitos consumistas, os indesejáveis, que são descartados e aniquilados, se materializando em uma pessoa, em um grupo de pessoas, em uma nação e até mesmo em um continente inteiro, como exemplo citamos as periferias do mundo: África, América Latina, Oriente Médio, Sul da Ásia, entre outros locais possíveis, no qual a vida não é alcançável.

Allan Coelho nos auxilia nessa reflexão sobre a dinâmica de exploração e morte na racionalização capitalista, afirmando: “É um modo de organizar a sociedade que busca a racionalização da vida, mas gera violência, genocídio e barbárie” (2014, p. 26). O capitalismo seduz e mata com seu fascínio.

Ao pensar o capitalismo, Hinkelammert (1986) afirma que o mesmo em sua racionalidade nega o sujeito vivo, e é contraditório, uma vez que afirma-se liberal, mas se apresenta diferente do conservadorismo e do liberalismo clássico, porém carrega os traços da lógica clássica, da burguesia capitalista, elitista e antissocialista. Age como

Dessa forma, salienta Hinkelammert: “a legitimação da sociedade burguesa passa pela legitimação da sociedade socialista. Já o pensamento liberal original – embora também seja um pensamento de legitimação da sociedade burguesa – volta-se contra as sociedades pré-capitalistas” (1986, p. 47). Dessa maneira, a lógica liberal recorre em superar as demais sociedades, tornando sem efeito as sociedades anteriores, como a sociedade do pensamento mercantilista feudal.

No centro do pensamento doutrinário neoliberal está a propriedade privada, uma vez que esta carrega consigo a pobreza e exclusão. Em evidência está a dicotomia da verbalização e prática do neoliberalismo é outro, é confusa, pois diz uma coisa, mas faz outra completamente diferente, anuncia riquezas, porém distribui miséria, fome e morte, sempre covarde, escondido atrás da “mão invisível do mercado”.

Na análise social Hinkelammert (1986) nos lembra da antiga tradição cristã que diz que o pobre é todo aquele que não pode garantir a materialização da vida, impedido por condições maiores de assegurar a sua própria conservação e manutenção.

O pobre está estampado na indignidade dos desempregados, nas rugas dos idosos, na face das crianças, nas dores dos doentes, na solidão das viúvas, no preconceito com o homossexual, nas agressões contra a mulher, nas humilhações aos estrangeiros, nos discursos ferozes de morte contra o encarcerado, no desamparo do sujeito em situação de rua, nos desabrigados, naqueles sem um pedaço de terra para o plantio do alimento, nos carentes órfãos, nos dependentes químicos, enfim, em todos aqueles em situação de vulnerabilidade.

No sistema neoliberal, os pobres têm de viver as margens, contando apenas com as “migalhas jogadas ao solo”.

Para nos auxiliar no entendimento do mecanismo neoliberal e sua relação com o abandono do sujeito vivo, dialogamos com Correia que afirma:

Consideramos que o neoliberalismo manifesta-se como a nova ideologia totalitarista que se impõe pujantemente sobre a sociedade contemporânea; essa se apresenta como a nova máquina de guerra cujos métodos estratégicos de morte não dilaceram corpos como no nazismo tradicional; mas, sim, sequestram e docilizam consciências para a reificação da vida e fetichização do mercado. O sofrimento subjetivo

decorrente desta nova relação com o mercado é causado pelo mecanismo do medo e pela escravidão econômica por dívida e culpa. Esta é a nova colonização pelo viés econômico que gera sofrimentos pelas relações de trabalho (CORREIA, 2018, p. 90).

De acordo com Correia, o mercado neoliberal tem total responsabilidade na produção do sofrimento, medo e escravidão transferindo a responsabilidade às vítimas desse sistema aniquilador.

Nesse passo, para o neoliberalismo se sustentar em seus discursos e afirmações privatista, excludente, aniquilador, se faz necessário que esse sistema vigente crie pensamentos e falas que legitimem essa exclusão e abandono do ser humano, que justifique a retirada dos direitos, a ausência de cuidados, a não culpabilização ou condenação moral dos agentes neoliberais como acumuladores de bens materiais, descrito pelas antigas comunidades cristãs como egoístas, adoradores do bezerro de ouro, realizadores da prática de juro e usura.

As mãos estão repletas de sague dos pobres, dos sujeitos indesejáveis, mas a consciência fetichizada do neoliberalismo anula a culpa, partindo da lógica da “teologia da prosperidade” burguesa em legitimação dos bens privados, da meritocracia, do lucro, da competição, da “psuedo-justiça” existente entre aquele que tem o direito de oprimir (donatários) e o merecedor da opressão (pobres).

Hinkelammert, defende que: “[...] a sociedade estabelecida tem de respeitar seu “direito de pobre” e suprir pela caridade essa impossibilidade de defesa” (1983, p. 231).

Desta maneira, a contradição aniquiladora presente na sociedade neoliberal, ocultada na “mão invisível” reduz o sujeito vivo a condição de depauperação, sujeito utilizável, mas, caso não cumpra com as obrigações e regras desse sistema, que se resume a exploração por meio do pagamento de juros exorbitantes até para respirar, o sujeito que não responde ao consumismo, passa a ser denominado como pobre e o neoliberalismo tem “*horror ao pobre*”, não permitindo que esses possam viver suas vidas com decoro, com dignidade.

Para ratificar esse pensamento, diz Hinkelammert: “Sua pobreza é portanto, depauperação e como grupo são proletariado. Como proletariado vivem desempregados. De forma alguma se lhes concede a segurança de sua vida ou direito a viver. Mas eles, os sujeitos vivos os reivindicam” (1983, p. 232).

Destarte, os pobres são diminuídos ainda mais em sua imagem, se tornando, devedor, favelado, famigerado, mendigo, perdendo aos poucos sua identidade e sua

existência para o sistema capitalista neoliberal, se tornando um invisível, portanto, sua vida não é sentida socialmente, o que permite que seja exterminado pelos aparatos de higienização social fascista ou apenas, usando os eufemismos sarcásticos próprios do neoliberalismo que mata injustamente, *“passe dessa pra melhor”, ou “vá com Deus” (seu Deus, é claro! Aquele que aceita o pobre)*.

De acordo com Hinkelammert (1986), na atual sociedade capitalista neoliberal vivenciamos a depauperação, cujo o único responsável, diferente de outras épocas passadas na qual a natureza (catástrofes) ou guerras impediam o sujeito de trabalhar, é a administração produtiva do capital, geradora de precariedade e desequilíbrio, impulsionando em nome do lucro e direito de viver de alguns privilegiados, o desemprego, o salário degradante, resultando propositalmente na desigual gerência da propriedade privada, na qual somente alguns “senhores feudais” tem a posse e aplicam as leis em seus domínios.

Assim, estimula-se a competição desumana, em que a elevação dos salários de alguns e ausência de recursos da grande massa, acentua a desigualdade gerada por essa invisibilidade, essa relação abstrata criada pelo neoliberalismo, fetichizando as relações e legitimando, por meio do discurso contraditório da meritocracia, da qual, somente alguns merecem possuir o acesso, desde que não frustrate as expectativas das leis do neoliberalismo.

Todo aquele que deixar de produzir lucro e pensar fora da lógica do sistema, denunciando a exploração miserável, combatendo a desigualdade individualista, apontando e cobrando que o neoliberalismo assuma sua culpa no aniquilamento do pobre, será desmerecido, perseguido e aniquilado. Segundo Hinkelammert (2017) o neoliberalismo nunca assumirá a culpa pelos problemas por ele causados.

David Harvey traduz as intenções e ações do surgimento do capitalismo expresso por Marx:

Esse “massacre” surgiu da necessidade de encontrar e mobilizar força de trabalho suficiente em áreas distantes das cidades. Marx cita John Fielden: “O que mais se requisitava eram dedos pequenos e ágeis. Logo surgiu o costume de buscar aprendizes nas diferentes workhouses paroquiais de Londres, Birmingham e outros lugares”. E Marx prossegue: “Enquanto introduzia a escravidão infantil na Inglaterra, a indústria do algodão dava, ao mesmo tempo, o impulso para a transformação da economia escravista dos Estados Unidos, antes mais ou menos patriarcal, num sistema comercial de exploração”, e com isso estimulava o comércio escravagista, que estava sob o domínio dos britânicos. [...] Se o dinheiro “vem ao mundo com manchas naturais de

sangue numa de suas faces”, conclui Marx, “o capital nasce escorrendo sangue e lama por todos os poros, da cabeça aos pés”. Os processos de expropriação, afirma Marx no item 7, são tão longos quanto brutais dolorosos” (HARVEY, 2013, p. 207).

Para Harvey, a referência ao dinheiro está relacionada como meio de troca que usamos para comprar ou vender algo, seja moedas preciosas, o sal, o papel moeda ou o cartão de crédito, este meio está com sangue, já o capital é usado para designar os bens que servem para gerar mais bens, ou seja, retirar de alguém a posse por conveniência, este está imerso não somente no sangue, na dor do grito de morte do sujeito.

A expropriação dos bens, a exploração do sujeito em barganha a obtenção do lucro a qualquer custo são pontos nucleares do sistema capitalista. Quanto mais sangue do sujeito explorado pingar, mais lucro o donatário capitalista acumulará.

Com isso, é certo afirmar que o mercado é determinado pela realidade precária partindo da burguesia institucionalidade como núcleo e o pobre como coisa.

Nesse núcleo excludente, o neoliberalismo ameaça e coloca em risco o mercado com suas imbecilidades e estrutura perversa de viver, sempre apresentando uma dualidade, de um lado a ausência de responsabilidade com os mortos, exteriorizado no mercado perfeito (equilibrado), por outro lado, o caos que deve ser superado com o individualismo extremado, a competição desleal, a meritocracia fantasiosa e o lucro acima da realização concreta do sujeito vivente.

Com tal ameaça neoliberal ao mercado sustentado sua visão ao progresso irreal como justificativa de seus atos destrutivos, a gravidade da catástrofe aumenta e o caos vai se instaurando.

Na ótica de Hinkelammert: “Tanto o caos como a concorrência perfeita são conceitos não-empíricos, que englobam a realidade empírica, limitando-a” (1986, p. 49). A realidade empírica é somente interpretada, se torna transcendental, uma “espécie de sonho” deixando de lado a realidade do mercado, em outras palavras, um fetiche. Esse movimento é uma ameaça perniciososa ao mercado.

Entretanto, se o mercado quer funcionar é necessário que, politicamente, ele esteja equilibrado e não somente atendendo as regras mercantis (oferta e procura), de institucionalização defendidas por von Hayek, mas sim, considerar as teorias de mercado defendidas pelas teorias dos economistas, o francês Marie-Ésprit-Léon Walras, conhecido como o criador da Teoria do Equilíbrio Geral e o italiano Vilfredo Pareto, que define um estado de alocação de recursos.

Para eles, o equilíbrio de mercado é fundamental e, se faz necessário que todos participem do consumo, gastando, investindo por preferência ou necessidade, assim a produção e o gasto de recursos são percebidos pelos consumidores como um sistema com soluções justas e satisfatórias.

Essas teorias, segundo Hinkelammert (1986), enfrentam dois problemas, o primeiro de cunho teórico e o segundo de ordem prática, social, pois somente tendo conhecimento e clareza da teoria proposta, domínio dos mecanismos sociais, dos acontecimentos do mercado e a velocidade infinita de reação dos fatores, por todos os envolvidos, com uma capacidade infinita de se adaptar, esse equilíbrio geral será perfeito.

O modelo de equilíbrio pressupõe o conhecimento perfeito do mercado teórico, mas principalmente do mercado empírico, no entanto, Hayek nega essa lógica e continua a seguir a idealização contraditória da teoria econômica burguesa, sustentada na “mão invisível do mercado”.

Tal tese defendida pelo economista neoliberal Hayek, foge do empírico e aproxima-se do dogmatismo, uma vez que existem incertezas nas condições para o equilíbrio do mercado desde Adam Smith. Afirma Hinkelammert: “Até agora isso não ficou esclarecido e jamais ficará” (1986, p. 52).

Com atais constatações, fica evidente que o neoliberalismo é a ratificação das leis racionalizadas do mercado, visando a qualquer custo provar o improvável, ou seja, provar o equilíbrio do mercado. Para isso, recorre-se ao conceito fetichizado de liberdade total, no qual os mercados e atividade estarão livres, sem qualquer intervenção ideológica.

Tal discurso de liberdade total e ausência de ideologia proferida pelo capitalismo intenciona levar o outro a abandonar a crítica dialógica em um silêncio típico dos espectadores do espetáculo da vida e legitimar as imposições de dominação ideológica do mercado manipulador de massas, explica Paulo Freire:

Enquanto, na ação antidialógica, a manipulação, “anestesiando” as massas populares, facilita sua dominação, na ação dialógica, a manipulação cede seu lugar à verdadeira organização. Assim como, na ação antidialógica, a manipulação serve à conquista, na dialógica, o testemunho, ousado e amoroso, serve à organização. Esta, por sua vez, não apenas está ligada à união das massas populares como é um desdobramento natural desta união (FREIRE, 1987, p.102).

Se faz presente na afirmação acima, o “*sonho americano ou sonho neoliberal*” de um mundo perfeito, uma razão utópica, em que afirma Hinkelammert: “persegue-se fim infinitamente distante por meio de passos finitos” (1986, p. 53).

De acordo com Hinkelammert, se faz necessário a crítica ao sistema neoliberal para barrarmos a racionalidade utópica da vida abstrata, apatia social instaurada como eterna, e buscarmos impulsionar o viver coletivamente, na edificação de um mundo da realização do projeto do sujeito vivente.

3.1. O SUJEITO VIVO NO ESPAÇO NEOLIBERAL OBJETIFICADO

O sistema neoliberal está sedimentado sob a égide das promessas utópicas, sedimentada no conceito negativo do caos e destruição, assim destacando “o sonho social utópico como veículo para que o homem – iludido – escolha o caminho do caos. O pensamento neoliberal assume essa reflexão, mas transformando-a” (Hinkelammert, 1986, p. 57). Assim, o neoliberalismo promete tudo a todos até mesmo um mundo sem utopia.

Essas promessas são cruéis, pois geram esperanças vãs e vazias de utopias sem relação crítica com o mundo que se desvenda, esclarecendo reflete Hinkelammert que a raiz do mal não é própria utopia, mas a pretensão neoliberal de um conhecimento perfeito que lhe vedado, comportando-se como se tivesse a realização da perfeição do conhecimento, “ele produz a destruição, a desordem e o caos”. (1986, p. 58).

Jamais a utopia fetichizada de sociedade perfeita prometida pelo neoliberalismo será cumprida, primeiro pela contradição do mundo capitalista e exclusão dos pobres indesejáveis, segundo que em um sistema individualista, competitivo, meritocrático, exploratório se faz necessário os pobres e desvalidos para que os sujeitos fetichizados continuem desejando se incluir e participar da suntuosa festa do luxo, do consumismo afiançando sua existência contínua.

A filósofa Olgária Matos nos inspira a refletir sobre a interioridade do eu no fetiche do desejo consumista burguês, afirmando:

Assim imerso no mundo de coisas, o interior burguês se transforma em interioridade do eu e o mobiliário assume a função de sujeito ativo. O mobiliário erotizado estabelece uma aliança entre o Id e o superego que transforma o Eu em tapeçaria. O inconsciente mobiliário atapeçado é fixo, congela o tempo, cristaliza-o nas coisas. A esse interior se contrapõe a viagem que expressa a desmedida, como a “vastidão” baudelairiana que é o contrário do estreito, confinado, e do asfixiante, anunciando o horizonte e o aberto, a partida e o desconhecido, a extensão e o novo. [...] Não havendo “produção sem consumo”, “toda competição entre luxo e poupança é ilusória”, pois como observa Marx, “a produção deve se tornar mais universal e mais luxuosa pela concorrência” (MATOS, 2009, p. 275).

Na racionalidade do capitalismo burguês, o produto ganha vida e dita as regras do mercado erótico do luxo e da vulgaridade, em que a raridade e a individualidade representam a luxuosidade e o comum e coletivo, próprio da massa, é sinônimo de vulgaridade. Dessa maneira os preços e o acesso também são excludentes, ou seja, para poucos e o sujeito pauperizado é impedido participar do consumismo, é enfeitiçado pelo desejo de ser expressado por meio do objeto que porta, transformando a interioridade do sujeito em coisa.

Nessa linha de pensar, o sujeito é identificado apenas como objeto, nas relações de instituições são objetos institucionalizados. O sujeito é rotulado pelo papel social que desempenha transformando-se em objeto de si e das outras pessoas.

O sujeito passa a não falar por ele, mas universalmente, no âmbito jurídico, assim, é transformado em objeto, identificado e de realizando no sistema institucional, vivendo papéis, categorias, classe sociais.

Esse é um problema nas teorias institucionais, uma vez que o sujeito é vivo e tem de ser tratado como tal e não como objeto abstrato. Dessa maneira, toda a teoria institucionalizada é contraditória e ilógica ao tratar o sujeito como objeto.

De acordo com Franz Hinkelammert (1986), o sujeito deve estar fora da lógica do produto, mas se reconhecer como produtor e inverter a o fetiche presente na relação objeto vivo e ser humano coisificado.

Argumenta Hinkelammert:

Assim, o sujeito transcende a todas as suas objetivações, embora não possa existir sem elas. Desse modo, o sujeito também transcende todas as formas de sujeito que aparecem quando se trata o sujeito como objeto. O sujeito cognoscente, o sujeito atuante, o sujeito prático, o sujeito vivo e o sujeito da práxis são todos sujeitos tratados como objetos. Como sujeito, o sujeito transcende a todos eles (HINKELAMMERT, 1986, p. 283).

O sujeito é diminuído na relação com objeto ao próprio objeto e tratado como ausência de vida, no entanto é a crítica a utopia da razão mercadológica neoliberal, da mão invisível do mercado equilibrado, que nos conduz ao olhar apurado em ver no sujeito o detentor da vida e produtor dos produtos e não apenas mais um produto a ser consumido e descartado.

A questão que se apresenta no sistema neoliberal é que nem para ser consumido (explorado), parte dos sujeitos, os indesejáveis ou não ajustáveis, são aprovados pelo sistema, assim, são rotulados como incapazes e descartados ao nascer.

A partir da consciência da luta de classes, da retirada do feitiço dos olhos, da limpeza da lente da realidade da vida, nos faz enxergar o discurso dogmático desse sistema de eleitos promotor da exclusão legitimada por instituições como prática eterna, ou seja, o neoliberalismo sempre “foi”, “é” e “será” tal como tal.

Nesse raciocínio o sistema neoliberal está autorizado pelos incluídos fetichizados a cometer seus assassinatos. Se faz necessário, com urgência, a crítica rebelde capaz de questionar a legitimidade neoliberal e frear esse aniquilamento.

Diante desses assassinatos consentidos e legitimados cometidos pelo capitalismo, deslinda a psicóloga Maria Helena Zamora:

O capitalismo mundial – bem como a subjetividade e o biopoder que engendra – opera através do que poderíamos chamar de “hiperconexões”, de redes frias de exploração, violência e cinismo (Passos, 2000). Assim, atua de múltiplas formas anônimas, flexíveis, sem país central, sem cara – mal podemos localizá-las. Opera fabricando individualidades, quando nada mais faz que propor modos de ser em série, subjetividade indiferenciada. O controle da vida atinge todos nós. “Ao reduzir a existência ao seu mínimo biológico, o biopoder contemporâneo nos transforma em meros sobreviventes”, afirma Pelbart (2006). O autor retoma o percurso de Agambem (2004), que mostra a vida reduzida à dimensão zoe, ou seja, a corpos “matáveis”, sem que tais mortes se constituíssem assassinatos, porque distantes da importância política (ZAMORA, 2008, p.108).

O biopoder, hiperconexões, são conceitos próprios da lógica neoliberal que carrega em seu cerne a indiferença com o sujeito vivente em nome da exploração. Opera de maneira velada, sem cara, fabricando individualidade e subjetividade da indiferença. Esse sistema neoliberal de manipulação e controle atinge a todos diminuindo as pessoas a meros indigentes aniquiláveis.

A abstração teórica supera a realidade da vida construindo relações com ausência de empatia e fundamentada na volatilidade, controle de dados virtuais, manipulação midiática de desejos e aquisição de produtos inúteis em busca da “pseudo-felicidade”.

Nesse sentido, Zamora (2008) denuncia a chacina promovida pelo sistema capitalista contra os sujeitos indesejáveis, pobres pauperizados, sem que essas mortes sejam contabilizadas e denunciadas, uma vez que não despertam interesses político-econômicos por esse sujeito não estar embrenhado no universo consumista, ou seja, a objetificação o transforma em coisa, produto a ser consumido e descarta aquele que não consegue ou quer participar desse sistema.

No entanto, esse sistema fetichizado mantém as relações limitadas no âmbito do conhecimento e sua incompletude faz com que a racionalidade neoliberal-excludente continue existindo e seja validada por falta de competência formativa crítica, consciência rebelde (negação) e entendimento da batalha travada pela luta de classes. Essa alienação informativa e acadêmica imposta pela ordem vigente mantém viva a doutrinação capitalista.

De acordo com Zygmunt Bauman, esse sistema líquido é marcado pela mudança do olhar da modernidade. “Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” — ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social”. Assim, o neoliberalismo coisifica essas relações transformando-as em produtos com “código de barras” (2001, p. 14).

O sociólogo Bauman explica a liquefação da sociedade capitalista e sua irresponsabilidade com o sujeito vivente, uma vez que o “dinheiro” passa a ocupar o centro das necessidades e desejos:

“Derreter os sólidos” significava, antes e acima de tudo, eliminar as obrigações “irrelevantes” que impediam a via do cálculo racional dos efeitos; como dizia Max Weber, libertar a empresa de negócios dos grilhões dos deveres para com a família e o lar e da densa trama das obrigações éticas; ou, como preferiria Thomas Carlyle, dentre os vários laços subjacentes às responsabilidades humanas mútuas, deixar restar somente o “nexo dinheiro”. Por isso mesmo, essa forma de “derreter os sólidos” deixava toda a complexa rede de relações sociais no ar — nua, desprotegida, desarmada e exposta, impotente para resistir às regras de ação e aos critérios de racionalidade inspirados pelos negócios, quanto mais para competir efetivamente com eles (BAUMAN, 2001, p. 10).

Eliminar as obrigações irrelevantes no conceito racionalista capitalista é eliminar a responsabilidade estrutural em edificar e manter uma sociedade comunitária, além de lançar a própria sorte a ética solidária com meio-ambiente e do ser humano como predileção. Dessa maneira, derreter os sólidos significa deixar de lado a preocupação com a vida do sujeito e priorizar o lucro e satisfação individualista fugaz.

Com esse fetiche líquido das relações capitalista o sujeito é explorado, escravizado, excluído e aniquilado, mas não tem forças para lutar por sua vida, uma vez que todas as bases sólidas de proteção social foram derrubadas pela mutabilidade agressiva e predadora imposta pelo capitalismo-neoliberal.

Em contraponto, o olhar sobre o sujeito no sistema neoliberal deve transcender a contradição dialética existente entre teoria e empiria, uma vez que o sujeito está além de suas objetificações efêmeras.

Hinkelammert afirma: “Ora, esse sujeito é sempre um sujeito em sociedade. Para que o sujeito seja tratado como objeto tem que haver alguém que o trate assim. O sujeito humano em questão é sujeito social – e, se não fosse assim, o problema não existiria” (1986, p. 284).

Dessa forma, ao falar de sujeito é impossível não transformá-lo em “coisa” por meio dos rótulos da linguagem que o faz objetificado. A transcendência do sujeito, para além da linguagem o faz acima de todas as objetificações institucionalizadas.

Esse sujeito transcendente da linguagem objetificada se apresenta na vivência subjetiva com os outros sujeitos. É a transcendência a partir do que é real, defrontando o sujeito como sujeito não transformando-o em objeto.

A vivência subjetiva do sujeito está em ver além do esperado pela “caixa” imposta do sistema neoliberal, olhar o outro e se compadecer da sua condição de ser humano, caminhando ao seu encontro e de suas necessidades. Esse encontro não está carregado de intencionalidades lucrativas monetárias ou favores escusos da lógica da atual teologia da prosperidade, mas enxergar e se colocar no lugar do outro.

Tal relação produz um movimento de comunidade entre os sujeitos sem objetificar ou institucionalizar nas regras coisificadas de mercado neoliberal excludente. Se estabelece justamente o contrário, é a negação dessa doutrina gananciosa, individualista e de eventuais vantagens.

O movimento da produção da comunidade entre os sujeitos se realiza da seguinte maneira, de acordo com Hinkelammert:

É uma situação na qual tudo é fluído, dissolvendo-se qualquer “eu” e “tu”; qualquer norma fica suspensa e a comunicação torna-se direta pela captação de uma situação, passando longe de qualquer linguagem. A partir do reconhecimento entre os sujeitos, ocorre a sua identificação (HINKELAMMERT, 1986, p. 285).

Olhar o outro como objeto não basta para a edificação de reconhecimento do sujeito, se faz necessário enxergar o sujeito como um espelho onde eu olho e me enxergo refletido nele, em uma relação de identificação do sujeito subjetivo e não objetificado, é o olhar para além do fetiche das aparências do neoliberalismo, enxergando a essência dos sujeitos viventes convivendo em comunidade.

A relação de comunidade vem quebrar o sujeito objeto que somente é visto se serve a algo ou alguém. Essa relação constrói sujeitos incluídos que estão convidados a

participar da festa da vida independente de seus rótulos, instituições, títulos ou status social.

Enxergar o sujeito subjetivo é enxergar o respeito à vida. É ver que todos somos convidados ao banquete, pois a festa é aberta para todos os viventes, independentes das normas e classes sociais.

Viver em comunidade é o reconhecimento dos sujeitos em compartilhamento das necessidades. Essa vivência coletiva, transparente e igual é a imagem da nova terra, na qual reina a felicidade plena. Reafirma Hinkelammert:

A nova terra é “terra sem morte”, na qual todos os sofrimentos serão consolados e onde o reino de Deus será celebrado nos termos de grande banquete. A nova terra é uma grande festa sensual, que apaga todos os limites e todas as normas, instalando uma fluidez de todas as relações entre os sujeitos e entre esses sujeitos e a natureza, que liberta a sensualidade, adequando-a ao desejo subjetivo de cada um (HINKELAMMERT, 1986, p. 286).

A transcendência imaginária se faz impossível na racionalidade neoliberal, uma vez que seu movimento é a competição levada ao extremo, a morte do sujeito indesejável, do pobre, do excluído do capitalismo.

Para viver essa perfeição imaginária da fluidez da grande festa é necessário viver o amor ao próximo, amor entre os sujeitos viventes nesse mundo comunitário. É a imagem da vida totalmente satisfeita e realizada.

O pensamento imaginário subjetivado transcendental tende a pensar a satisfação total das necessidades como realização da inclusão dos sujeitos em um mundo comunitário em festa.

De acordo com Hinkelammert: “Na realidade, o mal da pobreza não está na fome. A fome é algo bom. O mal está na impossibilidade de satisfazer a fome” (1986, p.287).

A fome é parte da realização do prazer em saciar tal necessidade no banquete e isso não é um problema. O problema é dor desesperada causada pela fome e não a ausência do alimento para satisfazê-la.

Ausência tal, não porque o alimento é inexistente ou insuficiente, mas, nessa lógica neoliberal somente alguns são eleitos para saciar-se com a legitimação das regras fetichizadas da competição, do mérito impostos por força de lei excludente produzida pelos incluídos donatários da sociedade individualista como única realidade possível a ser viver.

Negar a satisfação das necessidades próprias da vida é denominada como *pobreza desgraçada*, uma vez que a graça da vida é dada a todos, mas as regras do sistema capitalista neoliberal regulam a graça dada de bom grado pelo dom da vida no mundo negando aos rebeldes e indesejáveis, aos pobres, condenando-os a aniquilamento.

De acordo com o pensador Boaventura de Souza Santos a igualdade de direitos deve ser reafirmada, acompanhada pelo combate a injustiça insolúvel e perpétua neoliberal. Para Santos: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (2003, p. 56).

A luta pela garantia de direitos é fundamental para a vida do sujeito vivente contra a racionalidade neoliberal do sujeito objeto.

Ao pobre somente os direitos que asseguram a sua humanidade podem salvá-lo do extermínio, uma vez que aos ricos e poderosos do sistema capitalista o “dinheiro”, posses, riquezas materiais acumuladas e prestígio social servem de blindagem legitimadora para realização de seus mandos exploratórios, crimes e assassinatos.

À vista disso, em garantias dos Direitos Humanos, Boaventura de Souza Santos assegura:

Se necesita una nueva política de derechos, un enfoque actual a la tarea de ortogar poder a las clases ya a las coaliciones populares en sus luchas hacia la consecución de soluciones emancipatorias más allá de la modernidade occidental y del capitalismo global. Se necesita una nueva arquitectura de derechos humanos basada en un nuevo fundamento y con una nueva justificación. [...] Significa establecer y denunciar un acto abismal de negatividad en el centro de la expansión colonial, una negatividad abismal sobre la cual la modernidad occidental cimentó sus deslumbrantes edificios epistemológicos, políticos económicos y culturales. Según esta concepción, los ur-derechos no son por tanto los derechos naturales de la tradición idealista de Occidente; son derechos que existen solo en el proceso de ser negados y como negaciones. En realidad, no son derechos originales sino más bien injusticias-originales; son derechos originales que solamente existen para señalar la perpetración de injusticias-originales. Reivindicarlos significa abrir el espacio-tiempo para una concepción de derechos humanos poscolonial y posimperial (SANTOS, 2010, p. 88; 89).

Um novo enfoque nos Direitos Humanos se faz urgente, um olhar para além dos direitos humanos neoliberais fetichizados a serviço do sistema capitalista, mas direitos que emancipam para além do idealismo racionalizado em defesa da vida do sujeito em primeiro lugar. Boaventura chama atenção para as injustiças afirmadas como justiça

natural e original e se faz necessário sua negação para abrir espaço na estrutura de Direitos Humanos para além da dominação imposta pela colonização imperial.

Em diálogo com Boaventura de Souza Santos, Henry Mora Jiménez, expressa sua visão sobre os direitos do ser humano em Franz Hinkelammert:

El punto de partida sólo puede ser el ser humano como sujeto, que ahora insiste en sus derechos, en el conflicto con esta lógica propia de los sistemas institucionales. No es más, o no es sólo, el conflicto de clases, sino el conflicto de la posibilidad de la vida frente a la lógica propia de los sistemas. Y la vida real siempre es la vida del otro, que es la condición de mi propia vida (HINKELAMMERT, 2006, p. 18; 19).

O ser como sujeito é e sempre deve ser considerado como ponto de principal, portanto, respeitar seus direitos humanos é fundamental para que ele possa viver plenamente, realizando seu projeto de vida em comunidade, com o outro, sem medo do aniquilamento neoliberal.

Pensar uma nova realidade é conectar-se a imaginação transcendental e a realização da vida sem a dor, sem a exploração da carne e dureza da perseguição aos “pobres desgraçados”. É a vida seguindo a fluidez da realização do sujeito, não como um objeto coisificado programado pelo sistema, mas sujeito agraciado de liberdade e plenitude.

Tal imaginação transcendental habita o conceito de “terra sem morte” próprio dos anarquistas e comunistas marxistas. É a imagem do encontro dos sujeitos que se reconhecem, não necessitando dos rótulos, status, dinheiro ou instituições. Se reconhecem no jogo das forças físicas e espirituais, pelo simples fato de partilharem a existência em comunidade no mundo dado a todos.

Esse movimento é o repúdio e quebra da racionalidade neoliberal institucional de administração da morte. Argumenta Hinkelammert sobre esse sistema neoliberal:

Onde não há morte não se pode obrigar ninguém. [...] Por isso é inconcebível conceber uma sociedade sem Estado e sem dinheiro, contando com homens mortais. A raiz de todos os males está na morte e a raiz da superação de todos os males está na superação da morte (HINKELAMMERT, 1986, p. 289).

Imaginar uma terra sem morte é evidenciar seu aspecto transcendental e é um meio para evitar que essa visão do terror do planejamento perfeito do mercado total se torne dominante.

Buscar a terra da vida plena é ir na mão inversa da utopia estatística institucionalizada que somente consegue enxergar a vida do sujeito como objeto para um fim a ser cumprido, uma meta a ser alcançada no plano mercadológico.

O sujeito está relacionado com o outro como sujeito no amor ao próximo e na vivência da vida festiva. Contrariamente, o sujeito proposto pelo neoliberalismo está relacionado ao objeto, é tratado como coisa institucionalizada fria e descartável.

O mercado somente reconhece o sujeito humano como produto, dilapidando-o e aniquilando-o. Dessa maneira, para se viver a liberdade plena se faz mister não recorrer a institucionalização que não reconhece o sujeito subjetivo, ao mesmo tempo se faz necessário entender que a vida humana não pode se manter somente na subjetividade e sim no reconhecimento das instituições do sujeito humano por outros sujeitos em uma comunidade de bens.

Hinkelammert (1986) defende que é importante realizar a crítica a ilusão transcendental imputada pelo sistema neoliberal, uma vez que essa ilusão é fetichista e promete a realização individual de um mundo perfeito inalcançável como meta a ser batida, porém, mais urgente ainda é modificar, transformar o sistema institucionalizado, visando alterar sua racionalidade, abrindo espaço ao sujeito subjetivo, vivo com existência plena.

A institucionalização somente tem sentido se o sujeito é tratado como vivo e virtuoso, respeitando sua dignidade e importância em garantir sua subsistência por meio de seu trabalho e sua subjetividade, dessa maneira, desfazendo a ideia de sujeito objetivo, de produto utilizável e descartável pelo mercado.

No entanto, a sociedade neoliberal resiste ao projeto humanizado de justiça e se estrutura no nascimento da ideia de caridade que se alicerça no fazer o bem ao pobre e excluído desse sistema sem tirá-lo dessa condição de pobreza desgraçada.

Desse modo, argumenta Hinkelammert:

A sociedade burguesa é boa, os homens é que são maus. Se os homens fossem bons e tivessem mais amor ao próximo, então a pobreza e o sofrimento teriam solução. Ao invés de justiça, caridade. O argumento dessa caridade é a contrapartida piedosa da deificação do mercado na versão liberal (HINKELAMMERT, 1986, p. 294).

Essa lógica neoliberal da culpabilização do sujeito por sua condição de excluído, está estampada no rosto dos mendigos, do idoso desvalido, do desempregado, enfim, do “pobre desgraçado” por esse sistema de vida coisificada. É importante marcar a

responsabilidade do neoliberalismo com a condição indigna dos excluídos, vítimas da lógica do mercado do lucro. Dessa maneira, a caridade como substituição da “justiça” é o alívio da culpa do incluídos nesse abandono do sujeito como irmão, próximo e igual.

A ação que se esconde na caridade burguesa é temerosa, pois o “homem de bem” age com piedade acobertando os efeitos aniquiladores da desigualdade, alastrando a morte com a “mão invisível do mercado” e enterrando a “justiça” no fetiche suntuoso da posse de produtos supérfluos para a vida do ser humano. Exemplo que nos remete ao momento histórico das Grandes Navegações com a chegada dos portugueses ao Brasil por volta de 1500, escravizando o índio em troca de mercadorias de pouco valor comercial.

Satisfazer as necessidades básicas do sujeito se faz necessária, contudo não basta, é necessário que o sujeito se faça no processo histórico por meio da imaginação transcendental, formando valores e almejando a liberdade de corpo e mente. Liberdade essa que se estabelece na relação transcendental do sujeito em relação objeto do mercado. É com o reconhecimento que abre caminho para a indignação contra o tratamento desumanizado imposto pelo neoliberalismo ao sujeito. É dizer “não” a coisificação humana.

O reconhecimento do sujeito para além do objeto emancipa seu corpo e mente transpondo classes, superando o mundo excludente criado pelo raciocínio neoliberal. Dessa maneira, os sujeitos compartilhando a experiência da vivência em comunidade, partem para a plena libertação, onde os seres humanos se enxergam como sujeitos vivos e interdependentes.

Tomar consciência da emancipação dessa realidade comunitária é o início transformador da amalgamada e eternizada racionalidade neoliberal aniquiladora.

Em sequência se faz de suma importância que o conformismo com a satisfação das necessidades básicas do sujeito seja superado e partamos para a relação de reconhecimento dos sujeitos, almejando uma transformação do sistema político assegurando os “direitos básicos” na realidade em que estão inseridos.

Assegura Hinkelammert: “[...] podemos então sustentar a tese de que toda dinâmica da história humana nasce da satisfação das necessidades, pensadas em relação à imaginação transcendental de sua plena satisfação” (1986, p. 296).

Os sujeitos reconhecidos que compartilham o que lhe fora agraciado estão além da relação mercadológica institucionalizada, além do âmbito da ilusão transcendental neoliberal e suas metas a serem superadas.

Em releitura a Franz Hinkelammert (1986), podemos pensar que não se trata de ingenuamente, conceber a ideia do fim da dominação e extinção da exploração na sociedade, mas esse movimento de reconhecimento dos sujeitos parte de uma outra visão para além da proposta neoliberal atual, pensando criticamente em uma proposta de sociedade mais humanizada, na qual os sujeitos possam viver com mais dignidade.

Extirpar a dominação é ilusório, mas marca-se um ponto fundamental para uma transformação, na qual implica no controle consciente dos caminhos da institucionalização e em sequência resultando no controle democrático da dominação.

Destarte, tendo clareza que a proposta de uma nova razão não está no âmbito da abstração inocente de findar com a institucionalização e dominação, mas administrar a morte vislumbrando o reconhecimento dos sujeitos e a valorização da vida plena.

Em pleno século XXI, vigora a 50 anos o sistema capitalista neoliberal, a globalização desse pensamento deixa suas marcas presentes com suas teorias e práticas contraditórias de valorização do lucro, individualismo, exploração, competitividade selvagem, meritocracia e aniquilamento do sujeito, evidenciando um desgaste nos âmbitos políticos, econômicos e sociais, visto que o mundo está saturado, os ares e mares poluídos e a vida está sangrando.

Hinkelammert (1986) defende que o neoliberalismo não assume as responsabilidades com a aceleração dos desastres e mortos deixados por seu rastro de desigualdade e aniquilamento desde a década de 70, ao contrário, continua a estimular, investir e valorizar o mercado, o produto, a coisa em primeiro lugar antes da vida.

Essa razão irracional neoliberal perpetua a luta por poder entre as nações simbolizadas pelos lucros das indústrias, empresas, banqueiros. Em evidência exemplificamos genericamente o mercado de armas e sua ameaça nuclear, a exploração ambiental referente aos recursos naturais que são drenados até a última gota, além do envenenamento do solo e plantas com agrotóxicos em nome do comércio desenfreado.

Esse sistema burguês não assume a ética da vida, ao contrário, se legitima na justificativa do progresso científico-tecnológico do mundo objetificado.

O capitalismo proposto por Hayek e seus iguais estende seus atos egoístas de dominação e morte a todos os nichos de mercado, na visão de Hinkelammert (1986).

Em analogia ao que ocorre com o confinamento de animais pro abate, os quais são alimentados com produtos químicos e em sem se preocupar com as condições da vida resultando em elevar drasticamente o número de casos de câncer, e mesmo com a produção alargada em escalas altíssimas a miséria e a fome continuam a aumentar no

países pobres, contraditoriamente, porém o argumento está solidificado na “mão invisível do mercado” que determina quem participa do banquete e quem fica de fora, aumentando a violência a procura do convite para comer os restos dos produtos descartáveis desse imenso lixo.

Mantendo a reflexão sobre o neoliberalismo e a relação com o lucro, vemos um aumento no incentivo e ações das indústrias da morte, como armas, cigarro e drogas lícitas e ilícitas e, ainda, a existência e manutenção de investimentos nas indústrias imorais como as de pele, marfim, couro, entre outras, que se fazem ausentes da responsabilidade social e ética com a vida em nosso planeta.

Expomos ademais a perseguição por meio da caça esportiva de animais e de espécies raras, que se encontram em risco de extinção, para o lazer dos incluídos, dos “homens de bem” culminando na chacina estimulada até mesmo por presidentes de nações embrenhadas nessa racionalidade aniquiladora.

A necessidade neoliberal, para Hinkelammert (1986), de manutenção do “progresso” e “ordem” a qualquer custo implica em sua continuidade de transformar todas as instituições em que toca em serviços legitimadoras de suas práticas.

Ao estar inseridas no sistema capitalista neoliberal, as instituições, áreas e estruturas ficam tomadas por sua lógica dominadora, a vida se esvai e o automatismo necrófilo impera nas relações humanas. Reflete Hinkelammert:

A vida passa a servir a coisa e o sujeito se torna produto rotulado com código de barras e data de validade. Próprio do projeto neoliberal, a condição da existência dos pobres se faz necessária, reafirmado a lei da oferta e da procura, ou seja, ausência de recursos e excedente de mão-de-obra gera diminuição no preço da hora trabalhada. Todo ato de conquista implica num sujeito que conquista e num objeto conquistado. O sujeito da conquista determina suma finalidades ao objeto conquistado, que passa, por isto mesmo, a ser algo possuído pelo conquistador. Este, por sua vez, imprime sua forma ao conquistado que, introjetando-o, se faz um ser ambíguo. Um ser, como dissemos já, “hospedeiro” do outro. Desde logo, a ação conquistadora, ao “reificar” os homens, é necrófila (FREIRE, 1987, p. 85).

Ter código de barras e data de validade é a objetificação do ser humano que passa a condição de produto usável e descartável. Assim, ao sistema é interessante manter o pauperizado na condição de coisa, sujeito reificado e sujeitizado, serviço do lucro e propagação do consumismo. Essa condição imposta pelo capitalismo neoliberal é a realização da necrofilia do sujeito.

Bem como a exclusão dos utilizáveis e descartáveis gerando a dependência dos fetichizados utilizáveis aos banqueiros em busca de empréstimos e financiamentos a juros exorbitantes (lucro sobre lucro) e a violência necessária exposta na política, economia e sociedade para o aumento das pseudo empresas de seguros vendendo medo e entregando incertezas. Já aos descartáveis resta a higienização fascista da indústria da morte na qual aniquila o sujeito indesejável por força da lei com os aparatos bélicos de extermínio social direto ou aniquila o sujeito indesejável indiretamente por ostracismo da pauperização, abandonado a própria sorte.

A importância dessa reflexão sobre a imaginação transcendental é expressa de maneira geral, uma vez que dependemos da linguagem para nos comunicarmos. Assim, essa reflexão apresenta uma lógica empírica consistente, legitimando a imaginação transcendental.

Dessa forma, Hinkelammert (1986) afirma que os mundos da possibilidade imaginária e da imaginação transcendental são semelhantes, uma vez que o que os faz diferente é a contradição transcendental das ciências empíricas, porém, ao superar a contradição transforma-se na imaginação transcendental, ou seja, passa a vislumbrar um mundo para além da racionalidade neoliberal dominadora e exploratória.

3.2. HINKELAMMERT: SUJEITO SUBJETIVO E A REPRODUÇÃO DA VIDA REAL

Aos olhos do capitalismo neoliberal o sujeito é definido como alguém ou algo de quem ou do que se fala. Essa definição marca o local em que repousa a lógica do sujeito cumpridor de ordens, fazedor de coisas, objeto utilizável, racionalizado e valorizado sim, mas valorizado no âmbito econômico, como valor de mercado remetendo ao *homo economicus*, as tradições neoclássicas, em que o sujeito é definido de uma maneira reducionista, como um produto fetichizado a ser trocado, sem direito a vida.

O sistema capitalista neoliberal entende o sujeito como objetificado e sujeitizado.

O sujeito objetificado é educado para atender ao mercado como um servo fiel, ele aprende todas as regras do sistema econômico e racionalizado, cujo fim último se realiza em sua plenitude na obtenção de lucro, não importando os meios e as consequências, desde que esteja legitimado pela lei do mercado.

Dessa forma expõe Hinkelammert: “Vistos desde la teoría neoliberal, los seres humanos no tienen necesidades, sino solamente propensiones a consumir, inclinaciones

sicológicas que originan sus demandas. Se desenvuelven en una naturaleza que no es más que un objeto de cálculo” (1998, 261). O único que necessita o sujeito objetificado é provar sua eficiência em gerar lucro e participar do consumismo neoliberal.

Esse sujeito, ao ser objeto do mercado, objetificado, se torna também sujeito sujeitizado, pois o sistema nega sua individualidade, aquilo que acontece no íntimo do seu ser, suas aspirações e modo de pensar algo que não siga um padrão, doutrinando-o com sua máxima individualista e culpabilizadora de realização única e exclusivamente em atendimento ao sistema do lucro e do consumismo, sob pena aos que não se submeterem as imposições neoliberal, de exclusão, pauperização, miséria, fome, dor e aniquilamento. Acusa Hinkelammert: “O sujeito é reduzido então a ser representante de uma categoria, para que possa ser tratado nos termos reduzidos em que podem funcionar as instituições” (1986, p.282).

De acordo com o economista neoliberal Francis Fukuyama (1992), o neoliberalismo econômico seria o apogeu da evolução econômica da sociedade contemporânea. O mesmo seria a essência da democracia e da igualdade de oportunidade. As pessoas estariam livres e seriam capazes de conquistar seus sonhos. Esses sonhos expostos por Fukuyama se realizam no lucro e no consumismo.

Para Fukuyama “a democracia liberal continuaria como a única aspiração política corrente que constitui o ponto de união entre regiões e cultura diversas do mundo todo” (1992, p. 12). Essa afirmação é o embasamento da doutrina totalitarista neoliberal sendo aplicada por seus gurus, em que o neoliberalismo é apresentado como salvador e única opção do mundo.

Para ele o mundo caminha através da globalização para uma economia neoliberal que pode ocorrer de forma pacífica ou por imposição dos países ricos, que precisam de países pobres liberais, democráticos e globalizados para manter suas economias e seu nível de desenvolvimento. Afirma Fukuyama:

Dos diferentes tipos de regimes surgidos no curso da história da humanidade, desde monarquias e aristocracias até as teocracias religiosas e as ditaduras fascistas e comunistas deste século, a única forma de governo que sobreviveu intacta até o fim do século XX foi a democracia liberal (FUKUYAMA, 1992, p. 80).

Atualmente, todas as formas de pensar economia e política estariam fadadas ao fracasso frente a democracia liberal com seu princípio liberal de legitimidade que almeja a soberania do povo.

Assim, a conquista da liberdade do homem, como realização do fim-último e do equilíbrio perfeito de uma sociedade justa promovida pelo sistema neoliberal, é fetichizada, fruto de uma ilusão, uma vez que a liberdade é mascarada em servidão à obtenção de lucro como fim-último e o equilíbrio perfeito é uma utopia inalcançável em um mundo de desigualdades, guerras e aniquilamento da vida, como defende Hinkelammert: “No entanto, a teoria do equilíbrio se refere a um equilíbrio concorrencial e, portanto conflitivo” (1986, p. 66).

No entanto, os rumos da história nos mostram a falácia do neoliberalismo, na qual repousa a máxima: “faça o que digo e não o que faço”, quando analisamos as consequências desastrosas e catastróficas da ação do sistema capitalista globalizado.

Ratificando a contradição do sistema neoliberal defende Jorge Estévez:

La convicción de que existe la tendencia al equilibrio en el juego de los factores del mercado y la dificultad de probarla genera un impasse. El proceso económico en una sociedad de mercado la supone. Si la mayoría no creyera en su existencia exigiría la amplia intervención en el mercado para producir cierto equilibrio que asegurara un mínimo de equidad. Como no se la ha podido demostrar. Hayek asume una postura irracional: afirma taxativamente que existe. Invocando las limitaciones del conocimiento humano, exige renunciar a buscar la explicación de su funcionamiento, y a asumir una actitud de “humildad” ante este y otros principios que se encuentren en la misma situación. (ESTÉVEZ, 2019, p.215).

O jogo contraditório do neoliberalismo faz parte do fetiche ilusório do mercado consumista que discursa sobre ética, sobre racionalidade, sobre direitos, mas vive contrariamente na promoção de desigualdade, competitividade selvagem, meritocracia desonrosa, individualismo egocêntrico, acumulação injusta, expropriação indevida, justiça parcial e lucro corrupto. De acordo com Estévez eles concordam com os apontamentos, mas desistem da busca de solução, acomodando-se na diante do aniquilamento do sujeito, em diálogo com Hinkelammert (1983).

A crítica contra os regimes autoritários repousa em seu próprio seio, ditando leis, implodindo culturas, roubando riquezas, devastando a natureza, escravizando povos, doutrinando mentes em padrões robóticos fetichizados em busca do produto fútil e descartável no nível propagandístico e educacional, formando sujeitos objetos e aniquilando o sujeito vivente rebelde e de opinião contrária a esse sistema excludente.

Dessa maneira, ao âmbito do capital, é importante vender a ideia que o sujeito está cunhado no valor da neutralidade, o antropocêntrico é subjetivo aos olhos das ciências

racionais, no princípio das impossibilidades humanas, onde o viver não é uma garantia, mas algo abstrato e longe de se alcançar aos indesejáveis. Essas impossibilidades humanas, só existem no caso de um mundo logicamente contraditório.

A definição desse sujeito neoliberal, está imputado na concepção de “sujeito epistêmico” (cogito), remetendo ao filósofo francês René Descartes (1596-1650), cujo pensamento expresso em sua obra: “O Discurso sobre o Método” (1637), marca a origem da Filosofia Moderna, expulsando o sujeito assim, o sujeito empírico, com experiências reais e vivente, orientando-se por uma racionalidade instrumental, tratando o homem apenas como um espectador, um observador.

Afirma Descartes: “Sem dúvida, trata-se de um domínio extremamente exíguo da subjetividade que é assim conquistado: apenas a substância pensante (a res cogitans)” (1999, p. 22). Com tal convicção Ele pode ter esperança em solucionar o problema do mundo todo.

Para a razão instrumental, apresenta-se o sujeito como puro observador, onde não existem fins, não existe mobilidade permanente, vivente e presente, assim como não existe experiências do que se é posto como impossível, apenas a ratificação das impossibilidades da vida.

As impossibilidades só podem ter sentido quando são experimentadas apontando para a concretização dos fins a serem vivenciados.

Somente a vivência empírica de tais fins impossíveis permite falarmos do que é possível, a partir da ação concreta, vivenciada da experiência do ser humano.

Hinkelammert defende: “Assim, se retirarmos o homem das ciências empíricas, não existe mais ciência empírica” (1986, p.256).

É uma questão fundamental, uma abordagem de vida e morte do sujeito vivente.

Na ótica crítica de Franz Hinkelammert, a reprodução da vida real se materializa na constituição do princípio de sociedade, uma vez que ela permite ter clareza das questões político-econômicas, estabelecendo uma distinção sobre o projeto libertador e o projeto aniquilador.

A prisão conceitual da racionalidade subjetiva neoliberal mantém o sujeito atuante preso, pois lhe é proporcionado apenas uma “pseudo libertação” da realidade subjetiva, já que ele está condicionado as regras impostas pelo possível. Hinkelammert, diz: “Se não houvesse marco do possível, também não poderia haver limite da ação e esta não estaria submetida à realidade – então seria a liberdade pura em correspondência necessária com a realidade” (1986, p.256).

Dessa forma, é necessário que o sujeito transcenda o marco do possível para que possa descobrir novas experiências e vivências para além da delimitação impositiva do subjetivismo neoliberal escravista e aniquilador.

Ser sujeito livre é ir muito além das suas capacidades e descobertas, é ter soberania sobre a própria vida, desafiar o impossível dado pelo sistema capitalista fetichizado atual, é desafiar o possível nas regras impostas pelo mercado segregacionista e explorador.

Viver é se descobrir como sujeito vivente com capacidades de se construir e autonomia para negar o “brilho do ouro de tolo” da coisificação prisional do sistema neoliberal contraditório em seu individualismo, meritocracia, valores invertidos de vida para alguns eleitos e morte ao pobre e indesejável.

Destarte, parece correto que somente alguns tenham acesso a vida, pois mereceram esse direito, e outros sejam marginalizados, uma vez que nessa competição voraz não existe lugar para os fracos e perdedores.

O feitiço contraditório sustentado pela meritocracia no sistema capitalista neoliberal, ofusca a visão dos sujeitos envolvidos nesse sistema e os faz acreditar que existe justiça nessa segregação fascista de quem deve viver e de quem deve morrer.

Segundo Hinkelammert, “[...] se um sujeito não transcendesse o marco do possível, não poderia ir além do imediatamente dado, ficando limitado ao já existente” (1986, p.256).

É necessário lançar-se além dos limites impostos pelo sistema capitalista vigente para alcançar a filosofia da libertação e sua autonomia de pensar e agir fora das amarras da lógica do mercado. Esse movimento esfacela os grilhões da servidão aniquiladora e expurga o sujeito vivente de dentro do ser humano fetichizado.

Afirma Enrique Dussel sobre a filosofia da libertação:

Trata-se da libertação neocolonial do último e mais avançado grau de imperialismo. O imperialismo norte-americano. O imperialismo que pesa sobre parte da Ásia, sobre quase toda a África e América Latina. Somente China ou Vietnam na Ásia, Cuba na América Latina e alguns países africano têm um mínimo de liberdade, certamente muito maior do que outras nações periféricas (DUSSEL, 1977, p. 20; 21).

A verdadeira libertação do sujeito ocorre de dentro para fora, da tomada de consciência filosófica, histórica, política, econômica e social. É ter clareza da identidade que se tem como sujeito vivente e não aceitar a condição de sujeito objeto. É rejeitar o produto fútil enfeitado pelo neoliberalismo e seus planos de escravidão, não somente da

mão-de-obra, mas da alma humana. A libertação é a resistência contra a aniquilamento dos indesejáveis e descartáveis pelo sistema capitalista vigente.

O capitalismo entende somente o sujeito cognoscente (observador) usado pelo filósofo Karl Popper é tratado por Hinkelammert (1986) para explicar a transcendência da realidade, ou seja, os conceitos de universais (subjettivos) são usados como ilimitados, como um todo, ao contrário dos experimentáveis (reais) são limitados, parciais, expõe uma citação do filósofo Karl Popper, onde diz que as leis e teorias da ciência não podem ser verificadas por sua amplitude real, somente transcendental.

Por acessar poucos casos do todo idealizado abstratamente pelo universal, o sujeito cognoscente (observador) é limitado, desse modo, Hinkelammert critica a análise da transcendência dos conceitos universais afirmando que ela existe somente porque existe o sujeito cognoscente limitado, sendo contraditório seus resultados daquilo que sustenta Popper.

Para Hinkelammert (1986), a realidade ilimitada transcende a realidade limitada da observação, da experiência parcial. Assim, se o sujeito cognoscente não estivesse limitado à experiência como parcialidade, ele não buscaria aos conceitos universais.

De acordo com Hinkelammert: “Ou, para dizê-lo com palavras de Marx: se essência e aparência coincidissem, não seria necessária uma ciência” (1986, p. 259). Só são necessários os conceitos universais porque os fatos não constituem a totalidade da experiência, fazendo da razão dedutiva e não intuitiva.

Segundo o filósofo peruano Francisco Miró Quesada (1980), expõe Hinkelammert, o pensamento teórico aborda a realidade por meio de teorias, que são inseguras, apenas parciais, pois as teorias seguras, são afirmações totalizantes que transcendem a experiência e, ao mesmo tempo, são transcendidas pela realidade. O sujeito cognoscente de Popper somente pode aspirar essa realidade, pois não pode conhecê-la totalmente e diretamente.

Dessa maneira, o fato objetivo do sujeito vivente, reflete a limitação do sujeito cognoscente, pois para que ele possa existir é necessário que o fato objetivo exista, ou seja, ele apenas é um aspirante da totalidade, pois a realidade está acima da experiência e da teoria. Essa aspiração é produto da subjetividade humana.

De acordo com Hinkelammert, Miró (1980) afirma que uma teoria sempre será superada pela realidade, assim a teoria científica jamais poderá ser acabada, pois se realiza apenas como um punhado de hipóteses, que ao tentar ser provado seu contrário desembocaria em um paradoxo sem saída, tendo que reformular sua própria metodologia.

Afirma ainda que, Popper soluciona esse problema recorrendo ao dogmatismo, com proposições sem reflexão e fundamento. Miró, segundo Hinkelammert (1986) renuncia essa lógica sofisticada simplista e dogmática para estabelecer uma reflexão dos fundamentos da metodologia, porém o paradoxo sem saída é a resposta final.

É fundamental compreender que os conceitos universais não são conhecimentos, mas sim seus instrumentos. Também é importante entender que as teorias só podem parecer quando a ação humana sobre a realidade é enfocada como objeto do conhecimento.

Se reduzirmos o sujeito atuante ao sujeito cognoscente, esse sujeito não vai sequer conhecer, uma vez que o sujeito cognoscente não acessa a realidade empírica. É necessário que o sujeito atue com determinados fins sobre a realidade. Desse ponto, Hinkelammert afirma que resultam os princípios da impossibilidade. Sem o conhecimento da impossibilidade da ação humana, não se pode conhecer as teorias.

O conhecimento empírico é constituído pelo atuante que transcende o sujeito cognoscente, pois o sujeito atuante na realidade, na prática, na vivência, pode ser ao mesmo tempo, um sujeito cognoscente.

Para elucidar essa transcendência do sujeito atuante, defende Hinkelammert: “Ora, assim como a realidade transcende a experiência, da mesma forma o sujeito atuante real transcende o sujeito cognoscente” (1986, p. 262). Em suma o sujeito cognoscente é a reflexão por meio dos conceitos universais dedutivos sobre a realidade vivenciada do sujeito atuante.

O sujeito atuante transforma sua realidade em empiria, ou seja, paulatinamente o sujeito atuante vai transcendendo o sujeito cognoscente e transformando sua realidade.

Em suas reflexões, o filósofo argentino Enrique Dussel (1977), diz que a experiência jamais pode se esgotar na compreensão de mundo ocidental produzidos nos relativos conhecimentos científicos e filosóficos. De acordo com Dussel, o ego europeu inventou a América, conquistou-a, e encobriu com brutalidade o outro.

Nessa reflexão o filósofo Daniel Pansarelli (2010), procura marcar a luta da política de libertação, sustentando:

Este é o esforço da política da libertação, construir-se de forma fiel às vidas, aos corpos, e não anunciando reduzidas formas teóricas – últimas instâncias – que buscam uma simplificação impossível à carnalidade. Trata-se aqui de buscar a construção de uma política que supere os horizontes reducionistas, estreitos, da política moderna, por meio da preservação incondicional de um princípio político-material, a saber a

vida humana: “o conteúdo (ou a matéria) de toda a política (de seus atos, instituições, etc.) é, em última instância, a vida humana, a vida concreta de cada um (VTP, p, 77), de modo que a política a ser pensada deve se construir sobre pilares de sustentação que tenham esta concretude da vida como localizador ou parâmetro factual e não as próprias políticas tradicionais, modernas (PANSARELLI, 2010, p. 226).

Para Pansarelli a política da libertação é viva e se faz na prática do sujeito vivente, no dia-a-dia da comunidade, na luta contra o sistema de morte e na alegria da construção e realização dos projetos de vidas e não somente na ideia de vida teorizada pelas políticas conservadoras tradicionais da modernidade profundamente explorada e aplicada pelo neoliberalismo como possibilidade inalcançável em sua lógica desigual, excludente, meritocrática, produtora de sujeitos objetos, derrotados e descartáveis.

Dessa maneira, Pansarelli pensa na contramão da compreensão de mundo da ciência, inevitavelmente teórica, transforma sujeitos em objetos, peças mortas a serem estudadas. Parafrazeando Hinkelammert, ao afirmar que toda ciência e instituição são ruins, pois não podem adequar o sujeito, e ao tentar fazê-lo, transformam o sujeito em objeto.

Após definir o sujeito cognoscente como reflexivo e o sujeito atuante como vivente surge um novo aspecto a ser observado que é o sujeito prático.

O sujeito prático realiza escolhas, no entanto esbarra nas condições da falta de recursos para realizar suas opções técnicas e tecnológicas nesse mundo dos desejos enfeitados, suntuosos, de globalização neoliberal, onde os fins possíveis não se realizam em si mesmo, travando uma disputa material das condições da matéria contra a possibilidade de se realizar.

O produto social impõe, de uma maneira ou outra, escolhas dos fins realizáveis, de projetos realizáveis e possíveis. Nesse passo, chegamos na verdade nua das condições da tecnologia fetichizada. Elas só podem ser realizadas se forem possíveis materialmente, pois o desejo vendido pelo “sonho americano” é muito lindo e maravilhoso, porém é pouco real.

A vontade tem que angariar estrutura econômica, matéria prima, recursos, para que possa se tornar realidade e saia do universo do platônico do mundo das ideias.

Elucida o economista Franz Hinkelammert (1986): “Não se pode usar o que não se tem e não se pode realizar fins para cuja realização não há suficientes meios materiais” (1986, p.264).

Dessa maneira, a transcendência da realidade se mostra além da lógica da ciência do pensamento e dos fins tecnicamente possíveis do produto social, que possui sua dinâmica. Tendo consciência dessas limitações das tecnologias que se apresentam como possíveis, o desempenho do desenvolvimento do trabalho aumenta no quesito projetos possíveis e serem realizados.

O produto social sempre terá de escolher o que se pode ou não se realizar, o que é possível materialmente, pois o sujeito prático é vivo, e vivendo sabe-se de suas limitações (fins) e canaliza as opções na dinâmica do viver consciente.

Viver também é um projeto que tem condições materiais de possibilidade, mas que fracassa se não as conseguir. Mas esse projeto de vida não é um projeto específico. Nenhum fim determinado pode ser deduzido do projeto de vida; é este que se realiza através dos vários projetos voltados para fins específicos. São precisamente esses fins específicos que conformam as condições materiais da possibilidade do projeto de vida. São precisamente esses fins específicos que conformam as condições materiais da possibilidade do projeto de vida. (HINKELAMMERT, 1986, p. 265).

Todos os sujeitos têm um projeto de vida pensado, raciocinado que busca que seja concretizado, entendendo que as impossibilidades ou possibilidades de escolhas limitadas impostas pelo mundo neoliberal, porém é de suma importância para que o sujeito realize a transcendência dessas barreiras para realização de sua libertação e autonomia de vida.

Para pensador húngaro Georg Lukács, expresso pelas ideias da pensadora Norma Alcântara, o ser humano é um ser que está em contato com mundo em perguntas, mas principalmente em respostas a ele e suas respostas estão intercaladas com o todo, representado pelos outros sujeitos viventes e consigo mesmo gerando vivência constante com a natureza. Afirma Lukács (1978) na interpretação de Alcântara (2014):

Com justa razão se pode designar o homem que trabalha, ou seja, o animal tornado homem através do trabalho, como um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de resposta ao carecimento que a provoca. Todavia, o núcleo da questão se perderia caso se tomasse aqui como pressuposto uma relação imediata. Ao contrário, o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas. De modo que não apenas a resposta, mas também a pergunta é um produto imediato da consciência que guia a atividade (LUKÁCS, 1978, p. 5 Apud ALCÂNTARA, 2014, p. 38).

De acordo com Lukács (1978) é no desempenho do trabalho, que o ser humano se reconhece enquanto homem formando a complexidade de pensamento e ideias que o transformam em sujeito. Dessa forma, o homem passa a dominar a natureza cada vez mais, ao mesmo tempo que desenvolve suas capacidades mais complexas. No entanto, o sujeito vivente, ao ser “tocado” pela racionalidade neoliberal, deixa de ser sujeito vivente para ser coisificado como produto do mercado, dialogando com Hinkelammert (1986).

A relação “fim” que o mercado propõe como único caminho para o sujeito é equivocada, contraditória, e com intensões exploradoras aniquiladoras, uma vez que na realidade a relação é de “meio-fim”, onde a vida do sujeito tem de acontecer, deve ser vivida no dia a dia real, materializado, entendendo sua relação com o mundo político, econômico e social para além da coisificação do ser humano no mercado entendido como produto, um objeto com valor de compra e venda mercadológica.

Em conformidade com Lukács e Hinkelammert, Paulo Freire realiza a reflexão afirmando que o sujeito, representado nas massas, não acredita em sua capacidade é por culpa e consequência da opressão sofrida. “Se as massas populares dominadas, por todas as considerações já feitas, se acham incapazes, num certo momento histórico, de atender a sua vocação de ser sujeito, será, pela problematização de sua própria opressão, que implica sempre numa forma qualquer de ação, que elas poderão fazê-lo” (1987, p. 104).

Na crítica de Franz Hinkelammert (1986), somente o sujeito vivo pode projetar e realizar fins e suas escolhas estarão sempre mirando a vida do sujeito. Bem como, nem todos os fins tecnicamente entendidos e naturalmente realizáveis de acordo com o cálculo meio-fim também são factíveis, ou seja, eles se integram em um projeto de vida do sujeito para se tornar factível.

Os fins que não consideram a vida do sujeito vivente estão fora da factibilidade, ou seja, não são realizáveis e possíveis para o sujeito que está inserido na realidade materializada da vida humana. Se tais fins se realizam o sujeito está aniquilado, pois acaba decidindo por acabar com projeto de vida do sujeito, é a decisão da morte.

Por todos os fins no projeto de vida, o sujeito que opta, o faz para viver, negando o suicídio aniquilador. Assim, evidencia-se que os fins nunca foram, são ou serão neutros, pois eles estão diretamente vinculados a vida do sujeito, e necessariamente a realização de seu projeto de vida.

Hinkelammert (1986) defende que o sujeito atuante, prático, vivo, ao mesmo tempo, é parte da natureza e busca realizar seus fins. Dessa maneira, quando o sujeito

realiza seus fins está por transformar o mundo em que vive, as coisas que estão em sua volta, a natureza.

Frente os fins do sujeito natural, surgem as necessidades que precisam ser satisfeitas e em primeiro lugar, seja qual for a escolha, as primeiras necessidades para a vida do sujeito devem ser satisfeitas como: comida, água potável, lar para descansar e se sentir seguro, vestuários para se aquecer, como também, para ter identidade social, entre outros que surgem como necessidades de sobrevivência e vivência digna da realização de qualquer projeto de vida humana.

Destarte, o projeto de vida segue uma hierarquia, não podendo se realizar em escolhas soltas que podem prejudicar, adoecer e até matar o sujeito vivente, por esse motivo, está combinada com as necessidades do ser.

De acordo com Franz Hinkelammert (1986) é na transcendência do sujeito vivo que ele se reafirma em suas escolhas dos fins factíveis. O sujeito vivo quer continuar vivendo, por isso, tende a sempre escolher a manutenção da vida, assim, se faz necessário optar pelo que é real, possível, factível, material.

O sujeito não é livre para escolher, pois vive para satisfazer as necessidades primeiras, ou seja, nesse sistema fetichizado do neoliberal contraditório, o sujeito sobrevive e não há escolhas, pois, do contrário é estar à mercê da perseguição e morte ou optar pelo aniquilamento da própria vida.

Tais são as opções do sujeito vivente, primeiro é ser útil ao sistema, permitir ser explorado e apanhar calado da “mão invisível do mercado (referência ao filósofo liberal Adam Smith) ou gritar, e ser excluído, e caçado pela força neoliberal fascista higienista, como afirma Manuela Cadelli (2017), ou morrer na condição de miserabilidade aos poucos.

Franz Hinkelammert critica essa escolha e argumenta: “Com efeito, para viver, é preciso poder viver” (1986, p.266).

Encobertar a satisfação das preferências com a negação da satisfação das necessidades é reduzir o ser humano ao sujeito unicamente utilizável, prático, conformado com a lógica econômica neoliberal da neutralidade de valor.

O neoliberalismo nega a legitimidade de qualquer projeto de vida. Nega a satisfação das necessidades.

Hinkelammert se posiciona dizendo:

A satisfação das necessidades torna passível a vida: a satisfação das preferências a torna agradável. Mas para que ela possa ser agradável,

antes tem que ser possível. Cada qual pode construir seu projeto de vida a seu gosto. Mas somente na medida em que seus gostos e sua realização se baseiem na satisfação das necessidades. (HINKELAMMERT, 1986, p. 267).

O sujeito humano sempre existe em comunidade, em partilha com o outro, em sociedade e aqui, nessa afirmação, reside a diferença entre capitalismo e socialismo. O capitalismo não reconhece a satisfação das necessidades humanas como legítimas e enaltece a somente a satisfação das preferências.

O capitalismo neoliberal estimula o individualismo, o lucro, o mérito, a competição e frieza nas relações humanas, produtora de solidão, exploração, exclusão, violência e apatia nas relações sociais, edificando sujeitos coisificados.

Em contradição ao capitalismo neoliberal está o socialismo comunista, que estimula a coletividade, a partilha, os direitos humanos, as relações de cooperação e empatia nas relações sociais, construindo sujeitos humanizados.

O sujeito vivo só existe com possibilidades reais de concretude de realizar seu projeto de vida em uma sociedade que valorize-o enquanto ser humano, cuidado e cuidador das relações da vida no mundo. Sujeito vivente responsável por nossa casa, o planeta terra, onde todos são bem-vindos e estão incluídos no projeto chamado “viver”.

Afirma Hinkelammert:

Assim, aparece a possibilidade da *exploração* e da *dominação*. Açambarcar e concentrar os meios materiais de vida significa destruir as possibilidades de vida do outro, já que aquilo que se concentra e se retira de outros não são simplesmente riquezas, mas sim meios de vida – viveres, no sentido mais literal da palavra. A dominação torna possível a exploração. E esta é que dá materialmente à dominação. Nenhuma dominação pode ser definida sem a manipulação dos meios materiais de vida. (HINKELAMMERT, 1986, p. 268).

O sujeito dominado e explorado é representado pelo sujeito morto, pois onde existe o sujeito com necessidade, implica uma relação além do gostar, querer, da preferência, mas uma relação primordial de mais-valia, denunciada por Marx em “*O Capital – 2013*”, uma relação de vida e morte.

O neoliberalismo mascara o aniquilamento do sujeito vivo, com necessidades, em sujeito hierarquizado no conceito de preferência e assim, legitima sua “*mão-invisível do mercado*” na exclusão segregacionista fascista, do sujeito eleito fetichizado dominado e explorado e sujeitos indesejáveis, rejeitados e marcados para serem abatidos. Esses são

mortos desse Abatedouro neoliberal-fascista, os não contabilizados, os indigentes, os enterrados em vala comum.

Hinkelammert, afirma com veemência: “Diante de tais necessidades, aparece como exigência da possibilidade de viver e como raiz da legitimidade de todas as legitimidades” (1986, p. 268).

3.3. SUJEITO ALTERNATIVO ANTINEOLIBERAL

Objetificação e sujeitização é a maneira que o sistema capitalista neoliberal compreende o sujeito, segundo Hinkelammert: “Quando se fala do sujeito, ele é tratado como objeto até o momento em o sujeito fala de si mesmo” (1986, p. 282).

Ao falar do sistema institucionalizado capitalista neoliberal, todos somos objetos, ricos ou pobres, uma vez que somos rotulados para sermos utilizáveis e descartáveis.

Para Hinkelammert, o sujeito é transformado em objeto em todos os nichos do mercado neoliberal. Na linguagem o sujeito é tratado como universal, ou seja, é a perda da individualidade e subjetividade, na qual o sujeito existe, mas não tem face.

As categorias sociais transformam esse sujeito em objeto, daí deriva o termo objetificação, em que o sujeito se torna representativo, representando algo maior, com estrutura, regras, normas, leis a serem obrigatoriamente cumpridas no sistema neoliberal institucionalizado.

Dialoga Jung Mo Sung reafirmando essa condição do sujeito: “Isso não quer dizer que seja impossível vivenciar o ser sujeito, mas somente que toda a teoria e toda a instituição são, de certa forma, má teoria e má instituição porque tratam o ser humano sujeito como um objeto” (2002, p. 61).

Para Sung, é importante distinguir o sujeito do papel de ator social, uma vez que não vivemos sem a linguagem e a instituição.

Hinkelammert afirma que o tratamento do sujeito como objeto é inadequado, já que não corresponde ao ser subjetivo, superior e que jamais poderá ser alcançada.

De acordo com Sung, por mais que o sujeito viva o papel de ator social desempenhando papéis no sistema estrutural neoliberal, ele não é a soma desses papéis ou se define como um único e acabado papel.

Essas instituições são totalitárias, opressivas e negam a condição de sujeitidade, que é a qualidade de ser sujeito, negam a individualidade desse sujeito transformando-o em objeto do sistema vigente.

De acordo com Hinkelammert o sujeito transcende todas as formas de sujeito apresentada pelo sistema institucional neoliberal: “O sujeito cognoscente, o sujeito atuante, o sujeito prático, o sujeito vivo e o sujeito da práxis, são todos tratados como objetos” (1986, p. 283).

Na visão de Sung (2002), o sujeito não se manifesta nos papéis desempenhados na realidade do sujeito vivente, no trabalho, no lar, na relação social, mas sim nas formas de dominação, no rótulo atribuído ao indivíduo como algo único ou diverso, de acordo com a determinação capitalista neoliberal.

Segundo Hinkelammert: “Ora, esse sujeito é sempre um sujeito em sociedade. Para que o sujeito seja tratado como objeto tem que haver alguém que o trate assim. Somente em sociedade o sujeito pode ser tratado como objeto” (1986, p. 284).

O ser humano é um ser social, e por esse motivo ele pode ser tratado como objeto, porque vive com o outro. Para entendermos o sujeito e a objetificação da linguagem e definições que o rotulam é necessário entendermos que esse limite é intransponível institucionalmente. Assim, para Hinkelammert, só podemos encontrar esse sujeito que transcende todas as suas objetificações na vivência subjetiva entre sujeitos, na qual o sujeito é sujeito para o outro sem transforma-se nunca em objeto a serviço do sistema.

É na transcendência subjetiva que o sujeito alternativo aparece como resistência ao sistema capitalista neoliberal. Esse sujeito, segundo Sung, tem que: “[...] negar as racionalizações legitimadoras produzidas pelas instituições. Racionalização que é irracional, pois reduz o sujeito a um objeto” (2002, p. 62).

A resistência do sujeito alternativo, que transcende a concepção neoliberal, é a realização da libertação do sujeito, é antecipação da concretização do Reino de Deus, de acordo Sung (2002) em concordância com Hinkelammert (1986), e por meio da edificação de uma sociedade mais justa e humana, em que o sujeito sai da condição de sujeitização, sujeito coisificado, para retornar a condição de sujeito humano.

Para ilustrar essa condição de sujeito alternativo, livre e humano, Hinkelammert (1986), a lembrança do samaritano em são Lucas (10, 25-37), em que ocorre uma relação direta entre sujeitos que se reconhecem e respeitam a subjetividade entre si, sem relação institucionalizada, ocorrendo a sua identificação. Assim também ocorre na festa descrita por são Lucas (14, 15-24), em que os convidados são todos aqueles que estão disponíveis. Aqui todos os perdedores, pobres, errantes, pecadores, são bem-vindos a alegria da convivência anulando as desigualdades, formalidades e categorias sociais impostas pelo sistema estrutural objetificado e sujeitizador de vidas.

Em ratificação a Hinkelammert (1986) e Sung (2002), afirma Paulo Freire:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 1987, p. 51).

O amor vida é o núcleo da essência do sujeito. Dessa maneira, para dialogar sobre o sujeito vítima de dominação se faz necessário, segundo Freire, entender o amor e seu ato de coragem e compromisso com o sujeito oprimido, em luta por sua libertação das amarras do sadismo prisional imposto pelo sistema neoliberal.

Para Sung, como não podemos ser sujeitos na institucionalização neoliberal devemos buscar o sujeito alternativo que se realiza “na resistência –luta e na relação sujeito-sujeito” (2002, p.63).

O sujeito alternativo se realiza com o outro na vivência cotidiana da relação “face a face”, resistindo a objetificação imposta pelos aparatos neoliberais que acumulação de lucro e sujeitização sistêmica estrutural da coisificação sujeito em sustentação do mercado consumista.

Esse sujeito que resiste e luta, o faz contra a dominação dessa instituição de sujeitos autômatos, formando uma “comunidade-sujeito”, segundo Sung (2002, p. 64), que luta para defender seus direitos de ator social coletivo, preservando a sujeitidade (identidade do sujeito) e negando a sujeitização (ausência de identidade do sujeito), em realização da crítica fetichista da idolatria do mercado.

Nesse ambiente comunitário, vivendo a experiência da graça, é propulsor para organização e realização das lutas sociais. Sung (2002) nos lembra que devemos voltar ao tema da “encarnação”, pois aí enxergamos nossas condições humanas e históricas norteando nossa luta e caminhos de solução.

Defende Hinkelammert:

[...] a imaginação de vida plena, pensada a partir da vigência de plenitude proporcionada pelo reconhecimento entre sujeitos na vida real, o que ocorre em determinadas situações, principalmente no amor ao próximo e na alegria festiva, nas quais se vive – ou se acredita viver

– a identidade desses sujeitos e o mundo sensual dentro do qual ocorre tal encontro. Então, a fome ou qualquer sofrimento é consolado e a satisfação resultante é vivida como festa (HINKELAMMERT, 1986, p. 286; 287).

Não se trata de planejamento, concorrência, burocracias perfeitas, mas é o reconhecer os outros como amigos, dentro de situações concretas da existência corporal. A realização do sujeito alternativo ao sistema neoliberal é a extirpação da morte, a realização da vida plena real, reconhecendo e vivendo a identidade do sujeito. Afirma Hinkelammert: “A raiz de todos os males está na morte e a raiz da superação de todos os males está na superação da morte” (1986, p. 289).

A humanização das relações entre os sujeitos é possível quando existe o reconhecimento entre os sujeitos em comunidade de bens, antecedendo a institucionalização, portanto, sendo subsidiária entre eles, compartilhando o que tiver. Assim, todas as libertações possíveis e emancipatórias ocorrem a partir do reconhecimento entre os sujeitos, daí surgindo um sujeito alternativo, diferente da imagem institucionalizada neoliberal. Esse sujeito alternativo, uma vez com identidade, não tolera mais a opressão, exploração, exclusão, impostas ao sujeito objetificado e sujeitizado pelo sistema capitalista aniquilador de vidas.

De acordo Jung Mo Sung: “A libertação não é mais pensada somente ou principalmente em torno da construção de uma nova sociedade, mas também em torno do conceito de sujeito” (2002, p.69). Libertar está além de edificar uma outra sociedade, se faz necessário edificar um novo sujeito com sujeiticidade (identidade) e respeitado sua subjetividade (íntimo do ser), negando a objetificação e sujeitização (ser como coisa, como objeto).

Defende Hinkelammert: “Compartilhando com outros e reconhecendo mutuamente, os sujeitos rompem as fronteiras e os limites, rumando para a universalização – nem radical, nem de sexo, nem de nações – resiste a esse horizonte de libertação” (1986, p. 295).

CONSIDERAÇÕES DO TERCEIRO CAPÍTULO

Na construção do terceiro capítulo definiu-se o conceito de sujeito neoliberal, sua incompletude e objetificação mercadológica coisificada, tensionando a sua concepção aos olhos do racionalismo neoliberal em contradição com a ética marxista volta a defesa dos direitos humanos, da vida do sujeito exposta pelo economista Franz Hinkelammert.

Assim, o sujeito precário do mercado neoliberal desequilibrado foi acentuado para marcar o conceito de sujeito objeto proposto pelo neoliberalismo. Em tal conceito o sujeito perde suas propriedades humanizadas e passa a adotar, por imposição do sistema capitalista, ou seja, disseminador de feitiços ilusórios, a noção de sujeito objeto, produto, coisa utilizável e descartável.

Esse sistema precário não se faz e nem se mantém no neoliberalismo de maneira equivocada, ele é consciente de sua desigualdade enquanto projeto de exclusão, no qual é certo que o “lucro”, núcleo central do neoliberalismo, não é plantado, nem cultivado, alimentado como o feijão e arroz para saciar aos seres humanos em suas necessidades, mas é criado pelas regras e leis abstratas do neoliberalismo para legitimar sua exploração, segregação e aniquilamento dos sujeitos indesejáveis (aqueles que rejeitam sua doutrinação cega de assassinatos ou que estão excluídos da exploração).

Dessa maneira, o “lucro” neoliberal se coloca em uma posição ética, que tem suas leis e defesas, mas que não está em favor do ser humano, do sujeito vivente. Tais leis éticas defendem os juros, os ganhos monetários e o mercado objetificado, porém, somente para alguns detentores do poder que se valem dos pobres enfeitados utilizáveis para sustentar seu projeto de morte dos pobres pauperizados que sujam a cidade e incomodam com seu odor a vida dos “homens de bem”.

Nesse pensar, o mercado que deveria estar íntegro e equilibrado para sustentar a vida de todos os cidadãos que nele se fazem presentes, assim não faz, mas não porque não consegue e sim porque serve ao projeto neoliberal de promoção da desigualdade, roubos e assassinatos, trocando em miúdos, serve ao projeto do lucro financeiro em primeiro lugar, tornando-se uma grande indústria de matar camuflada pela “mão invisível do mercado”.

Na contraposição com essa ética do sistema capitalista neoliberal, o economista Franz Hinkelammert critica a definição de sujeito ofertado por sistema. Para Ele, o sujeito abstrato, sujeito cognoscente, sujeito prático, sujeito rotulado que está a serviço da manutenção e legitimação da obtenção de lucros mercadológicos é a realização parcial e precária não só desse mercado, mas infortuna desse sujeito que deixa sua condição de ser humano para se tornar um objeto, um produto com código de barras e prazo de validade, pronto para ser descartado.

A lógica racionalista neoliberal enxerga o sujeito como pensante, algo longe, além da realidade, o sujeito invisível em sua necessidade de viver. Assim, é necessário enxergar o sujeito cognoscente, prático, mas é imprescindível reconhecer o sujeito vivente.

Hinkelammert afirma que: “A atividade de legitimação indica o seu contrário, a precariedade da realidade social e, portanto, seu grau de ilegitimidade. Quanto maior é ilegitimidade do *nomos*, maior é a sua atividade legitimadora” (1986, p. 44). Dessa forma entendemos que a ação para sustentar a sociedade burguesa expressa pelo neoliberalismo necessita de legitimação constante das instituições em detrimento do sujeito vivente. Assim, para alcançar o lucro é válido a servidão, a escravidão e até mesmo aniquilamento do ser humano.

Para Hayek o equilíbrio salvacionista do mercado é automático, portanto construído o discurso de ação positiva e a justiça social comunista está apontada como idealização utópica negativa. Dessa maneira, o neoliberalismo valida a desigualdade, exclusão e assassinatos como ação natural do curso da história e a organização política, econômica e social voltada para justiça social (igualdade) como utópica e negativa.

Nesse ponto expõe Hinkelammert: “O método para elaboração dessa ética do mercado a partir da teoria econômica é a transformação do mercado em ser milagroso, em entidade que representa no mundo aquela força onisciente que só o utopista pode pretender possuir” (1986, p. 72).

Esse capítulo também denuncia a inversão da culpabilização da desigualdade e mortes, na qual o neoliberalismo, sistema dominante e vigente na atualidade, não assume sua responsabilidade, muito menos das instituições que o represente, mas atribui a culpa ao mais fraco representativamente, o sujeito excluído, descartado e morto.

Dessa maneira, o neoliberalismo se legitima pelo seu dogma expresso pelo discurso libertador e desenvolvimentista por meio da defesa da ilusão contraditória do conceito de liberdade, individualidade, meritocracia, combate à pobreza, acesso aos bens e serviços, avanços tecnológicos. Entretanto, esse pacote perfeito existe, mas somente para uma insignificante parcela da população, ou seja, para os incluídos.

Essa exclusão gigantesca em escala mundial, é responsável pelo aumento da miséria, violência e mortes. No entanto, o neoliberalismo e suas instituições negam sua participação e responsabilidade atribuindo a culpa ao acaso, ao destino, ao sujeito pauperizado naturalizando a barbárie.

Em sequência, é abordada a vivência do sujeito vivo na racionalidade neoliberal objetificada, apresentando a plataforma em que está solidificada o sistema capitalista neoliberal e sua relação com o sujeito.

Tal sistema segue uma lógica cruel, pois gera esperanças vãs e vazias de utopias sem relação crítica com o mundo que se desvenda, e que jamais serão cumpridas tais promessas, primeiro pela contradição do mundo capitalista e exclusão dos pobres indesejáveis, segundo que em um sistema individualista, competitivo, meritocrático, exploratório se faz necessário os pobres e desvalidos para que os sujeitos fetichizados continuem desejando se incluir e participar da suntuosa festa do luxo, do consumismo afiançando a existência contínua desse sistema.

A relação do neoliberalismo com o sujeito é a mesma do senhor e escravo, por comparação, em que o senhor dita leis e o escravo as cumpre até o limite da exaustão sendo substituído por outro escravo selecionado pela “saúde dos dentes”.

Nessa linha de pensar, o sujeito é identificado apenas como objeto, nas relações de instituições são objetos institucionalizados. O sujeito é rotulado pelo papel social que desempenha transformando-se em objeto de si e das outras pessoas.

Visando alterar essa linearidade do sistema capitalista se faz necessário a consciência da luta de classes, a retirada do feitiço dos olhos, a limpeza da lente da realidade da vida, enxergando e negando o discurso dogmático desse sistema de eleitos promotor da exclusão legitimada por instituições como prática eterna.

Negar o dogma capitalista neoliberal é assumir a possibilidade da edificação de uma sociedade comunitária que venha enxergar o sujeito subjetivo para além do objeto, vivente para além da sobrevivência, é enxergar o respeito à vida, é ver que todos somos convidados ao “banquete da vida”, pois a festa é aberta para todos os viventes, independentes das leis e classes sociais fabricadas.

Este capítulo para finalizar a exposição, porém sem a intenção de esgotar o assunto, apresenta-se o sujeito humano e a vida real, na qual é trabalhado o conceito de libertação que ao ser tocado pelo neoliberalismo se torna libertação condicionada as leis do sistema capitalista.

Hinkelammert afirma: “Se não houvesse marco do possível, também não poderia haver limite da ação e esta não estaria submetida à realidade – então seria a liberdade pura em correspondência necessária com a realidade” (1986, p.256).

Ser sujeito livre é ir muito além das suas capacidades e descobertas, é ter soberania sobre a própria vida, desafiar o impossível dado pelo sistema capitalista fetichizado atual, é desafiar o possível nas regras impostas pelo mercado segregacionista e explorador.

Viver é se descobrir como sujeito vivente com capacidades de se construir e autonomia para negar o “brilho do ouro de tolo” da coisificação prisional do sistema

neoliberal contraditório em seu individualismo, meritocracia, valores invertidos de vida para alguns eleitos e morte ao pobre e indesejável.

Por todos os fins no projeto de vida, o sujeito que opta, o faz para viver, negando o suicídio aniquilador. Assim, evidencia-se que os fins nunca foram, são ou serão neutros, pois eles estão diretamente vinculados a vida do sujeito, e necessariamente a realização de seu projeto de vida. O sujeito vivo quer continuar vivendo, por isso, tende a sempre escolher a manutenção da vida, assim, se faz necessário optar pelo que é real, possível, factível, material para a realização do projeto de vida do sujeito.

Dessa maneira, o sujeito alternativo transcende todas as concepções de sujeito impostas pelo sistema capitalista neoliberal, embasado na individualidade, meritocracia, competitividade, exclusão e aniquilamento. O sujeito alternativo é negação total ao sujeito neoliberal, uma que ele se realiza com o outro sujeito em possibilidade real de uma “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida em comunidade, em partilha, em inclusão em respeito à sujeiticidade produtora de vida do sujeito e em negação a sujeitização e objetificação imposta pelo sistema vigente que produz a necrofilia, a morte do sujeito.

O sujeito vivo só existe com possibilidades reais de concretude de realizar seu projeto de vida em uma sociedade que valorize-o enquanto ser humano, cuidado e cuidador das relações da vida no mundo.

O sujeito vivente é responsável por nossa casa, por nosso mundo, no qual todos são bem-vindos e estão incluídos no projeto chamado “viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi construída com intuito de refletir por meio de pesquisa, análise e considerações de autores que buscam responder à pergunta norteadora proposta de investigar que mudança o neoliberalismo promove na subjetividade humana que o conduz a sua objetificação e sujeitização impedindo a formação do sujeito na atualidade?

Para refletir a construção do caminho dessa dissertação foi adotado como tema: Neoliberalismo e Sujeito na Crítica de Franz Hinkelammert. Dessa maneira, procuramos refletir sobre neoliberalismo e suas implicações na construção do sujeito atual.

A pesquisa se justificou frente a necessidade em realizar estudos, análises, reflexões e investigações sobre o sistema neoliberal na atualidade e a crise de sentido emocional e social da qual se encontra o sujeito neste contexto capitalista, sendo educado para responder positivamente em cumprimento dos anseios de acumulação e expansão do lucro mercadológico e consumista. Obs.: Especial atenção para a os diálogos realizados com Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* - 1987.

Ao analisar o sujeito racionalizado, útil, eficiente, proativo, flexível, empreendedor proposto pelo neoliberalismo como condição para realização do projeto de vida, nos deparamos com centenas de milhares de sujeitos sujeitizados, objetificados, excluídos, pauperizados e aniquilados vítimas da lógica do sistema capitalista neoliberal.

Se faz importante evidenciar que essa dissertação em nenhum momento interpretou as ações catastróficas para a vida humana, como afirma Hinkelammert (1998), realizadas pelo neoliberalismo como um erro ou equivoco ou ainda incompetência de um sistema político, econômico e social. Todas as ações desse sistema visam a obtenção de lucro e a manutenção do fetiche consumista, e para que isso ocorra de forma abrangente é necessário que milhões de seres humanos estejam às margens da sociedade implorando para ser incluído. Agindo nessa lógica perversa o neoliberalismo se perpetua transformando em objeto tudo o que seus tentáculos alcançam.

Defende Hinkelammert: “O homem é escravo do capital que o domina, capital resultante da entrega da propriedade ao proprietário privado, que ajunta capital explorando o trabalhador”. (1986, p. 100).

Este trabalho também destinou a pesquisa para a relação existente entre neoliberalismo e fascismo que a princípio se fazem excludentes ideologicamente, entretanto, após um olhar mais apurado se apresentam muito próximos, principalmente

em suas ações oligárquicas, ditatoriais, autoritárias, dogmáticas, contraditórias, higienistas, exterminadoras de oposições, aniquiladoras dos pauperizados e indesejáveis.

Afirma Manuela Cadelli: “O neoliberalismo é um fascismo porque a economia subjogou os governos de países democráticos, bem como todos os espaços de reflexão. O fascismo é definido como o assujeitamento de todos os componentes do estado a uma ideologia totalitária e niilista” (2017, s/p).

A dissertação também dialogou com autores referência no âmbito educacional visando compreender os impactos da formação neoliberal e a constituição do sujeito objetificado e sujeitizado, serviçal do neoliberalismo e defensor de sua doutrina baseada no individualismo, privatismo, meritocracia, competitividade, exclusão e aniquilamento dos pauperizados.

Em contribuição com a reflexão afirma Paulo Freire (1997) que o projeto educacional neoliberal está alicerçado na lógica da “Educação Bancária”, a serviço do capital em detrimento do conhecimento e da “vida lograda” (inteira), vida possível de ser vivida com o outro e comunitariamente, em diálogo com Hinkelammert (2017).

A medida que a pesquisa foi se aprofundando nos capítulos a pergunta norteadora foi se confirmando diante das reflexões dialógicas promovidas pelos diversos autores e principalmente por Franz Hinkelammert, sobre o problema central desse trabalho evidenciando a exclusão, desigualdade e violência social, promovida intencionalmente pelo sistema neoliberal como meio para atingir aos fins de obtenção de lucro e exacerbar o consumismo impulsionador do “desencantamento da vida”, Sung (2012) em diálogo com Hinkelammert (2017), do sujeito objetificado e sujeitizado, negando a este sujeito a possibilidade de viver fora do fetiche escravista, de viver uma “vida lograda” (inteira), uma vida possível de ser vivida sem o medo da morte estrutural promovida pelo sistema capitalista neoliberal.

A dissertação foi realizada por meio de análise e revisão bibliográfica na abordagem da Teoria Crítica, tensionando o modo de vida neoliberal atual em investigação sobre as influências do modelo fascista, voltado para aniquilamento do sujeito indesejável na perspectiva de Franz Hinkelammert.

Foram utilizadas análises de algumas obras principais, com destaque específico para as obras: “As Armas Ideológicas da Morte”; “El Grito Del Sujeto”; “El sujeto y la ley: El retorno del sujeto reprimido”; “Crítica da razão utópica”, de Franz Hinkelammert, que contribuíram significativamente para a construção da pesquisa sobre as intenções e

consequências do neoliberalismo, sua aliança aos princípios fascistas para obtenção do lucro e consumismo a serviço do capital.

Como obras periféricas de suporte aos estudos e composição da dissertação foram utilizados livros que abordem assuntos relacionados a Educação, Política, Capitalismo, Economia, Neoliberalismo, Fascismo, Utopia, Ideologia, Fundamentalismo, Globalização, Sujeito.

Esclarecendo a construção do trabalho, no primeiro capítulo foi apresentado a noção histórica do neoliberalismo enquanto conceito econômico, político e social, seu surgimento no cenário de guerras vivenciadas no século XX e seus desdobramentos para a atualidade.

Em sequência Franz Hinkelammert realiza suas considerações e críticas sobre o sistema capitalista neoliberal apontando suas intenções, contradições acadêmicas, científicas, ideológicas, econômicas, políticas e consequências sociais e ambientais ameaçadora e aniquiladora da vida.

Expõe Assmann e Hinkelammert: “[...] o homem ameaçado de morte ou morto, perde sua essência, uma vez que ele deixa de ser livre” (1989, p. 92).

A todo o momento o neoliberalismo busca legitimação material e transcendental para continuar operando em sua busca por lucro e ampliação do mercado consumista. Em reflexão a esse imperialismo transcendental foi realizado uma análise crítica sobre a Teologia do Império enquanto legitimadora da racionalização neoliberal de acumulação de bens e riquezas e exploração do outro em satisfação dos interesses do mercado.

Argumentam Assmann e Hinkelammert: “Embora o neoliberalismo o vincule com outro tipo de ética privada, ambos têm uma oposição comum em relação à percepção da política e do Estado, por um lado, e da importância da busca do lucro e dos mercados, por outro lado” (1989, p. 99).

O fundamentalismo neoliberal também entra em discussão nesse primeiro capítulo, uma vez que ele surge como afirmação dogmática do protestantismo conservador, rígido e inflexível, no início do XX e é incorporado pelo neoliberalismo sustentando a ideia de Deus, família e moralidade com verdade única em combate ao mal, que representa todos os pensamentos contrários. Acusa Hinkelammert: “aquele que pensar diferente da produção e acúmulo de capital, em um fetiche da dominação da coisa sobre a vida humana, é descartado à marginalidade e a invisibilidade enquanto ser” (1983, p. 45).

Na construção do segundo capítulo concretizou-se a reflexão analítica, crítica e investigativa sobre o neoliberalismo, o fascismo e a ação excludente do mercado enquanto promotora de aniquilamento da vida humana na ótica de Franz Hinkelammert. Defende em: *As Armas Ideológicas da Morte* (1983), o feitiço colocado sobre o produto é um perigo para a vida humana, pois inverte a lógica de valor e divide as classes em dominantes e dominados, legitimando a exploração, servidão, escravidão e execução da pena de morte.

Foi realizado nesse capítulo também, um diálogo entre Hinkelammert e Paulo Freire em análise e crítica ao sistema educacional neoliberal, apresentando o fetiche capitalista presente nos nichos da sociedade neoliberal. Defende Freire: “Educar é ter consciência do exato contexto e local, onde estamos fixados: “A educação é uma forma de intervenção no mundo” (1996, p. 20). A educação neoliberal individualista ao invés de emancipar, objetifica, ao invés de libertar, aprisiona, ao invés de dar autonomia, sujeitiza as gerações a viver para atender aos interesses mercado.

Defende Hinkelammert: “Essa associação de homens livres – e somente em associação os homens podem ser livres – é a superação do fetichismo da mercadoria. É ao mesmo tempo, a superação do misticismo da natureza e do domínio da natureza sobre o homem” (1983, p. 38).

Essas manobras realizadas pelo capitalismo neoliberal em ocultar suas ações para não se responsabilizar pelas mazelas por ele cometidas, é dialogada ao refletirmos sobre o neoliberalismo, fascismo e suas implicações no aniquilamento do sujeito, do outro, em atendimentos aos interesses do lucro e consumismo do mercado. Argumenta Hinkelammert: “O sujeito é o outro. Por isso não é um indivíduo. Nunca está sozinho” (1998, p. 247). Partindo dessa afirmação, podemos descrever que o sujeito é maior do que o individual, ele só pode existir em relação ao outro.

Finalizando a discussão nesse capítulo foi tensionada a racionalidade formal do capitalismo em valorizar o produto calculável frente a racionalidade material exposta por Hinkelammert em valorizar a subjetividade do produtor e sua possibilidade de ser sujeito de vida alcançável, “vida lograda” (inteira), possível de ser vivida com o outro e comunitariamente.

Lukács, expõe a síntese do ser humano ético na individualidade e no todo em sociedade. O ser humano se faz na ética da vida, dialogando com Hinkelammert (2017), só pode haver ética na “vida lograda” (inteira), uma vida possível de ser vivida.

No terceiro capítulo dessa dissertação tratamos do conceito de sujeito e sua relação com o mercado neoliberal, relação de um mercado desequilibrado que jamais assumirá suas responsabilidades com as catástrofes e o sujeito precarizado vivendo, sobrevivendo e morrendo para atender aos mandos do sistema neoliberal. Para Hinkelammert é preciso criticar essa relação de sujeito precário e mercado desequilibrado para resistirmos em defesa da vida.

Afirma Hinkelammert: “Da mesma forma, ninguém duvida que a lógica do egoísmo e da estupidez é a morte. Por isso mesmo, os atos daí derivados são encarados como crime. E, portanto, o castigo do crime é a afirmação da vida diante da morte ou pode sê-lo” (1986, p. 26).

Reafirmando essa visão, Hinkelammert reflete a partir do sujeito vivo, sobrevivendo ao mercado neoliberal que o transforma em sujeitos sujeitizados, úteis, práticos, racionalizados, negando a possibilidade do sujeito vivente em plenitude de sua subjetividade, da vida alcançável, lograda (inteira).

Hinkelammert (1986) defende que é importante realizar a crítica a ilusão transcendental imputada pelo sistema neoliberal, uma vez que essa ilusão é fetichista e promete a realização individual de um mundo perfeito inalcançável como meta a ser batida.

Hinkelammert afirma que é somente a vida real do sujeito, ausente do fetiche capitalista a serviço do lucro e consumismo como realização de vida perfeita, se realizando em vida comunitária e valorizando a vida possível de ser vivida sem medo da ameaça de morte promovida pelo sistema neoliberal, mas a valorização do sujeito em sua subjetividade é possível deter a aniquilamento dos indesejáveis pauperizados.

Defende Franz Hinkelammert (1986) que é na transcendência do sujeito vivo que ele se reafirma em suas escolhas dos fins factíveis. O sujeito vivo quer continuar vivendo, por isso, tende a sempre escolher a manutenção da vida, assim, se faz necessário optar pelo que é real, possível, factível, material.

Por fim do terceiro capítulo, foi abordado brevemente a concepção de sujeito alternativo e sua sujeitidade, que se realiza na humanização das relações entre os sujeitos. Essa relação só é possível quando existe o reconhecimento entre os sujeitos em comunidade de bens, antecedendo a institucionalização, portanto, sendo subsidiária entre eles, compartilhando o que tiver.

Dessa maneira, todas as libertações possíveis e emancipatórias ocorrem a partir do reconhecimento entre os sujeitos, daí surgindo um sujeito alternativo, diferente da imagem institucionalizada neoliberal.

Esse sujeito alternativo, uma vez com identidade, não tolera mais a opressão, exploração, exclusão, impostas ao sujeito objetificado e sujeitizado pelo sistema capitalista aniquilador de vidas.

É importante salientar que essa dissertação buscou analisar as consequências do neoliberalismo para a vida, suas armas ideológicas presentes na sociedade e a promoção da exclusão e morte do sujeito.

Sem o intuito em arrogar caminhos, mas como sugestão de pesquisas futuras se faz mister continuar analisando, criticando e denunciando, com a urgência que o tema requer, principalmente na área da educação as implicações no neoliberalismo, teologia e o sagrado no capitalismo como religião, além da prática neoliberal e sua proximidade com ideologias ditatoriais, segregacionistas e promotoras de morte, sobretudo os estudos sobre o sujeito alternativo (aquele que discorda do individualismo consumista neoliberal e busca uma vida possível comunitariamente) e principalmente pesquisas que apontem os rumos do neoliberalismo no século XXI e a preservação da vida no planeta. Assim, buscando alternativas de resistência revolucionária contra o díspar *modus vivendi* neoliberal, para edificarmos alternativas mais igualitárias e justas a serviço do ser humano em uma sociedade comunitária que se importe com a vida em primeiro lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ALCÂNTARA, Norma. **Lukács: Ontologia e Alienação**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus – o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 157.
- ANZALDÚA, Gloria. **La Conciencia De La Mestiza / Rumo A Uma Nova Consciência**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005, p.705; 706.
- ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz J. **A idolatria do Mercado**. São Paulo: Vozes, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- BERMÚDEZ, Ana C. **O que está acontecendo no Chile? Especialistas explicam**. Do UOL, São Paulo, 21 de out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/10/21/o-que-esta-acontecendo-no-chile-especialistas-explicam.htm>. Acesso em: 21 de nov. 2019.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado: elementos para a uma sociologia da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. vol. 1. Brasília: EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB - 11ª edição, 1998, p. 466-475.
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: A Globalização e o Futuro da Humanidade**. Rio de Janeiro, Sextante, 2002, p.12; 25; 33.
- CADELLI, Manuela. **O neoliberalismo é um fascismo**. Carta Maior: Portal da Esquerda, maio de 2017 <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/O-neoliberalismo-e-um-fascismo/47/38061>> Acesso em: 02 out. 2019.
- CASOS, Alejandro. **Fetichismo, Crítica de las utopías y teología de la liberación en Franz Hinkelammert**. Saskab. Revista de discusiones filosóficas desde acá, cuaderno 6, 2008. <http://www.idealz-institute.com/sp/CUADERNO6/C62.pdf>.

COELHO, Allan da S. **Superar a educação cúmplice da exclusão da juventude.** Revista Espaço Acadêmico – n. 129 – fevereiro de 2012.

_____. **Capitalismo como Religião:** Uma crítica a seus fundamentos mítico-teológicos. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. São Bernardo do Campo/SP, 2014.

COELHO, Fernanda M. S. **As concepções de Direitos Humanos que fundamentam a educação em Direitos Humanos.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Piracicaba, 2018.

CORREIA, José Ailton C. L. **Ainda Auschwitz...? A Barbárie e a Banalidade do Mal no Neoliberalismo: Diálogo Crítico a Partir de Theodor Adorno e Hannah Arendt.** Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP. Piracicaba, 2018.

COSTA, André. **O Fracasso da Globalização.** Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2004.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral.** Vol. Único. São Paulo: Saraiva, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DESCARTES, René. **René Descartes. Discurso sobre o Método.** São Paulo: Hemus, 1978.

_____. **Discurso do Método. As paixões da alma. Meditações.** São Paulo: Nova Cultural, 1999. (col. Os Pensadores).

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina.** Trad. Luiz João Gaio, São Paulo: Edições Loyola, 1977.

_____. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

ESTÉVEZ, Jorge Vergara. **Una crítica epistemológica al neoliberalismo,** CLACSO. Disponível em: <This content downloaded from 177.140.74.106 on Wed, 28 Aug 2019 19:59:27 UTC All use subject to <https://about.jstor.org/terms>.

_____. **Franz Hinkelammert, El nihilismo al desnudo. Los tiempos de la globalización, Ed. Lom, Santiago, 2001.** Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/polis-7220.pdf> Acesso em: 27 nov. 2019.

FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

_____. **O Dilema Americano**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **O Educador vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e Liberdade**. Rio de Janeiro: GEN/Grupo Editorial Nacional, 2014.

FROMM, Erich. **El corazón del hombre. Su potencia para el bien y para el mal**. México: Lectulandia, 1964, p. 17.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado**. Tradução de Marta Conceição Gambine. São Paulo: ed. Paz e Terra, 2008.

_____. **O Bode Expiatório e Deus**. Tradução de Márcio Meruje. Covilhã: Lusosofia, 2008.

GIROUX, Henry. **Poder e resistência na nova sociologia da educação: para além das teorias da reprodução social e cultural**. In: GIROUX, Henry. **Pedagogia Radical: subsídios**. São Paulo: Cortez, 1983, p. 31-56 (cap. 2).

_____. **Entrevista O neoliberalismo é a nova face do fascismo - A linguagem da educação neoliberal**. Entrevistado por Mitja Sardoč, 2008.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Dicionário de Filosofia**, 2010. Disponível em: <Gregório<https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefilosofia/fundamentalismo>>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 366.

_____. **Multitud: war and democracy in the age of empire**. New York: Penguin Press, 2004.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Para Entender O Capital: Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HAYEK, Friedrich A. **O Caminho da Servidão**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**, verbete “Fundamentalismo”, 2009.

_____. **Desemprego e Política Monetária**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2011.

HINKELAMMERT, Franz. **As Armas Ideológicas da Morte**. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **A Crítica à Razão Utópica**. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **El Grito Del Sujeto**. São José/Costa Rica: Departamento Euménico de Investigaciones (DEI), 1998.

_____. **El sujeto y la ley. El retorno del sujeto reprimido**. Ciudad de La Habana - Cuba: Editorial Caminos, 2006.

_____. **A Rebelião dos Limites: entrevista com Franz Joseph Hinkelammert**. Cadernos de Pensamento Crítico Latino-americano (CLACSO) e (FLACSO), agosto de 2011. Disponível em: <<http://flacso.org.br/files/2014/12/XVIIcadernopensamentocritico.pdf>> Acesso em 27 nov. 2019.

_____. **Entrevista. En el marco del 150 aniversario de la publicación de El Capital del Marx, 2017. (1:30:01)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Do3FZpaXCzc>> Acesso em: 02 jun. 2019.

LAVAL, Christian. **O ataque estratégico do neoliberalismo à educação**. Blog da Boitempo <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/09/30/o-ataque-estrategico-do-neoliberalismo-a-educacao/>> Acesso em: 02 out. 2019.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental**. In: LOUREIRO, C. F. B., LAYRARGUES, P. P., CASTRO, R. S. de (Orgs). Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LANGARO, Paulo. **Sujeitos do Conhecimento**. Blog <http://desenvolvendoopensamentocritico.blogspot.com/2010/05/sujeitos-do-conhecimento.html>.> Acesso em: 10 out. 2019.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Ecosocialismo e planejamento democrático**. Crítica Marxista, n.28, p.35-50, 2009.

LUKÁCS, Georg. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem in Temas de Ciências Humanas**, Livraria Editora Ciências Humanas LTDA, São Paulo: 1978.

_____. **Per una Ontologia dell'Essere Sociale**. Roma: Rinuti, vol. I, 1976, vol. II, 1981.

MANNION, James. **O livro completo da filosofia**. São Paulo: Madras, 2006.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 6 vols. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

_____. **O Capital**. (Livro I, vol. 2, 10ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

_____. **O Capital**. Trad. Rubens Enderle. Livro I, São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, Olgária C. F. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2010.

MÍGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. **Para além do espírito do império**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MISES. Ludwig. **As Seis Lições**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

_____. **Ação Humana um Tratado de Economia**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

_____. **Liberalismus**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

MORAES, Reginaldo C. **Neoliberalismo: De onde vem, para onde vai?** São Paulo: SENAC, 2001.

MUCACHE, Cornélio R. **A práxis Pedagógica em Tempos de Neoliberalismo: um ensaio filosófico de educação**. Curitiba/PR: Appris, 2019.

OLIVEIRA, Ivanilde A.; DIAS, Alder S. **Ética da Libertação de Enrique Dussel**. Caxias do Sul: Conjectura, 2012, p. 90.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Ética, direito e democracia**, 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Pésio Santos de. **Introdução à Sociologia: Série Brasil**. São Paulo; Ática, 2006.

PANSARELLI, Daniel. **Filosofia e práxis na América Latina: Contribuições à filosofia contemporânea a partir de E. Dussel**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Metodista de São Paulo, Umesp, São Paulo, 2010.

POPPER, Karl. **La lógica de la Investigación Científica**. Madri: Editora Tecnos, 1980, p. 397.

QUESADA, Francisco M. **Conocimiento Científico, Dialéctica e Ideología**, Bogotá: in Guillermo Hoyos (ed.), *Epistemología y política*, 1980, p. 95.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

SANCHES, Mariana. **O que une crises na Bolívia e no Chile, modelos da esquerda e da direita na América Latina**. BBC News Brasil em Washington, 12 de nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50386894>. Acesso em: 21 de nov. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Descolonizar El Saber, Reinventar El Poder**. Montevideo/Uruguai: Ediciones Trilce - Extensión universitária. Universidad de la República, 2010.

SELL, C.E. **Sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx**. Itajaí: Editora Univali, 2006.

SILVA, Francisco de Assis. **Sobre o Fetichismo do Capital em Karl Marx**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2011.

SILVA, Luzia B. O.; BARCELLOS, Ana Carolina K.; PADILHA, Anna Maria L. **O Diálogo em Educação: um caminho ou uma nova paideia para uma reflexão sobre a educação numa sociedade de consumidores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

SUNG, Jung Mo. **Sementes da esperança: a fé em um mundo em crise**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **Educar para reencantar a vida. Pedagogia e espiritualidade**. 3 Edição Ampliada. Editora Reflexão, São Paulo, 2012, p.13; 58; 101.

_____. **Religião, direitos humanos e o neoliberalismo em uma era pós-humanista**. Revista – Metodista- v. 31, n. 3, 2017. p. 234.

SCARRONE, Flavio. **A Contribuição do Conceito de Sujeito em Franz Hinkelammert para o Estudo da Religião**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2013.

VIANA, Nildo. **Hipermercantilização, Consumo e Educação**. In: SILVA, L.; BARCELLOS, A. C. K. e PADILHA, A. M. *O Diálogo em Educação*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VILLARROEL, Gilberto. **La herencia de los "Chicago boys"**. BBC Mundo. Santiago do Chile, 10 de diciembre de 2006. Disponível em: <https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/example/index/abnt/newspaper-article>. Acesso em 21 de nov. 2019.

ZAMORA, Maria H. **Os corpos da vida nua: Sobreviventes ou resistentes?** Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 104-117, maio 2008.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz N. **10 Lições Sobre Adorno.** Petrópolis: Vozes, 2015, p.79; 80.